

Paul Bodier

Estudo Documental Sobre o Livro

O Espírito Consolador ou Nossos Destinos

por P. V. Marchal

Paul Bodier - L'Esprit consolateur nos destinees

Librairie des Sciences Psychiques

Paul Leymarie, Paris, 1924



AUTORES ESPÍRITA CLÁSSICOS

www.autoresespiritasclassicos.com

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Paul Bodier
Estudo documental sobre o livro
O Espírito Consolador ou nossos destinos
por P. V. Marchal

«Quando o Espírito da Verdade vier ele vos ensinará todas as coisas»
(João XII, 13)

Tradução Original do Francês
Paul Bodier
Étude documentaire sur le livre
Paul Bodier - L'Esprit consolateur nos destinées

Librairie des Sciences Psychiques
Paul Leymarie, Paris, 1924



AUTORES ESPÍRITA CLÁSSICOS
www.autoresespiritasclassicos.com

Data da publicação: 11 de fevereiro de 2012

CAPA: Irmãos W.

TRADUTORA: Fabiana Rangel

REVISÃO: Irmãos W.

PUBLICAÇÃO: www.autoresespiritasclassicos.com

São Paulo/Capital

Brasil

Conteúdo resumido

O livro é escrito no início do século XX, por Paul Bodier, e se baseia em trechos de um livro – cujo título é “O Espírito Consolador ou nossos destinos” – escrito no século XIX pelo padre P. V. Marchal. Bodier procura, no livro, trazer mensagens de conforto a uma senhora que havia perdido o marido e um filho. O autor busca consolar o coração daquela senhora a partir de uma nova forma de compreender a morte e também a vida, apresentando-lhe o que ele chama de fé racional. Ao longo dos capítulos – e marcado por discussões e pensamentos característicos ao século XIX e primeiras décadas do século XX – Bodier vai debatendo não somente a vida pós-túmulo, como traz temas diversos, nos quais se destacam a existência do inferno e a vida em outros planetas, então questionando dogmas que naquele tempo a Igreja tradicional buscava focar.

Sumário

Nota do editor / **05**

I - As almas que sofrem / **08**

II - O infinito / **13**

III - Os mundos habitados / **20**

IV - A escada de Jacó / **27**

V - A grande tradição / **33**

VI - O lago de fogo / **39**

VII - O inferno diante da razão / **45**

VIII - Os mundos felizes / **50**

IX - Os esclarecedores / **57**

X - O mistério da dor / **65**

XI - Os corações sensíveis / **71**

XII - As asas / **76**

XIII - O corpo etéreo / **81**

XIV - Os mensageiros celestiais / **86**

XV - A morte transfigurada / **92**

XVI - Os novos tempos / **98**

XVII - A livre evolução / **103**

Conclusão / **108**

Nota do Editor

O autor de “A cidade do silêncio” devia ter sido tentado a comentar um belo livro incompreendido e publicado. O estudo sobre “O Espírito Consolador ou nossos destinos” de P. V. Marchal será para o leitor um presente literário. Ele será, de outra forma, particularmente útil a todas as pessoas desejosas de estabelecer um paralelo entre os dogmas incomuns das religiões e as novas descobertas científicas que fazem entrever a possibilidade de conciliar, definitivamente, a fé e a crença, instaurando a verdadeira religião do amor servido e defendido pela ciência e pela razão. Esse livro pode ser facilmente compreendido. É suficiente, para isso, deixar velhos dogmas, livrar-se das quimeras engendradas por uma religiosidade ingênua e desoladora, por se dar conta de que a verdade pode de repente tornar-se luminosa e fácil de observar quando ela é sustentada pela lógica e pela razão desprovida do orgulho.

Todos que lerão esse livro tirarão dele proveito considerável e se os sectários, os dogmáticos, os orgulhosos, os hipócritas, os falsos devotos e os maus ricos estigmatizam, os seres de boa vontade são dados como exemplo e prova de que o espírito humano deve, inelutavelmente, crescer pelo trabalho e pelo amor para se aproximar da infinita sabedoria do Todo-Poderoso.

Eu dedico este estudo a todos aqueles que duvidam, a todos aqueles que sofrem e particularmente as mães e as esposas que choram os entes queridos que a morte lhes arrebatou. Possam essas páginas levar-lhes, com esperança, a fé esclarecida, que tornará suas almas confiantes e fortes.

P. B.

Querida Senhora,

Após vários anos de pesquisa, eu posso finalmente dar o que eu prometi durante a nossa última entrevista, quando a senhora, esposa e mãe, vem em lágrimas colocar nos túmulos de seu marido e seu filho as primeiras flores da primavera.

Aqui estão alguns trechos de um livro maravilhoso. Eles afastarão de vossa alma as preocupações mortais, porque a leitura atenta que a senhora pode fazer lhe desenvolverá a divina esperança e lhe facilitará a compreensão da vida e da morte, compreensão tão necessária para o desenvolvimento de sua fé fundamentada.

Eu estou muito alegre por lhe trazer uma parcela de verdade que irá tornar sua vida mais suave, que vai reforçar a sua fé sem assustá-la, sem trazer qualquer negação, nem mesmo a nenhuma renúncia, no sentido absoluto dessas palavras.

Os seres humanos, veja, nem sempre são tão ruins quanto parecem. Basta, na maioria das vezes, para ganhar seus corações, encontrar a palavra certa que desperte sua sensibilidade e faça vibrar suas almas na mesma sintonia.

Isso não excede a mente humana e não demanda mais que um pouco de boa vontade. A senhora encontra a prova nas lições reunidas neste pequeno livro.

Ele será fácil de entender, será útil para meditar, será sempre tranquilo para se lembrar porque elas, as lições, lhe darão uma força nova e benéfica para melhor suportar a provação, para seguir o curso de sua vida sem lamentar, e esperar, com a máxima confiança, a aurora magnífica da vida espiritual que lhe dará a recompensa por seus esforços perseverantes.

Os capítulos que se seguem foram escritos há quase meio século por um padre que preferiu o espírito que vivifica à letra que mata. Ele os reuniu, junto a outros menos importantes, em um volume que ele tinha dado o amável título "O Espírito Consolador ou nossos destinos."

Este livro não pode atualmente ser reeditado no todo, tendo o autor falecido há menos de cinquenta anos. Eu devo, para estar em dia com a lei, dar-lhe somente alguns trechos, mas eles serão suficientes com os comentários que eu entendi que deveria acrescentar para mostrar-lhe a lógica perfeita que preside a elaboração destas páginas. Esses escritos vão acalmar sua alma chorosa, adocicarão seu coração desolado e machucado, porque a senhora vai encontrar neles o consolo verdadeiro e a sublime esperança de compreender, para além da sombra transparente do túmulo, o Divino Amor vencedor da morte, a amor divino que vai levar-lhe para as esferas luminosas onde devem se desenvolver, em uma apoteose de glória sempre crescente, as vidas incontáveis e sucessivas de humanidades enfim nascidas à razão e por isso irresistivelmente pulsantes na direção da sabedoria suprema do Criador.

Paris, maio de 1923. Paul Bodier

I. As almas que sofrem

Eis aqui um capítulo, minha cara, que se poderia dizer especialmente escrito para a senhora. Na verdade, ele convém a todas as mulheres que sofrem, a todas as esposas e a todas as mães que choram. Ao lê-lo, a senhora terá a resposta as questões que, sem dúvida, surgiram muitas vezes em seu cérebro e atormentaram seu espírito angustiado.

René não está mais aqui! Esse golpe que lhe atinge, senhora, obriga sua pobre solitária a esquecer suas tristezas, por não pensar senão em sua inconsolável dor.

O que coloca ao máximo a sua aflição, diz a senhora, é que ele morreu em circunstâncias que lhe forçam a duvidar de sua saúde.

Sua ansiedade, senhora, não me surpreenderia, porque em nossa época tormentosa seria difícil contar as nobres esposas que a compartilham.

A senhora gostaria que eu lhe dissesse “se René se foi para sempre, ou se a senhora ainda pode esperar encontrá-lo em um mundo melhor”?

Para ser sincero, eu começo por confessar que a teologia corrente não saberia lhe oferecer aqui o menor consolo. Entretanto, eu não receio lhe responder com a segurança de uma convicção profunda: Não, René não está de modo algum condenado para sempre!

Sim, a senhora o reencontrará para amá-lo como não se ama aqui embaixo.

Para justificar essa afirmação consoladora, é preciso retirar de seu espírito uma série de preconceitos, para enchê-lo de idéias novas.

A fé profunda e serena, que torna os corações bons e corajosos por torná-los felizes, eis o que falta a nossa geração árida e inquieta. Eu vejo muitos Espíritos doces por ignorância, por tradição ou por temperamento adormecido, fechando os olhos sobre o travesseiro mais ou menos doce da fé cega.

A verdade, para eles, é que isso não lhes causa nenhum constrangimento. Eles se abstêm de pensar para não ter de refletir, e fingem não duvidar de

nada, para não se exporem a duvidar de tudo. Um dogma novo que atrapalhe completamente a constituição da Igreja os atinge menos que um temporal. Eles são talvez devotos, mas seriam religiosos? A religião, de fato, não é mais que o encontro de dois amores: o amor de Deus que procura o homem, e o amor do homem que procura Deus, ou lhe responde. Ora, longe de compreendê-la assim, os Espíritos dos quais eu falo a definiriam de bom grado: a arte de se colocar dentro das regras para evitar o inferno, supondo que ele existe.

Outros, mais fervorosos, porém talvez menos crentes, empreendem uma atividade muito encorajadora, muito escandalosa, e pouco cristã. Longe de disfarçar “seu desprezo vigoroso”, eles se glorificam e tomam proveito. Eles detestam a liberdade sob todas as formas, e impulsionam a franqueza a ponto de lamentarem em voz alta os belos dias da Inquisição. Seu Deus não está mais no céu, ele está no Vaticano; e os povos não têm outro direito senão o de obedecer a seus decretos. A seus olhos, o fim justifica os meios, e para realizar seu ideal magnífico, de bom grado eles colocariam fogo na Europa.

Quem quer que sejam, eu não posso imaginar infeliz mais digno de piedade do que aquele que só crê na matéria e só espera o nada.

Parece-me que uma alma sem fé deve assemelhar-se a uma casa abandonada, a um deserto vazio e sem água. A vida deve parecer muito desencantada por ser positiva, muito rigorosa por ser monótona. E depois, quando não se vê nada para além desse túnel que se chama morte, onde encontrar a força de amar ao ponto de permanecer fiel apesar dos desgostos, de suportar, sem cair, os grandes tormentos, de se sacrificar com alegria às causas nobres? O cálculo substitui o entusiasmo, e o egoísmo sufoca esse primeiro laço do coração sobre o qual Talleyrand dizia: “Desconfie, é o melhor”. Muitos horizontes celestiais, muitas visões radiantes, mas sempre a vulgaridade dos interesses correntes, a terra à terra dos prazeres baixos, o desespero frente a dor, a covardia diante da morte, ou essa covardia diante da vida, que se chama suicídio.

A fé profunda pode somente nos tornar justos, ao ponto de sacrificar

nossos interesses; sozinha, ela pode nos conservar amáveis em meio às desilusões da velhice.

Entre aqueles que parecem crer em tudo e aqueles que se gabam de não crer em nada, vejo uma multidão de Espíritos elevados, porém inquietos, que me inspiram a mais viva simpatia. Esses Espíritos provam, de um lado, uma repugnância invencível pelo novo símbolo que se desejaria lhes impor; contudo, de outro lado, eles são muito preocupados com o infinito que os envolve e com o futuro que os espera. Frente ao divórcio irremediável que separa o neo-catolicismo da sociedade moderna, eles se mantêm fiéis à bandeira da liberdade e da ciência, mas eles se encontram sem bússola, e os olhos procuram a estrela que os guiará à terra prometida. Eles amam seu século, eles amam seus irmãos, eles amam a vida, mas eles sabem que é preciso morrer, e se perguntam ansiosamente o que é a morte. Eles querem acreditar, mas precisam de uma fé racional, a fé da qual fala São Paulo, que repousa o espírito e alegra o coração.

Rezando como a senhora sobre um túmulo amado, eles gritam de bom grado com o poeta: “Pode-se duvidar diante de um túmulo?”. E esse pressentimento não é uma ilusão enganadora. Não, nós guardamos a vida, e essa vida não poderia desaparecer.

Nada se perde na criação sequer um átomo, e a alma, aos olhos de Deus, é mais preciosa que qualquer matéria. O que é difícil de explicar não é que a alma possa ficar sem o corpo, mas que ela possa viver com ele. Não, o espírito que soube pesar os mundos e encontrar as leis de suas evoluções não poderia ser simplesmente poeira. O coração que sabe amar até o ponto do sacrifício, sem esperança de retorno, a um ser ingrato, contém uma força divina que não perece.

Goethe saiu a passeio uma tarde com seu amigo Eckermann no bosque de Weimar.

O poeta, fixando o sol poente, cita essas palavras de um antigo: “Mesmo quando ele desaparece, é sempre esse mesmo sol!”. E acrescenta: “Quando se tem setenta e cinco anos, não se pode deixar de pensar algumas vezes na morte. Esse pensamento me deixa em uma calma perfeita, pois tenho a firme convicção de que nosso espírito é uma

essência de uma natureza absolutamente indescritível: ele continua a agir de eternidade a eternidade. Ele é como o sol que só desaparece ao nosso olhar mortal; na verdade, ele não desaparece nunca, e na sua jornada ele sempre ilumina”.

Não é a senhora que vai se recusar de subscrever essas palavras do ilustre senhor. Não somente a senhora crê na sua própria imortalidade como também a sente. Algum artista inspirado encantou seus ouvidos com uma dessas obras primas melancólicas e profundas das quais os mestres têm o segredo? Então um frisson elétrico percorreu todo seu ser. A senhora viu se romperem os limites de seu estreito horizonte, e sua alma tomou seu rumo na direção do infinito. Essa música lhe disse a verdadeira linguagem do país de seus sonhos. Se nós conhecemos aqui embaixo esse mal terrível que Bossuet chama o inexorável tédio, é porque nossa alma parece um oceano vazio. Ela mede em um olhar a distância que separa o ideal que ela entrevê da realidade que ela toca, e sua tristeza não é outra coisa senão nostalgia.

Se eu devo morrer completamente, por que sou eu livre e responsável a ponto de sentir remorsos? Por que essa sede inextinguível do melhor? Por que a virtude cândida é tão frequentemente vítima, enquanto o sucesso é a partilha de hábeis perversidades? O que é essa vida senão um contínuo de trabalhos monótonos, de entusiasmos fingidos, de decepções amargas, de separações dilacerantes? E seria essa a última palavra da bondade divina em nossa consideração? Não, não, nada acontece nesse baixo mundo, então existe um outro onde as belas almas tomarão sua compensação, e onde os esboços se tornarão obras primas.

Esses são clarões consoladores, belas escapadas, sem dúvida, mas os Espíritos dos quais eu falo são muito ávidos para serem plenamente satisfeitos. Não contentes de presumir que a alma é imortal, eles se perguntam se estão seguros de reviver na plenitude de sua personalidade, e quais serão as condições de sua vida futura. A senhora mesma esteve lá, eu lhes decifro meias-confidências. Apesar de sua piedade sincera, sente que a teologia comum é impotente para lhe consolar, e me suplica que lhe dê esperança. Diante dos preconceitos de seu mundo, um abismo

deveria nos separar, mas sua bela alma é, para certas tradições, o vinho novo para velhos odres. Ela me perdoará então responder com toda franqueza a suas questões ousadas e abrir uma saída sobre os horizontes magníficos que ofuscaram meu olhar.

A essas linhas eloqüentes, permita-me, cara senhora, acrescentar algumas palavras?

“A verdade, disse Stuart Mill, não se levanta como o sol, por seu movimento próprio e sem esforço humano, não basta esperá-la para percebê-la”.

Eis porque é necessário estudar e fazer um esforço por conhecer a verdade. Ao se esforçar, de alguma maneira, em ler essa pequena obra, eu creio facilitar sua empreitada. Deus fará o resto. Isso que disse Stuart Mill se encontra no velho dito popular: “Ajude-se que o céu te ajudará”, porque a verdade não se impõe aos Espíritos preguiçosos.

Continue a ler as páginas que seguem. Muitos problemas se solucionarão. Muitas dúvidas se dissiparão.

II. O infinito

« Coeli enarrant gloriam Dei » - « Os céus narram a glória de Deus. »

Nada mais verdadeiro, cara senhora, que essas palavras. A senhora perceberá toda a exatidão delas quando tiver lido esse segundo capítulo. Estou certo de que se, desde tenra idade, déssemos às crianças uma idéia da harmonia e da imensidão do Universo, elas estariam naturalmente aptas a conceber, quando chegassem à idade núbil, o poder maravilhoso do Criador. E, então, a Fé sólida, racional, inquebrantável, entraria para sempre em suas almas.

Permita-me citar algumas linhas extraídas de um livro escrito por um jovem professor da Escola Normal, Henri Brun, desaparecido durante a Grande Guerra. Observe bem o que ele diz sobre a Fé:

“Quando a Virtude e a Felicidade entram na alma de uma criança sob os auspícios da Fé, já não são mais anfitriões temporários! Eles se rejubilam na estadia, a tornam sua e permanecem com ela! E o mal pode bater à porta: a Virtude não abre! E o Infortúnio pode se abater sobre a casa: a Felicidade não sucumbe!¹”.

Quando se contempla o céu estrelado com uma consciência pura, “a prece jorra do coração com a admiração; opera-se uma misteriosa troca entre as aberturas do universo e os abismos da alma humana”. Estuda-se mais sobre Deus em suas obras, deslumbra-se. Encontra-se sobretudo muita beleza nesse pensamento de um poeta: “O céu dá aquilo que ele recebe: os contempladores são também os contemplados”.

O espaço é infinito. Para lhe dar uma pequena idéia dessa infinitude, firme-se, se ousar, sobre uma centelha elétrica cuja potência faz a volta ao mundo oito vezes em um segundo. Depois de um minuto, nossa pobre e pequena terra não nos parece mais que uma pálida estrela. Um instante foi suficiente para atravessar a órbita de Netuno. Em três anos nós teremos alcançado o imenso oceano que separa nosso sol da estrela mais próxima. Desse ponto, nós não percebemos mais nem a Terra nem nenhum desses mundos de nosso sistema. Nós seguimos nossa rota,

¹ Henri Brun, “A Nova Fé”, Paul Leymarie, editor, Paris.

sempre com a rapidez do raio, atravessando ilhas de luz etérea, vias estelares, paragens suntuosas onde o Todo-Poderoso semeou os sóis como ele semeou as flores em nossos prados. Nosso trajeto durou séculos sem desacelerar, bilhões de esferas passaram sob nosso olhar, os sóis sucederam aos sóis, os desertos vazios substituíram os turbilhões de planetas, e nós não demos mais que um passo no universo!

Nas noites claras e sem lua, é possível frequentemente observar essa fraca luz esbranquiçada que atravessa o céu, e que é chamado via Láctea. Essa luz difusa foi longamente explorada pelo olhar penetrante do telescópio, e ali onde o olhar não vê mais que um fio esbranquiçado, a ciência nos mostra milhões de sóis. Esses sóis, que parecem se tocar, estão distantes uns dos outros, distância essa que eu renuncio a lhe dar uma idéia.

Ora, na imensidão da criação, a via Láctea não representa mais que um ponto de razoável importância, pois ela é uma simples nebulosa, como existem milhares de outras no espaço. Se ela nos aparece mais vasta que as outras, é porque ela nos rodeia e se desenvolve sob nossos olhos em todo seu entendimento, enquanto as outras se deixam entrever apenas nas profundezas insondáveis. Assim, a Terra é apenas um grão de areia ao lado do sol; e este não é mais que uma pequena estrela perdida na via Láctea; e esta não passa de um departamento entre as nebulosas; e as próprias nebulosas são apenas uma província no infinito.

O mundo, senhora, é o sem fim se movendo no sem fundo.

Quando eu reflito sobre essa imensidão absurda, mal posso conceber o orgulho de alguns proprietários de terras. Entretanto, compreendo certa satisfação no homem, pois ele é grande, maior que todos esses mundos, porque esses mundos são matéria, e ele é Espírito. É como Espírito que ele os descobre, os pesa, os admira; é como Espírito que ele aspira para além de todas as suas maravilhas, porque ele compreende que se elas são obras de Deus, elas não são Deus.

Entre os diversos sóis do espaço, a maior parte é, como o nosso, rodeada de planetas que eles iluminam e fecundam pelas mesmas leis que aquelas que presidem nosso sistema. Uns, como Sirius, são mil vezes mais

magníficos em dimensão e em riqueza, e se vêem rodeados de terras mais belas e mais numerosas.

Nosso Sol não é mais que uma estrela de terceira grandeza. No entanto, ele é mil e trezentas vezes maior que a Terra, seu diâmetro medindo 345.000 léguas². Ele é o esplêndido regaço cujos aromas incessantes animam e fecundam as terras que o cercam. É ele que sustenta nosso globo na imensidão, produz suas evoluções e lhe cobre com seu véu. É ele que espalha a vida e que traz alegria, que faz florir a roseira, abrir os rostos e cantar as almas. Rodeado de seu cortejo de planetas, ele nos aparece como um rei maravilhoso em meio a sua corte, ou mais ainda como um pai venerado em meio a seus filhos.

Mercúrio tem a honra de ser seu familiar, dado que ele não está longe senão por uma quinzena de milhões de léguas. Seu ano é de oitenta e oito dias, e seus dias são de vinte e quatro horas. Seu diâmetro mede aproximadamente 1.200 léguas, mas sua atmosfera é muito densa e suas montanhas parecem muito maiores que as nossas.

A charmosa Vênus, que vem depois, está distante do Sol aproximadamente por 28 milhões de léguas, e percorre sua órbita em 224 dias. Seus dias são de 23 horas e alguns minutos. Quase como nossa Terra em seu escopo, sua massa, sua densidade, ela está coberta por montanhas delgadas onde algumas chegam a 40.000 metros de altura. Sua atmosfera parece constituída dos mesmos elementos que os nossos, e se pode distinguir em sua superfície o começo e o fim do dia. Contudo, nossa amável vizinha tem um grande defeito: ela é tão inclinada ou deitada sobre o eclíptico que ela deve sofrer muitas alterações bruscas em suas estações.

Chegamos, depois de Vênus, a nossa pequena Terra, que nos serve de prisão provisória. A Terra é uma laranja de três mil léguas de diâmetro, cuja superfície contém por volta de cinquenta bilhões de hectares. É um astro como Vênus, como seus irmãos, os planetas, que navegam nos céus

² Eu não quis mudar os termos um pouco arcaicos empregados pelo autor. Além disso, nossos agricultores empregam frequentemente antigas medidas; eles têm a desculpa de que as pessoas entendidas como mais civilizadas ainda não adotaram o sistema métrico que traria grande simplificação. Essa é uma pequena prova da persistência da rotina e da lentidão do progresso.

com uma rapidez de 651.000 léguas por dia. Assim, estamos atualmente no céu, sempre estivemos e não podemos deixar de estar. Não se pode mais ousar negar esse fato incontestável, mas prefere-se não refletir sobre isso, por medo de perder, dos preconceitos. A Terra é velha, muito velha, pois ela conta milhões e milhões de anos. Porém, apesar de sua idade, ela ainda é cheia de vitalidade; e quando ela vier a perecer, dentro de quatro ou cinco mil anos, seu desaparecimento não passará de um pequeno acidente para o conjunto do universo.

Depois da Terra encontramos Marte, cujas analogias com nosso globo são muito chocantes. Esse planeta avermelhado, situado a 58 milhões de léguas do Sol, realiza o movimento de translação em 686 dias e sua rotação diurna em 24 horas. É o planeta mais conhecido do sistema. Nossos astrônomos puderam elaborar sobre ele um mapa magnífico desenhando seus mares, golfos e continentes. Esse mapa nos dá uma idéia muito favorável desse pequeno mundo, onde as terras, cortadas por vários estreitos, lembram um pouco Veneza. Ao estudá-lo, experimenta-se uma grande vontade de navegar sobre o mar de Moedler, de atravessar a Mancha estreita que separa o continente de Copérnico do continente de Galileu, para desembocar no vasto oceano de Kepler.

A 200 milhões de léguas do sol gravita o colossal Júpiter. Seus dias são de 10 horas, mas seu ano é doze vezes mais longo que o nosso. Esse mundo fantástico, 1234 vezes mais considerável que nossa Terra, não é inclinado, como ela, sobre o eclíptico, e pode assim gozar de uma primavera eterna. Presume-se que ele não está suficientemente resfriado para ter chegado, como a Terra, a seu estado normal. A vida estaria, talvez, ainda apenas iniciada na superfície? O que quer que seja, esse mundo parece constituído de maneira a se tornar, se ele já não for, o afortunado amanhã de uma humanidade superior.

Saturno opera sua translação em torno do astro rei a uma distância de 364 milhões de léguas. Seu ano dura o mesmo que 30 anos terrestres, e é composto de 25.000 dias. Seu volume é 734 vezes maior que o da Terra, sem contar seus anéis gigantescos cujo diâmetro mede mais que 70.000 léguas. Esse mundo estranho com seus vários satélites é por si próprio

um pequeno universo. A temperatura, proveniente sobretudo do calor do planeta, é constante e mais elevada que a nossa. A atmosfera é muito densa e muito carregada de vapores. A densidade dos materiais é sete vezes menor que aqui, e é provável que os saturninos sejam seres aéreos. Seu mundo é único no sistema, e sua configuração deve promover fenômenos de um esplendor sem igual.

Urano percorre sua órbita em 84 anos a uma distância de 733 milhões de léguas do Sol. Esse mundo longínquo é 82 vezes maior que a Terra. Sua atmosfera é densa, mas diferente da nossa. O calor provém mais do planeta que do sol, e se a vida acontece em sua superfície, ela deve ser organizada de outro modo que não a do nosso globo.

Em seguida vem Netuno, que é o último planeta conhecido de nosso sistema.

Sua órbita mede sete bilhões de léguas e seu ano equivale a 165 anos terrestres. Ele parece uma jovem moça de quinze anos em seu país distante e mais velho que Herodes, e que os antigos poderiam contar sobre ele suas velhas lembranças a nosso Matusalém!

Eu creio dever lhe dar ou lembrar essas noções, senhora, para lhe fazer compreender o quanto os horizontes da ciência diferem dos horizontes da velha teologia. Essas noções serão úteis, sobretudo para abrir sua alma aos clarões da nova revelação.

A astronomia, que se limita a descobrir astros ou a calcular suas evoluções, não passa, a meus olhos, de uma ciência morta e estéril. Que me fazem, de fato, esses inúmeros globos perdidos no espaço, em distâncias infinitas, se eles me parecem desertos desconhecidos? Eles me derrubam, eles me confundem e é tudo. Mas se eu posso ver neles sóis, terras que rolam nos céus, etapas onde me precederam entes queridos, então tudo se transforma, e a astronomia se torna, para mim, a mais bela das ciências. Ela é a geografia de meu país, do qual ela me faz ver esplendores. A Terra não é mais que um modesto albergue onde eu passo uma noite ruim agraciado por alguns sonhos belos. Eu me sinto mais forte, mais feliz, sabendo que uma vida mais completa me espera nesses mundos radiantes que não mais são astros, mas são pontos de encontro.

Essas promessas ou esses devaneios, me dirá a senhora, são decepções.

Não seria diminuir o esplendor de nossa Jerusalém celeste colocá-la nas estrelas? Meu Deus, onde se quer que ela brilhe, senão nas terras ou nos sóis do espaço? Às alegrias profanas do belo país d'Astrée, prefere-se a visão beata dos santos e a possessão de Deus. Mas, saiba bem, nada é profano no universo, porque Deus está em todos os lugares, preenchendo todos os mundos com sua glória. Viver, no sentido elevado da palavra, é tomar posse gradualmente de Deus por uma luz cada vez mais viva, um amor sempre mais ardente. É crescer em poder, avançar na alegria pelo desenvolvimento indefinido de nossa personalidade indestrutível e nos encaminhar ao êxtase pelo encantamento. A felicidade é como o bom vinho: a gente não absorve, degusta, e é por nos trazer essa inefável alegria que o bom Deus coloca a nossa frente o infinito do tempo com o infinito do espaço.

Nós teremos a oportunidade, cara senhora, de voltar a esse tema nas páginas seguintes para lhe mostrar todo o alcance que pode ter o conhecimento dessas verdades, desde a mais tenra idade, pois a senhora sabe, a senhora que cuidou tão docemente de seus filhos, toda a importância da educação.

A senhora sabe, por experiência, que não se trata somente de ornar a alma infantil de conhecimentos que tornam o ser humano sociável e inteligente, mas antes de tudo, de embelezar virtudes que o disporão a honestidade. É preciso, por isso, que a criança cresça, das baixas regiões onde domina o instinto, às regiões superiores onde se impõe o dever, que ela aprenda a usar nobremente suas faculdades, a medir suas ações, a domar seus apetites, a regradar suas paixões a fim de adquirir os hábitos generosos que são chamados virtudes.

Mas não se deve atemorizar a criança pela visão ridícula de castigos eternos, não ensinar a religião do medo que produz os hipócritas e os perversos.

Observe a seu redor, na sociedade de seu tempo, todos os dias a senhora pode encontrar seres que parecem perfeitamente equilibrados. Aos olhos de seus semelhantes, eles são superiores, por sua inteligência, por sua

situação, por sua ciência e, entretanto, quase sempre faltou ter recebido uma educação verdadeiramente racional, e essa insuficiência não lhes permite serem sábios em seus propósitos, firmes em suas decisões, fieis em suas afeições, irrepreensíveis em sua vida pública como em sua vida privada.

Ao observá-los bem, a senhora descobrirá rapidamente o imenso orgulho do qual eles estão cheios. Apesar de sua situação social muitas vezes brilhante, apesar de uma ciência real e uma inteligência real, eles são maduros para todas as torpitudes e para todos os vícios.

Penetrados por sua arrogância, seguros de serem mais fortes e mais inteligentes do que aqueles que os cercam, sua pobre alma inquieta e perturbada não sabe se proteger da embriaguez no sucesso e do abatimento na adversidade.

A Terra, para esses orgulhosos, deve assistir o desenrolar de toda a sua vida. É suficiente ter encontrado a fortuna em seu berço para se serem superiores àqueles que eles algumas vezes comandam. Ah! Senhora, se eles pudessem conceber um só instante que esse mundo onde tudo lhes parece sorrir não é mais que uma etapa, quanto não seria modificado seu coração, não assistiríamos a essas lutas mesquinhas que os homens chamam lutas de classes, não assistiríamos a essas resistências ferozes daqueles que possuem e que crêem que a fortuna lhes dá o direito de explorar seus semelhantes.

Lamentemos esses pobres seres, faltou-lhes essa educação grande e benfazeja, tão necessária para compreender a vida aqui embaixo e perceber a vida que deve seguir.

III - Os mundos habitados

Há um século as descobertas astronômicas vêm se juntar às grandes descobertas e todas, sem exceção, vêm reforçar a lógica da magnífica concepção do Universo onde a vida, sem parar, flui por todos os lados, sempre mais intensamente.

Eu sei que a senhora teve a sabedoria de educar seus filhos naquela idéia de que o Mundo não está limitado ao nosso pequeno globo e a esse propósito permita-me lembrar-lhe uma recordação de toda juventude desse filho querido.

Talvez essa lembrança lhe traga lágrimas, mas elas cessarão um pouco ao pensar que o doce querubim que a senhora tanto amou, enunciou, sem o saber, uma dessas grandes verdades que muitos seres humanos particularmente têm a necessidade de meditar.

Há já quinze anos que eu fui passar alguns dias em sua pequena casa, lá, sob o belo céu do Sul. Seu marido, a senhora sabe, era meu amigo íntimo, me convidou para ir repousar e eu devia aceitar seu convite.

Ora, uma noite em que estávamos no charmoso jardim diante da casa, seu filho, que a senhora tinha aos joelhos, se embevecia ao elevar seus alegres olhos ao céu maravilhosamente estrelado e lhe interrogava sobre a natureza desses pontos brilhantes que a ele pareciam tão magníficos. E estou certo de que a senhora se lembra de suas palavras ingênuas:

“Diga, querida mãezinha, algum dia iremos às estrelas?”. E sorridente a senhora respondeu: Mas sim, meu querido, nós iremos um dia, quando nos tornarmos os anjos do bom Deus.

“– Então, mãezinha querida, nós nos encontraremos todos, pois estou certo de que nós mereceremos ir um dia”.

E nós rimos dessa palavra infantil, sem duvidarmos, talvez, que ela era profundamente verdadeira. Ao ler as linhas que seguem a senhora sentirá o quanto ela era certa: é ainda um capítulo que parece ter sido escrito para a senhora.

Eu abordo hoje, senhora, a questão que lhe interessa grandemente,

tomando por guia um belo livro de um caro autor: eu vou falar da Pluralidade dos mundos habitados, por Camille Flammarion. Esse nome, como a senhora pode notar, sente a flama, o meteoro, e convenhamos, não poderia ser melhor para aquele a quem eu chamarei de bom grado o poeta da astronomia. Sem ter visto os mundos de outra forma que não por telescópio, esse amável sábio sustenta que a maioria dentre eles é ou será habitada, simplesmente porque eles devem ser. Nada prova, de fato, que eles sejam inabitáveis ou inabitados, tanto que a opinião contrária se apóia sobre um monte de provas assentadas em conveniências e na razão, sem contar o testemunho de alguns peregrinos misteriosos.

De início, para nos ater ao nosso sistema planetário, por que nosso pequeno mundo teria uma privilégio do qual os planetas vizinhos seriam desprovidos? A Terra não é nem a mais próxima nem a mais distante do Sol. Ela também não ocupa o lugar do meio, entre seus companheiros. Em termos de luz e de calor, Mercúrio os recebe sete vezes mais, e Vênus recebe o dobro. Seria ela mais favorecida pela atmosfera? Podemos duvidar.

A senhora pode me dizer que deve fazer muito calor em Mercúrio, muito frio em Saturno, e que esses mundos são, conseqüentemente, inabitáveis. Essa conclusão está longe de ser certa, pois é muito provável que esses mundos que nos parecem tão frios recebam de seu núcleo uma quantidade de calor suficiente para compensar o que não recebem do sol. Também é possível que aquilo que nos parece muito quente seja provido de um envoltório capaz de amortizar o calor dos raios solares. Para resolver o problema do frio ou do calor na superfície dos mundos, deve-se conhecer a composição química ou as propriedades físicas das atmosferas ambientes. Essas atmosferas, de fato, funcionam como imensas estufas quentes. Elas deixam passar mais ou menos os raios solares, e se opõem em seguida, com maior ou menor eficácia, àquilo de que esse calor escapa pela radiação. Ora, essa propriedade seria suficiente para oferecer a mesma temperatura média aos mundos distantes do Sol. Se algum planeta puder ter qualquer razão para se crer no centro do mundo, seguramente não seria o nosso: seria muito mais Júpiter, cujos habitantes têm necessidade de grande modéstia para não

nos desprezar demais, supondo que eles desconfiem de nossa existência. O viajante que sai de sua cidade para fazer seu tour pela França se desfaz de muitos preconceitos: aquele que pudesse sair desse lugarejo que se chama a Terra, para explorar as esferas que nos cercam, arriscaria a perder muitas ilusões.

Se nós compararmos a densidade respectiva dos astros, constataremos que a do Sol é um pouco superior a do carvão, e a de Mercúrio um pouco menor que a do ouro. A densidade da Terra se aproxima à de Vênus.

Júpiter é um pouco mais pesado que o carvalho e Saturno mais leve que o pinheiro.

Urano pesa como a lignite, Netuno como o fago, e Marte, nosso vizinho, como o rubi oriental. Daí, a densidade da Terra não é nem a mais baixa, nem a média, nem a mais alta. Ao comparar as massas, nós percebemos que Júpiter pesa 338 vezes mais que nosso pequeno globo, e que ele comporia 350.000 terras sobre a bandeja de uma balança, para equilibrar o peso do astro do dia.

De resto, esses mundos distantes nos mandam mensagens para apoiar nossas conclusões. Em inúmeros aerólitos encontrou-se carbono, quer dizer, um corpo simples sobre o qual se pode sempre atribuir sua origem a corpos organizados. Um outro aerólito continha turfa e água: ora, a turfa se formando pela decomposição de vegetais, autoriza a suposição de que aquele aerólito provenha de um mundo onde exista água e algumas substâncias análogas à vegetação terrestre.

Não se deve crer, entretanto, que os habitantes de outras esferas sejam absolutamente idênticos aos de nossa Terra. É possível que seu organismo difira mais ou menos, pois cada ser deve estar organizado segundo o meio onde ele é chamado a viver. A grande lei que domina toda manifestação de vida é esta: os seres são conformados segundo sua estadia, e em torno deles tudo se encontra em harmonia com as necessidades de seu organismo. É em virtude dessa lei que os pássaros emigram para procurar um clima conforme suas necessidades. Quanto àqueles que ficam, eles mudam de pelagem e se vestem conforme as estações.

Isso posto, eu não posso conceber que se possa duvidar um instante sequer do grande fato que afirmamos. Se Deus criou os mundos habitáveis, a harmonia do plano divino exige, de fato, que esses mundos sejam habitados. Deseja-se que o Todo-poderoso³, para manifestar sua glória, tenha criado uma dança de globos maravilhosos nos infinitos vazios, e que tenha esquecido de colocar sobre esses astros esplêndidos um só ser capaz de abençoá-lo e de amá-lo. Sob qual objetivo esses globos teriam, então, recebido anéis, estações e dias? Por que a vida não eclodiria na superfície desses mundos banhados por oceanos, cercados por uma atmosfera, e que recebem, como nossa Terra, os raios fecundantes do sol? Os mundos esplêndidos que navegam nos céus, e que fazem sonhar muitas almas de poetas ou mártires, seria possível que suas praias não sejam mais que terríveis desertos; que suas montanhas se observem eternamente em um silêncio morno; que nenhum pássaro povoe suas florestas e pastos, e que nenhum espírito esteja lá para exclamar: Deus é grande!

Algumas almas piedosas, eu sei, vêm a Terra como o único mundo habitado, sob o pretexto de que ela foi a única a ter a honra de ser tocada pelos pés sagrados de Jesus Cristo, mas é precisamente isso que deveria ser provado. O símbolo dos apóstolos nos diz que Cristo, depois da Paixão, “desceu aos infernos”, isto é, em um mundo inferior ao nosso, para levar, sem dúvida, uma luz de esperança com uma palavra de vida. Ora, se ele aceitou descer tão baixo, por que ele teria desprezado visitar mundos superiores, para levar um adicional de alegria com um acréscimo de luz? E depois, é bastante possível supor que alguns mundos sejam povoados por humanidades bastante esclarecidas, bastante puras, bastante magnetizadas para não ter a necessidade de um Redentor. Longe de provar a superioridade da Terra sobre os outros mundos, a encarnação do Verbo, e sobretudo sua Paixão, nos revelam sobretudo sua inferioridade. Se Cristo teve de sofrer para nos resgatar, é porque éramos uma raça inferior, e nada nos demonstra que para povoar um mundo seu povo deve ser tão baixo quanto o nosso. É confortador crer que Cristo,

³ Nota da tradução: Decide-se por manter o uso de letras maiúsculas e minúsculas empregado pelo autor. Assim, pode-se encontrar Todo-Poderoso como Todo-poderoso; bem como referência a Deus como Ele ou ele, conforme trazido pelo texto original.

tendo vindo até nossa Terra, encontrou sobre sua rota alguma esfera mais afortunada, absolutamente desprovida de fariseus, um mundo onde ele não teve de contar com uma sinagoga intolerante e poderosamente organizada.

Deixe-me contar uma de minhas mais profundas impressões. Encontrando-me em Metz há alguns dias, eu caminhava uma noite na direção de um monumento que recobria os restos de nossos soldados mortos pela pátria. Eu orava com fervor sobre essa grande tumba, e eu chorava ao ler essa inscrição retirada do livro dos Macabeus: “Infeliz de mim! Então, nasci para ver a aflição do meu povo e a derrocada da Cidade Santa; para ficar em paz assim que ele estiver entregue entre as mãos de seus inimigos!”. Quando eu me restabeleci, as estrelas brilhavam no céu e pareciam sorrir para minha dor. Eu exclamei: Oh, mundos esplêndidos, uma voz me diz que vocês têm piedade de nossa Terra, porque não se vê de forma alguma reinar em vossa superfície as iniquidades das quais a Terra é palco. Lá, as mães não dão a luz aos filhos na dor e não os fazem crescer com amor para que sejam ceifados à bala na primavera de sua vida! Lá, não se vê os déspotas que se crêem erguidos por Deus para mutilar as nações!

O paraíso é grande, senhora, pois o paraíso não é outra coisa senão o céu infinito, com sua vida múltipla e suas alegrias graduais. Nenhum outro saberia satisfazer nossos desejos.

O homem quer a mudança, ele tem paixão pelo novo, a febre do melhor. O maior charme da mulher, a seus olhos, é ser “um livro do qual jamais se virará a última folha”. E bem! O céu que Deus prometeu àqueles que o amam é também um livro, livro variado, magnífico, do qual cada página deve nos provocar uma emoção nova, e do qual os séculos e séculos mal nos permitirão esgotar suas folhas.

Não seja impaciente demais, entretanto, tome seu rumo “na direção da linda estrela que parece lhe sorrir”.

Um homem de espírito escreveu a uma mulher de coração: “Ame e respeite a vida, se não por ela, ao menos por seus amigos. Qualquer que seja o estado da sua, eu apreciaria sempre saber que a senhora está mais

ocupada em seguir seu curso do que em desfazê-la”.

Permita-me dizer, com menor graça e mais calor: “Ame e respeite a vida que lhe permite embelezar-se ao fazer outros felizes. Esforce-se, sobretudo, para torná-la suficientemente plena, para não ter de retomá-la em um mundo onde as mais belas almas desejam partir”.

Lamentavelmente, a senhora sabe que as descobertas astronômicas mais precisas, os dados científicos novos não influenciaram sensivelmente a intransigência quase absoluta de algumas confissões religiosas e a forma de interpretação limitada que elas dão ao plano divino.

O erro de muitas religiões foi, até aqui, reduzir a Criação e seu Criador a uma parcela imperceptível de matéria espiritualizada tendo por julgamento, além do trono hipotético nos vastos céus, nosso pequeno globo terrestre.

Além da monstruosa ignorância que se traz de uma concepção parecida, essa teoria leva forçosamente a uma negação de todo progresso. Ela obscurece a inteligência, semeia a desesperança, suprime o esforço perseverante e benfazejo que se aplica a penetrar mais intensamente o domínio das leis naturais não completamente conhecidas do gênero humano.

Ela é, se assim puder dizer, o triunfo do egoísmo, porque ela rebaixa a obra da Divindade aprisionando-a nos limites estreitos e intransigentes de uma esfera ínfima no seio dos espaços infinitos.

Aqueles que levam adiante uma teoria tão ultrajante para Deus não percebem que seu erro de interpretação é combatido por Cristo, de quem eles, entretanto, se dizem discípulos.

A pluralidade dos Mundos habitados e sua aceitação baseada na lógica e nas descobertas científicas não reduzem o Universo, mas ela faz entrever, ao contrário, uma justiça perfeita, uma harmonia perfeita em todas as partes da obra divina.

A negação dos erros sacrilégios erigidos em dogma está totalmente contida em algumas palavras de Jesus.

Para indicar aos homens de sua época que a Terra não era a única esfera suscetível de receber as criaturas de Deus, ele, em uma frase muito curta que sempre estará em harmonia com o progresso humano, deu magnificamente a concepção possível, ver a certeza da pluralidade dos Mundos habitados.

“Há muitas moradas na casa de meu Pai”.

Todo comentário dessa luminosa palavra parece quase supérfluo. Entretanto, é útil dizer porque Cristo falou assim. Ele teria podido, possuindo toda ciência e toda sabedoria, se exprimir em uma linguagem mais científica, mas os ensinamentos que ele teria podido dar assim não ficariam rigorosamente verdadeiros senão durante um tempo determinado, a evolução constante da ciência levando pouco a pouco esta última a modificar suas fórmulas mais ou menos abstratas de acordo com as idades da humanidade.

A fórmula empregada por Jesus é mais simples. Ela se aplica a todos os tempos. Ela deixa aos homens o campo livre para descobrir toda verdade pelo trabalho e pelo esforço paciente.

Em sua simplicidade e toda sua beleza familiar, ela abraça a Criação inteira. Ela indica claramente que Deus não semeou somente sobre a Terra a parcela de inteligência que ele destinou a cada uma de suas criaturas.

A palavra de Jesus implica que segundo a riqueza do espírito que evolui pouco a pouco no espaço e no tempo, é dado a esse espírito habitar vez a vez novas esferas, absolutamente como um homem, na vida terrestre, pode sucessivamente, segundo seu grau de sorte material, se dar ao luxo de habitar apartamentos cada vez mais suntuosos.

Mas, ocorrendo isso, somente a riqueza de espírito está em jogo, os laços materiais indo sempre, se enfraquecendo até a purificação completa.

Eis porque, senhora, sua alma deve retomar sua alegria. A senhora sabe com qual cuidado formou o coração e a alma de seu filho. Talvez ele já tenha ultrapassado os mundos de dor e tenha chegado aos vastos espaços luminosos que guardam as esferas avançadas.

IV - A escada de Jacó

Nenhuma dissertação, nenhuma teoria, nenhum estudo pode melhor lhe dar a compreensão da perfeita solidariedade que une todos os mundos do espaço do que a leitura desse capítulo.

Ele lhe explicará o “motivo” da vida e lhe fará render graças ao Senhor por ter esclarecido sua alma inquieta.

A senhora pergunta se “vale a pena viver quando a vida para de mentir”, e a senhora acrescenta que a Terra lhe parece uma prisão.

Sim, a Terra, para muitos, é uma prisão, e para a maioria é uma prisão com trabalhos forçados.

Cada existência, mesmo a mais obscura, é um drama mais ou menos doloroso, e eis porque a elegia é comum. Por outro lado, quando se reflete que Deus é algo tão bom que não poderia ser melhor, como crer que sua obra seja má? Trata-se, então, de combinar a existência do mal sobre a Terra com a harmonia necessariamente perfeita da obra divina. Esse terrível problema preocupou, em todos os tempos, os mais nobres Espíritos e nenhuma teologia conseguiu resolvê-lo a contento. Para nós, deixando de lado todos os sistemas mais ou menos engenhosos, dizemos: O mal existe, mas ele não passa de uma privação do bem; se ele domina sobre a Terra, é porque nosso pequeno mundo não é mais que um anel inferior na cadeia infinita de mundos e de humanidades que os povoam.

A Natureza nos ensina, de fato, que tudo é construído segundo as leis seriais, que o Universo não é de modo algum um conjunto de criações heterogêneas e coeternas, mas uma sucessão de seres mais ou menos avançados segundo sua idade e suas regras. Ela nos ensina que a grande harmonia não é constituída por uma certa quantidade de notas uníssonas, mas por notas de graus diferentes, provenientes de gamas ascendentes. Ela nos mostra, no conjunto de seres viventes, uma gradação insensível do mais baixo ao mais alto da escala, conforme esse axioma incontestável: “A natureza não dá saltos”. Ela nos atesta, enfim, que a beleza do sistema geral resulta disso: que a ordem não é jamais perturbada por caprichos irregulares, e sempre domina a série universal de seres.

Partindo desse fato, coloquemo-nos em frente ao universo, permitindo ao nosso pensamento a liberdade de sua evolução. Quem nos diz que os mundos, com as humanidades, não formam uma grande unidade hierárquica, desde aqueles onde as condições de habitação são as menos

felizes até aqueles que estão no apogeu do esplendor e da glória? Quem nos diz que a grande humanidade coletiva não é formada por uma seqüência não interrompida de humanidades parciais, assentadas a todos os graus da escala de felicidade e da perfeição?

Eu não posso deixar de crer que todos os seres formam uma guirlanda gradual, desde a gallionella ao arcanjo, até Deus, princípio e fim de tudo isso que existe. Eu represento cada mundo como um vasto anfiteatro formado de inúmeras arquibancadas, e essas arquibancadas diversas ocupadas por uma série de seres mais ou menos perfeitos. Cada mundo, a seu turno, é uma arquibancada mais ou menos elevada desse imenso anfiteatro infinito que se chama universo. Nesses mundos nascem, vive e morrem seres em relação, por sua perfeição relativa, numa estadia mais ou menos feliz que lhe é designada. Assim, o homem saído do último dos mundos, purificando-se, progredindo, se angelicando pelas transformações sucessivas, sobe um a um os degraus dessa magnífica escada de Jacó, gravitando sempre na direção de Deus, e se aproximando sem cessar de sua essência, de sua luz, sem jamais se perder ou se confundir.

Com tais horizontes, senhora, explica-se a dor e enfrentasse-la. Plana-se sem esforço sobre pequenas misérias e pequenas paixões desse mundo. A gente se sente grande em seu poder e feliz em sua agonia.

A concepção mesquinha do universo provoca o desespero, a blasfêmia, e conduz ao ateísmo, tanto que na nossa maneira de ver a obra divina tudo se explica e tudo se harmoniza. A humanidade terrestre, com suas depravações ou seus sofrimentos, encontra seu lugar nos degraus inferiores dessa vasta hierarquia, e a unidade do plano divino nos parece em sua magnífica beleza. Estando mais afastado do sol da perfeição, nosso pequeno mundo é mais obscuro, e a ignorância resiste mais à luz. As paixões viciantes conservam mais impérios, e fazem mais vítimas, porque sua humanidade ainda está no estágio inicial. É um lugar de trabalho, de expiação, onde se deve lapidar, onde se purifica para avançar alguns passos no sentido da felicidade. É um noviciado onde nós acumulamos os conhecimentos e as virtudes que nos servirão de diplomas ou de cartas de apresentação aos mundos superiores.

Julgar a criação universal pela Terra seria julgar a Ilíada por um verso, a transfiguração pela nuance. Saibamos compreender que a Terra, com todo seu mobiliário, é um indivíduo, que sua humanidade ainda é uma criança que vacila, e assim não nos sentiremos tentados a acusar Deus. Mas se a

Terra é o único mundo habitado, não se pode compreender mais nada na obra divina, pois se chega a essa conclusão monstruosa: Toda a efusão do poder e da bondade infinita alcança somente a produção de um grão de poeira coberto de infelizes formigas cujas vidas se alimentam pela morte, e que todas, salvo raras exceções, devem ser varridas para os abismos do inferno!

Quanto suor, quantas lágrimas encharcaram a Terra! Quanto sangue ela bebeu! Quantos suspiros se fizeram ouvir! Quantas vítimas devorou esse Moloque insaciável que se chama guerra! Nem um ano, talvez nem um dia haja sem que pessoas lutem sobre algum ponto do globo. O gênio do homem se gasta em inventar engenhocas das mais mortíferas, e por uma convenção mútua se glorifica aquele que sabe cobrir com algum pretexto os massacres mais terríveis. Aquele que mata um homem é um assassino, um criminoso que merece a pena de morte; aquele que faz matar centenas de milhares de homens é um conquistador de quem todas as fanfarras cantam o triunfo!

Por que nos seria proibido sonhar com mundos onde o homem pode viver sem fazer vítimas, e sem ver em seus irmãos outra coisa que não rivais? Ah! Eu os vejo daqui, esses mundos onde o homem não tem mais somente um reino fictício, mas onde reina verdadeiramente em soberania, como convém ao espírito reinar sobre a matéria.

Isso não é um sonho, é um pressentimento. Do mesmo modo que aqui embaixo todos os seres tendem para a luz, em toda a criação, todos os seres aspiram a um destino superior. Nem as humanidades nem os mundos estacionam no mesmo grau de evolução. Toda caminhada, toda subida, e essa ascensão, mais ou menos rápida, constitui a maravilhosa diversidade dos céus.

Então, isso que é não faz mais que anunciar o que deve ser, e o presente não faz mais que preparar o futuro.

Ah! Senhora, é doce, com tais pensamentos, sonhar a noite contemplando as estrelas. Elas têm uma linguagem que toca o coração, e a gente se embriaga por seu olhar mágico. Oh, firmamento estrelado, como suas harmonias se tornaram deliciosas para minha pobre alma! Como você a ergue colocando-a em gratidão por meu Pai, em bondade por meus irmãos! Agrada-me ver, em sua múltipla radiação, quantos lares diversos onde tantas famílias humanas trabalham e oram! Tantas etapas onde vão nos esperam nosso bem-amados em lágrimas! Quantas vezes, encostado à

minha janela aberta, esqueci os ruídos vãos da Terra e as amarguras de meu exílio, seguindo-te com um olhar úmido!

Com tais convicções, tudo é grande, tudo é divino na Natureza. A ciência soprou a frágil parede que nos mantém cativos e nos torna melancólicos. Nós sabemos agora que a Terra não é o mundo, que o mundo não perece por um acidente tão leve como a dissolução do sol. A eternidade futura se confunde para nós com a eternidade presente e nós apreciamos em seu valor os falsos prazeres ou as provas de um dia. Enfim, um parentesco universal reuniu todos os seres e a morte não nos parece mais que uma transformação da vida. Nós compreendemos, então, o brado que escapa dos pulmões de um jovem mártir na manhã do dia em que ele devia ser queimado vivo. Tendo aberta a janela de sua prisão, para contemplar uma última vez a aurora: “É bonita, diz ele, mas como será quando estivermos exaltados acima de tudo isso!”

Ao infinito de nossas aspirações, o espírito consolador vem oferecer o real infinito do universo. Os homens que conhecemos, amados, admirados, não estão perdidos para nós. Eles estão lá, nesse céu calmo que nos domina. Mais felizes que nós, eles levantaram uma ponta do véu que ainda nos rouba a verdade, e observam com uma piedade amorosa seus companheiros de exílio que as sombras ainda envolvem.

Quando eu fecho os olhos para entrar, pelo pensamento, no círculo estreito da teologia vulgar, experimento a sensação que atinge o prisioneiro no momento em que ele entra em um cárcere úmido e sombrio. Quando, ao contrário, eu deixo vagar meu pensamento, todos os véus retirados ao sopro benigno da nova revelação, me sinto mais forte e melhor porque me sinto feliz. Ela varreu de minha alma, como um sol radiante, todas as névoas doentias da noite. É que ela está cheia de unção, de júbilo, e nos mostra sob seu verdadeiro dia não somente a criação infinita, mas isso que nos toca mais de perto, a morte e a vida do homem, sua origem, sua natureza e seus destinos. Ela é a palavra que cai do céu estrelado, e a qual respondem todos os nossos instintos, todos os nossos mais puros pressentimentos. Ela é o orvalho divino descido do Hermon para refrescar os planos áridos desta Galileia que nós chamamos de as realidades da vida.

Eu sei, cara senhora, que ao ler as linhas que precedem, seus olhos se banham e que talvez a senhora tenha deixado correr suas lágrimas.

Nós ainda estamos no tempo em que muitos corações sangram, pois a sombra sinistra que é percebida sobre a humanidade ainda não está de todo

desaparecida. As mães e as esposas, todas as mulheres com amor no coração, todas aquelas que penam e que sofrem, todas aquelas que tremem e que oram, elevam seus olhos vermelhos ao Céu sem chegar a acalmar seu temor e apaziguar sua dor.

Como a senhora, elas seriam beneficiadas se lessem essas páginas, porque encontrariam a esperança acompanhada da fé racional que lhes traria a segurança da sobrevivência e nós poderíamos dizer a todas, com a certeza de sermos compreendidos:

“Oh, vocês que sofrem, que choram seus caros mortos desaparecidos, façam mais que esperar, creiam, estejam seguras de que tudo não está acabado. Os escritores, os poetas, muitas vezes já pressentiram as grandes verdades das quais falaremos hoje. Ouçam um grande poeta, Victor Hugo:

Não. O ataúde não é, homem, isso que tu crês.
A morte, sob o teto dos túmulos negros e frios,
E a misteriosa e luminosa oferenda.
Não é somente para a alma que ela é grande,
Mas para a carne, peso vil sobre a terra estendida;
O túmulo, astro central, para o qual tudo volta,
Lançando um raio duplo à dupla fronteira,
Transfigura o espírito, transforma a matéria,
A Morte que é para ti um espectro monstruoso,
Captura o ser e o contorce entre seus dedos nodosos,
E, como uma lavadeira ajoelhada no rio,
Alvejou os ossos, os corpos, a carne do espírito viúvo,
O trapo animal e o farrapo humano
Em um escoamento de luz sem fim.
É no esplendor que tudo se decompõe,
A morte é a unidade que retoma todas as coisas.

Essa brilhante metamorfose, senhora, é uma realidade e a ciência, hoje, lhe permite sustentar sua crença. A senhora que não podia mais ter tanto a chorar, a senhora que tinha quase perdido a esperança e a fé, a fé cega, vem conhecer os encantos da fé fundamentada. Essa fé não atemorizará jamais sua alma. Creia sem medo, porque Deus deve ser o vencedor do mal. Sua alma confiante conhece enfim tudo que a felicidade de crer, toda a virtude da fé racional. O mesmo poeta lhe diz em versos eloqüentes:

Oh! Crer, é a recompensa
Do pensamento amoroso, qualquer que seja ele;

É confiando que se pensa
E é esperando que se vê
Cante, ó meu coração, o eterno salmo
Deus vivo, na noite do átomo,
Se eu alcanço, muito longe do dia,
Para compreender, meu grão de areia,
Tua imensidão formidável
É crendo em seu amor!...

V - A grande tradição

“Isso aqui deve explicar aquilo ali”. Esse capítulo completa o precedente. Com um pouco de lógica, um pouco de razão, o plano divino aparecerá em suas grandes linhas. E sua alma maravilhada, ainda cativa em sua prisão da carne, se elevará em direção aos cumes onde um dia, livre e feliz, ela exercitará suas asas para subir ainda mais alto.

O dogma fundamental do Evangelho eterno é aquele da grande vida progressiva das almas sobre o teatro infinito da criação. Assim, não somos todos, nós mortais, outra coisa senão Espíritos cativos da carne. Todos nós já sofremos inúmeras prisões desse gênero e estamos longe de ter esgotado a série. Cada vida mortal, cada encarnação temporária é um crisol onde o espírito se arquiteta, uma luta onde suas faculdades se desenvolvem, um degrau que se deve avançar sobre uma grande escada que leva à perfeição.

Esse dogma lhe espanta, diz a senhora; e também espanta a outros, o que não me surpreenderia. Entretanto, quando refletimos seriamente, quando estudamos sem tomar partido, convencemo-nos que não há outro mais racional e consolador. Sozinho, ele explica o homem e justifica Deus.

Além disso, longe de ser uma novidade, mesmo a senhora o reconheceria, esse dogma pode reivindicar, em seu favor, a mais antiga e universal tradição. Ele se encontra menos ou mais desfigurado na maior parte dos monumentos sagrados ou ainda profanos. Ele sofreu o eclipse da Idade Média, e ele está no caminho de invadir todas as mais nobres inteligências dos tempos modernos.

Lemos nos Vedas, a bíblia da Índia que se perde na noite dos tempos: “Se você se entrega a seus desejos, você se obriga a contratar, na morte, novos laços com outros corpos e outros mundos”. M. de Vogué resume assim seu estudo sobre a antiga crença egípcia: “Tomada na origem e anterior aos mitos sutis que a desfiguram, a doutrina egípcia nos apresenta a viagem às terras divinas como uma série de provações das quais ao sair se opera a ascensão à luz, a manifestação ao dia e a reunião da parcela errante à substância eterna”.

Os sábios da Grécia apoiaram sua ciência nas fontes do Egito: de lá, as elevadas concepções de Pitágoras, apesar de seus erros, sobre a transmigração das almas; e a de Sócrates sobre a vida futura; os mistérios de Elêusis, cujos diferentes graus de iniciação representavam os diversos graus da via ascendente do espírito. Plotino diz, ao falar dos deuses: “Eles

asseguram a cada um o corpo que convém e que está em harmonia com seus antecedentes, segundo suas existências sucessivas”. O divino Platão disse antes dele essa bela frase: “Aprender é lembrar”.

Os gauleses acreditavam, com viva fé, na vida progressiva da personalidade humana. Eles dividiam o universo em três círculos: “aquele de Deus, estadia da essência divina; aquele da felicidade, estadia dos Espíritos puros, e aquele das viagens, estadia dos Espíritos que se depuram”.

Nossos livros sagrados, sem ser tão explícitos, nos oferecem, contudo, textos bastante significativos. Deus disse a Jeremias “que ele o conhecia antes que ele fosse formado no ventre de sua mãe”. Nós lemos no livro da Sabedoria essas palavras marcantes: “Eu era uma criança nascida em boa família, e uma boa alma me fez amadurecer, ou melhor, sendo bom, eu vim em um corpo sem máculas”. Jó dizia com entusiasmo: “Uma vez morto o homem, poderia ele nascer de novo? Nessa luta onde eu me encontro todos os dias de minha vida, espero que minha mudança aconteça”. Os Santos Evangelhos são muito claros, e é difícil, depois de ter meditado sobre eles, compreender como o grande dogma da reencarnação pôde ser afastado por uma teologia que os aceita por fundamentos.

Lê-se em São Mateus: “Eu vos digo em verdade, entre os nascidos de mulher, não existe outro maior que João Batista. E se quiserdes entender, ele é o próprio Elias que deve vir. Que ouça aquele que tem ouvidos para ouvir”.

Lemos no Evangelho de João: "Havia um homem entre os fariseus, chamado Nicodemos, um líder judeu. Este homem foi ter com Jesus de noite e disse: "Mestre, sabemos que és Mestre vindo de Deus, porque ninguém pode fazer estes milagres que tu fazes se Deus não estiver com ele. "Jesus respondeu: "Em verdade te digo, se um homem não nasce de novo, ele não pode ver o reino de Deus". Nicodemos disse: "Como pode um homem nascer, sendo velho? Ele pode entrar no ventre de sua mãe e nascer uma segunda vez?". Jesus respondeu: "Em verdade vos digo que se um homem não nasce da água e do espírito, ele não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do espírito é espírito. Não se espante sobre isso que eu te disse: É preciso que nasçais de novo. O vento sopra onde quer, e ouves seu ruído, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai. O mesmo é verdadeiro para todo homem que é nascido do espírito". Em Hebreus, a água representava a fonte da

matéria, e quando Jesus disse que o homem deve nascer de novo da água e do espírito, não é como dizer que ele deve renascer da matéria e do espírito, isto é, em corpo e alma?

O Salvador acrescenta essas palavras muito pouco ressaltadas: “Vós sois doutor em Israel e ignorais essas coisas?”. Se se tratasse do renascimento puramente espiritual operado pelo batismo, essa surpresa do Salvador seria incompreensível, pois Nicodemos teria respondido assim: “Certamente eu ignoro essas coisas, pois é bastante razoável, mesmo para um doutor em Israel, ignorar isso que é revelado ao mundo pela primeira vez”. As palavras do Salvador poderiam, então, ter um sentido mais profundo, e seu espanto deveria talvez se traduzir dessa forma: “Eu tenho muitos ensinamentos para a multidão, e lhes deixo a verdade na medida onde ela pode compreendê-la. Mas convosco que sois mestre em Israel, e que, nessa qualidade, deveis ser iniciado nos mistérios mais elevados, acreditei poder ir mais longe”.

Essa interpretação parece tão luminosa que o Zohar dos judeus ensina a pluralidade dos mundos e existências. São Jerônimo afirma que a transfiguração das almas foi ensinada como uma verdade tradicional a um pequeno número de iniciados. Quanto a Orígenes, ele considera a reencarnação como o único meio de explicar algumas passagens bíblicas, e especialmente o antagonismo profundo que existia entre Jacó e Esaú.

Um dia Jesus pergunta a seus discípulos o que se dizia sobre ele entre o povo. Eles respondem: “Uns dizem que sois João Batista, outros Elias, outros Jeremias, ou algum dos profetas antigos retornados ao mundo”. Jesus, longe de os tomar como se tivessem manifestado devaneios impossíveis, se contenta em dizer: “E vós, que pensais que sou?”. Quando ele encontra o cego de nascença, seus discípulos perguntam se aquele homem nasceu cego por causa dos pecados de seus pais ou pelos pecados que cometeu antes de nascer.

Eles então acreditavam na possibilidade da reencarnação e na possível pré-existência da alma. Sua linguagem faria crer que essa idéia foi difundida entre o povo e Jesus parece autorizar, longe de dizer uma palavra contrária.

Ele fala de inúmeras moradas que compõem a casa do Pai, e Orígenes, comentando tais palavras, acrescenta: O Senhor faz alusão às diferentes estações que as almas devem ocupar depois que tenham sido despojadas de seus corpos atuais e que elas se tenham deles revestido novamente.

Veja, senhora, pelas citações, que a doutrina da reencarnação é menos nova que se poderia crer. Acrescento que ela foi, em todas as épocas, o patrimônio de alguns Espíritos da elite que souberam conservar a independência de seu próprio pensamento.

“A filosofia, diz Charles Bonnet, nos dá as mais elevadas idéias do universo. Ela no-lo descreve como a coleção harmônica de todos os seres criados. O presente foi determinado pelo passado, e determina o futuro. Não somente todos os sistemas e todos os grandes corpos do mesmo sistema são harmônicos entre eles, eles também o são ainda em sua relação na coordenação de diversos seres que povoam cada mundo planetário. Todos esses seres graduados, ou que apresentam nuances infinitas, compõem uma mesma escala cujos degraus exprimem aqueles da perfeição corporal e da perfeição intelectual que cerca o universo. O universo é, então, a soma de todas as perfeições reunidas e combinadas, e também o signo que representa a perfeição soberana.

“O grau de perfeição adquirido determinará, no futuro, o grau de felicidade ou de glória do qual gozará cada indivíduo. Haverá, pois, um fluxo perpétuo de todos os indivíduos da humanidade na direção de uma perfeição maior, ou de uma felicidade maior, uma vez que um grau de perfeição conquistado conduzirá por si mesmo a outro grau, e porque a distancia do criado ao não-criado, do finito ao infinito, é infinita, eles tenderão continuamente no sentido da perfeição suprema sem jamais atingi-la”.

Dupont de Nemours, Ballanche escreveram páginas notáveis sobre esse tema e um outro escritor empresta a um de seus personagens os belos pensamentos que exponho aqui: “Por quantas formas o ser prometido ao céu passou antes de chegar a compreender o preço da solidão cujos estepes estrelados são a praça dos mundos espirituais! Depois de ter experimentado o nada e o vazio, os olhos se voltam na direção do bom caminho. São, portanto, outras existências a passar, para chegar a trilha onde brilha a luz. A morte é o revezamento dessa viagem. Quando chega o dia feliz onde você coloca os pés no caminho, a Terra não sabe de nada, ela não lhe compreende mais, você não se escuta mais, ela e você. Os homens que chegam ao conhecimento dessas coisas e que dizem algumas palavras da verdadeira palavra não encontram repouso para sua cabeça em lugar algum e perecem frequentemente como condenados à morte, enquanto os anjos lhes abrem as portas do céu”.

Pascal esteve mais perto da verdade do que ele suspeitava quando se exprimiu assim: “O homem se instrui sem parar em seu progresso, pois ele tira vantagem não somente de sua própria experiência, mas também da de seus predecessores. Daí se tem que, por uma prerrogativa particular, não somente cada um dos homens avança, dia a dia, nas ciências, mas que todos os homens conjuntamente realizam um progresso contínuo à medida que o universo envelhece, porque a mesma coisa acontece na sucessão de homens que se observam nas diferentes idades de um indivíduo. Desse modo, todo seguimento de homens, no curso de tantos séculos, deve ser considerado como um mesmo homem que sempre subsiste e que aprende continuamente. Como a velhice é a idade mais distante da infância, quem não vê que a velhice desse homem universal não deve ser procurada nos tempos próximos ao seu nascimento, mas naqueles mais longínquos? Aqueles a quem chamamos anciãos são verdadeiramente novos em todos os aspectos, e formaram a infância dos homens; e como nós temos adicionado a seus conhecimentos a experiência dos séculos que lhes sucederam, é em nós que se pode encontrar essa antiguidade que tornaremos a ver nos outros”.

Sim, os mais jovens são os mais velhos, e os modernos são os anciãos, porque eles acumularam mais luzes e sofreram mais provas.

Leia nossos grandes poetas, nossos grandes historiadores, nossos grandes pensadores, enfim, e a senhora verá, apesar de suas discretas reservas, que eles compartilhavam quase todos os belos pontos de vista que exponho. Essas inteligências nobres repudiavam com o mesmo desgosto as teorias materialistas e as teorias que defendiam o poder espiritual dos papas. Muitos religiosos que não estão mais em seu mundo criam sinceramente na existência de Deus e nas progressivas evoluções da alma humana no infinito dos céus. Nada é mais racional que essa doutrina tão espantosa num primeiro momento. Quando se a examina sem tomar partido, vê-se com alegria que somente ela resolve todos os grandes problemas e nos dá a explicação plausível para um monte de fenômenos que pareciam tantos mistérios insuportáveis.

Sua alma, cara senhora, deve então estar segura. A razão que é o melhor guia, a lógica que é seu mais firme apoio lhe gritam eloqüentemente a verdade.

Nenhuma outra teoria religiosa pode lhe deixar melhor. As religiões atuais, a senhora o sabe, são impotentes para lhe trazer os verdadeiros consolos e

as esperanças mais seguras. Sem de modo algum combatê-las e tornar-se inimiga delas, continue a se instruir e não se afaste jamais da lógica que será, para a senhora, em todas as circunstâncias, a melhor das salvaguardas.

VI - O lago de fogo

A senhora sabe, sem dúvida, que alguns venenos fortes, tomados em dose moderada, podem ser mortais, enquanto que absorvidos em grande quantidade perdem suas propriedades nocivas.

Alguns dogmas, pelo próprio exagero, não podem impressionar os seres humanos. Eles se tornam simplesmente odiosos e ridículos, sem provocar temor. Entre eles, o dogma do inferno eterno não assusta mais a ninguém; ele faz rir e não pode, de modo algum, tornar melhor os crentes.

O capítulo que segue triunfa sobre suas últimas dúvidas. Uma grande alegria lhe penetrará e a senhora agradecerá a Deus que lhe permite subordinar sua fé a sua razão.

Ainda que feliz, a senhora fica inquieta. Pensando em René, a senhora sonha às vezes em certos sermões menos ou mais ortodoxos. A senhora entende bem, como disse, que Deus, tão bondoso, deve detestar o mal, porque ele é a própria santidade.

A senhora compreende que as leis divinas, por eficazes, devem ser revertidas de uma sanção, e que os maus devem ser punidos, como os bons devem ser recompensados, mas a senhora acrescenta que “o Inferno a revolta”, o que não me surpreenderia.

Como a senhora, eu tremi, não de medo, mas de indignação ao ouvir alguns pregadores nos retratando os tormentos dos condenados. Ao crer neles, esses infelizes se retorcem eternamente no lago de fogo. Vítimas sempre morrendo e sempre vivendo, eles sentirão sem cessar as mordidas desse fogo que queima sem destruir. Eles serão embebidos, saturados até o tutano de seus ossos, nas fibras mais escondidas de seu ser. Existe lá, não se sabe precisamente em qual lugar, os demônios armados de foices, pinças, alicates, realizando, durante a eternidade, o trabalho de carrasco. Rebeldes a Deus para fazer o bem, são de uma docilidade maravilhosa para fazer o mal e jamais sentem repulsa por suas horríveis funções. Tão maus e tão inúmeros que sejam, os demônios se fazem ouvir de um canto a outro do abismo, a fim de que suas vítimas não tenham sequer um instante de repouso. Deus toma da beira do sepulcro nossos corpos de argila, cujos átomos são dispersos. Ele os retira tal qual eram quando entraram, com suas enfermidades originais e as degradações sucessivas da idade, da doença, do vício; ele nos retorna a esse estado decrépito e todo coberto de máculas que a vida e a morte lhe imprimiram. Eis o primeiro milagre

operado a despeito de todas as leis da química; e eis o segundo: a esses corpos mirrados que tendem invencivelmente a dissolução, ele inflige a imortalidade. Essa terrível ressurreição não nos restabelece nem às condições físicas de homem inocente, nem às condições físicas do homem culpado. É apenas uma ressurreição de nossas misérias com a sobrecarga das misérias mais horríveis. Para realizar tal obra prima, Deus muda todas as propriedades que ele próprio desenhou aos compostos da matéria. Ele, o Pai, faz um prodígio para manter viva a podridão humana e gozar eternamente de seu suplício. Ele assim se torna o único verdadeiro carrasco do inferno, pois somente por sua vontade permanente ele pode impedir que o fogo se faça sentir, que a carne seja consumida e que os demônios gritem: Graças!

E que é preciso, segundo os teólogos, para precipitar uma criatura em seus desesperos sem fim? É necessário ter derramado o sangue do homem, perseguido o fraco, espoliado a viúva? É preciso ter blasfemado Deus, ter se chafurdado no lodo? É indispensável ter sido traidor como Judas, cruel como Nero, depravado como Sardanapalo? Não, basta um só pecado mortal não perdoado. E por pecado mortal deve-se entender não somente o assassinato, o roubo, o adultério, a traição e a tirania, mas uma fraqueza de coração, uma confissão pascal negligenciada, uma missa perdida sem um motivo legítimo ao domingo, um pouco de carne comida na sexta-feira, sem liberação, uma dúvida insistente contra alguns dogmas novos.

E Deus não hesitou em criar o homem à sua semelhança, sabendo desde o início que ele sucumbiria senão fatalmente ao menos infalivelmente à tentação? Ele viu, em virtude de sua sabedoria, que essa pobre raça humana estaria presa a todas as dores durante esse curto sonho que se chama vida; porque ela iria se jogar em massa nos abismos infernais para maldizê-lo sempre e perdurar, sem esperança, tormentos indescritíveis. E essa seria a última palavra da bondade infinita, o resultado definitivo do plano divino!

Ah, senhora! Eu tenho um coração e esse coração foi Deus que me deu. Ora, esse coração protesta em todas as suas fibras contra essas asserções blasfematórias. Nenhum homem no mundo, por mais cruel que se suponha, ousaria confessar as intenções, os sentimentos que uma doutrina parecida dispõe ao Criador. Não há um que possa dizer ao outro que lhe desfigura a sorte: “Se seu Deus é como você diz, ele não merece que eu o adore, pois na minha enfermidade, me sinto melhor que ele”. Tome o tirano mais sanguinário, o mais encouraçado contra a piedade: suponha

que ele possa ouvir dia e noite os soluços de suas vítimas: E, bem, eu o desafio a resistir um mês a tal súplica. Ou ela lhe fará graça, ou terminará por exterminá-los. Isso é tão verdadeiro que para se poupar do eco incômodo dos suspiros, os opressores tiveram o cuidado de inventar as masmorras, ou seja, calabouços bastante profundos para sufocar a voz das vítimas.

Dizem, eu sei, que Deus só pode agraciar a aqueles que imploram seu perdão e que os condenados blasfemam ao invés de se arreenderem. Mas há homens que se mostram muito grandes para agraciar mesmo os criminosos que se recusam a implorar clemência. E se essa condição é indispensável para que se obtenha o perdão de Deus, quem pode impedir a bondade divina de fazer penetrar, na alma culpada, uma luz intensa o bastante para provocar o arrependimento? Não há sequer uma alma no mundo que só tenha a sofrer e todas aquelas que se obstinam no mal definitivamente não são mais que cegas. “O reprovado não mais está livre, diz-se, e o arrepende eficaz supõe a liberdade”. E, bem, que Deus lhe dê a liberdade lhe encaminhando a uma nova prova, e assim sua bondade se encontra coerente com sua justiça.

A gente fica estupefato, senhora, quando pensa nas consequências morais e sociais desse dogma impossível, combinado àquele da graça. Eis aqui, por exemplo, um criminoso que assassina sua vítima em pleno sono. Essa vítima não está, de modo algum, em estado de graça, e por isso está mergulhada para sempre no inferno!

O assassino tem o tempo de se reconhecer, de se confessar antes de subir à forca e por isso ser salvo.

Que não erremos mais, o dogma terrível do Inferno eterno é um dogma finito, um dogma infame do qual se envergonha e que, longe de fortalecer a fé, multiplica os incrédulos.

Como se surpreender? Aquele que crê seriamente no inferno tal como nos é pintado, sem refletir, sem uma sombra de dúvida, se ele quer ser coerente, deve renunciar a tudo, fugir ao mundo, aos negócios, a família, e ir-se. Como são Jerônimo, dominar sua carne sobre as pedras do deserto. Ficamos atemorizados ao pensar o espetáculo que ofereceria a Terra se todos aqueles que nela habitam cressem firmemente, praticamente a eternidade das penas e no pequeno número de eleitos. O gênero humano se petrificaria pelo medo na esterilidade. Muitas alegrias, muitos luxos, muitas festas, mas por todos os lados a tristeza, o aborrecimento, o torpor.

Muito movimento, indústria, progressos artísticos, obras primas literárias, muita vida! Nossas grandes cidades tão ativas se tornariam necrópoles. Figuras patibulares por todos os lados, poses de devotos, um frio de claustro, um silêncio de sepulcro. Se o mundo vive, palpita, progride e encontra ainda um meio de se divertir um pouco, é porque ele não acredita no inferno, ou vive quase como se não acreditasse. Se algumas almas boas acreditam nele, ainda que numa fé bem vaga, bem tépida, elas se colocam, em seu próprio pensamento, no lugar dos eleitos, deixando o inferno ao próximo⁴.

Ao dizer isso, senhora, eu digo, talvez, o segredo do mundo inteiro.

Eu vou mais longe e me pergunto como um santo padre, um padre verdadeiramente ortodoxo, que tem coração, pode levar, sem morrer, o peso esmagador desse pensamento: cada dia, milhares de pessoas expiram e quase todas caem no inferno para sempre, de acordo com o que fica dado pela teologia? Milhões, milhares de infiéis, hereges, cismáticos, pensadores livres, vivem e morrem sem se preocupar com a Igreja fora da qual não há salvação! E Deus, que é amor, permite que essa fé que pode salvar o homem por ela mesma seja tão lenta ao se propagar.

Assim, me pergunto como o coração de uma mãe crente poderia resistir a essa reflexão dolorosa: “Se essa criança, esse filho que eu alimentei com tão belo amor viesse a morrer, ele seria um anjo. Se ele vive, ai! Pode-se apostar cem contra vinte, contra dez, que ele será condenado! Tanto em uma como em outra alternativa, eu só tenho a lamentar!”.

Oh, Deus de bondade, que sua luz penetre enfim nos limbos para banir os fantasmas. Que nossa pobre humanidade aprenda a lhe conhecer, para repudiar para sempre o terrível dogma que não passa de uma blasfêmia e pesar por tanto tempo como um pesadelo. O senhor é amor, ó meu Deus, porque o senhor é o Pai e não permitiria que nem um de seus filhos fosse condenado para sempre a justificar esse grito de piedade de um de seus santos, a propósito de Satanás: “O infeliz! Ele não ama!”. Ele deixaria então meu pobre coração se dilatar pela esperança, ao repetir essas palavras de vida que o senhor colocou nos lábios de seu profeta: “Minha ira não durará para sempre porque os Espíritos saíram de mim e fui eu que criei as almas” (Isaías, LVII, 17).

⁴Infelizmente, é o pensamento da maioria dos devotos, cujo coração orgulhoso e cheio de fel designa secretamente ao Inferno eterno todos aqueles que não pensam como eles. As pobres pessoas, como estão longe de Cristo, que foi o modelo da caridade e do Amor.

Permita-me ainda, cara senhora, citar aqui alguns versos de Vitor Hugo. O poeta, sem dúvida atormentado por esse pensamento do inferno eterno, protestou também contra esse dogma bárbaro. E quando um padre diz em seu orgulho:

Eu invento os demônios que colocam o homem de luto;
Eu sou o criador supremo e solitário
De um monte de espectros, vergonha ou temor da terra.

O inferno eterno com suas legiões de demônios, seus horríveis suplícios, é uma criação da essência humana, e as religiões que fortaleceram essa crença no espírito das massas recusarão sem cessar, na medida em que um pouco de luz clareia as fases de nossos destinos imortais.

Mas tais concepções, apontadas como justiça divina, seriam apenas ridículas se sua aceitação não penetrasse nas massas um tipo de subjugação e obscurecimento do senso moral.

A razão vacilante não é mais sustentada pela lógica. Uma fé receosa, trêmula, substitui a fé esclarecida e as desesperanças tomam o lugar de toda esperança. Uma sombra mortal, sinistra, empalidece a luz e no seio de uma agitação estéril, um ferver de todas as paixões desencadeadas, o Mundo, sem guias, sem clareza, sem esperanças, vai à deriva sobre o imenso mar que não é mais que um vasto abismo onde somente alguns poucos nadadores colidem com lamentáveis destroços das tempestades sempre renovadas. “Rari nantes in gurgite vasto”.

Em meio a confusão de todos os dogmas religiosos, encontramos os traços de divindades impiedosas das quais o gênero humano parece não poder escapar.

Misturados aos preceitos de amor e caridade, sentimos a ferocidade própria aos gênios malfeitores inventados pelo espírito atormentado dos mortais sempre trêmulos diante de um terrível desconhecido e impenetrável a seus sentidos materiais e perecíveis.

Por crer no inferno, os homens acabam por criar o inferno sobre a Terra.

Todas as nossas esperanças, desde agora, concentradas sobre os raros nadadores atirados sobre o imenso mar em fúria, pois é impossível que o demônio seja mais forte que Deus.

Lembre-mos das palavras de Jesus: “Eu vos enviarei o Espírito da Verdade que restabelecerá todas as coisas” e nós chegaremos a

compreender que o sofrimento não pode ser eterno.

O trabalho consciencioso, um amor profundo por tudo que vive, nos farão triunfar sobre todas as dificuldades.

Então, em um raio de glória real, a nova aurora se levantará sobre a Terra e sob a magnífica e calorosa claridade de uma ciência, verdadeiro estreitamento aliado a verdadeira Fé, os fantasmas trágicos se dissiparão para sempre, tanto que a vida normal, benfazeja, sustentada pela Divindade suprema e infatigavelmente piedosa, persegue seu curso eterno.

VII - O inferno diante da razão

É uma alegria, para o filósofo, procurar desenvolver cada vez mais sua razão. Esforçando-se para ser assim, a senhora chegará, minha cara, a uma compreensão cada vez maior das verdades imortais, e sua alma aliviada das quimeras pesadas estará pronta e confiante para perseguir sua ascensão eterna.

Alguém lhe diz, senhora, “que somente os ímpios contestam o dogma do inferno eterno, porque eles têm interesse em negar os castigos para os quais eles se preparam”. Eu conheço esse refrão por tê-lo repetido com freqüência, mas por que fazer fantasia? Os “ímpios” não se ocupam de negar o inferno, eles não pensam sobre isso. As cândidas crianças, as mulheres ternas e compadecidas, os homens crentes e generosos, eis a quem o terrível dogma revolta, bem mais que a aqueles a quem ele não atemoriza, porque eles sentem instintivamente que esse dogma é absolutamente incompatível com a idéia que eles fazem da bondade divina.

Quanto ao pensador sério, ele se contenta em opor a todas as divagações da escolástica a seguinte racionalidade: Deus não pode infligir tormentos infinitos senão aos culpados para os quais o crime é infinito; ora, o homem sendo um ser finito, não pode cometer um crime infinito. Ou ainda mais: um Deus infinitamente misericordioso não pode ser infinitamente vingativo; ora, Deus seria infinitamente rancoroso se punisse com suplícios eternos o pecado de sua criatura, portanto, seu dogma é uma blasfêmia.

Os teólogos, eu sei, têm resposta para tudo. A misericórdia, dizem eles, se exerce durante a vida, mas ela finda com ela para dar lugar à justiça. Ora, é precisamente isso que se deveria provar. Ou o culpado se arrepende depois da morte, e Deus seria cruel se ele lhe recusasse o perdão depois dos castigos, ou Deus, por milagre, o fixa no mal ao obrigá-lo a maldizê-lo sempre, e então a gente se pergunta como alguém pode amar um Deus assim? Isso parece tão mais evidente que ele não pode padecer do pecado do homem. Se alguém viola, a nosso olhar, as leis da justiça, nós podemos sofrê-las em nossos bens, em nossa honra ou em nossa pessoa; mas não é desse modo com o Altíssimo: ofendendo-o, o pecador só perturba a si mesmo. Vimos muitos homens bastante generosos para perdoar, em seu último suspiro, os infelizes que lhes tiraram a vida, e desejar-se-ia que Deus permanecesse eternamente inflexível quanto a uma ofensa que não

perturbou um instante sua imutável serenidade! É perturbadora a idéia que nós temos sobre a bondade suprema daquele a quem chamamos de bom Deus! A senhora leu a história da Inquisição e a senhora estremece ao ver os monges que pela manhã beberam no santo altar o sangue de Jesus Cristo, condenar friamente as pobre vítimas à tortura e a fogueira, com a convicção de enviá-los às chamas eternas. Em agonia, a senhora se pergunta como o coração desses homens pôde se mostrar capaz de tais refinamentos no suplício, de tal serenidade na crueldade? Infelizes! Esses monges não eram homens: eram padres celibatários que acreditavam na invencibilidade de Alexandre VI e na eterna ira de um Deus feito a sua imagem.

Esses inquisidores, a senhora sabe, perseguiram, exterminaram com um ódio perseverante os maniqueístas muito conhecidos pelo nome de albigenses. Ora, qual foi o crime desses hereges? Eles criam, diz-se, na existência de dois princípios independentes, o princípio do bem Ormuz e o princípio do mal Arrhiman, afirmando o triunfo do primeiro sobre o segundo. E, bem, os inquisidores de modo algum perceberam que o dogma do inferno eterno consagra esse terrível dualismo censurado sobre os maniqueístas, e isso desde sempre. Ele nos mostra, durante séculos e séculos, Deus que se vinga sob os aplausos dos eleitos, e Satã que o insulta aos aplausos de suas legiões.

Os teólogos sérios confessam que a razão não pode tornar esse dogma aceitável e que não há outro fundamento sólido que não apenas certos textos sagrados. Algumas palavras de Jesus Cristo parecem muito formais, de fato, sobretudo se isoladas dos comentários que poderiam acompanhá-las. Mas essas palavras, sejam elas perfeitamente autênticas, não tornariam verdadeiro isso que é impossível. Elas provariam que Jesus quis chocar a multidão com imagens fortes e nada mais. Moisés, tendo em vista um povo perverso, “de cabeça dura”, procurava mantê-los no dever pela crença de castigos corporais, sem dizer uma palavra das penas de outro túmulo e da imortalidade da alma.

Na aparição do Cristo, a humanidade já tinha feito algum progresso: também Cristo teve para ela uma revelação mais completa, mais espiritual, revestida de uma sanção menos grosseira ainda que mais terrível. Ele ameaça os maus endurecidos com essa sentença: “Vão, malditos, ao fogo eterno”. Mas ele diz também que esses maus “serão lançados no Geena”. Ora, o Geena era um vale onde imundícies eram jogadas. Jesus empregava assim tanto a metáfora como a parábola para melhor chocar o espírito das

multidões que o cercavam: por que não a hipérbole?

Esse nome, Geena, pode conter uma revelação sublime. A criação material é um imenso laboratório onde os mundos se formam e se aprimoram por um trabalho incessante. Dessa elaboração resultam, de uma parte, mundos mais belos, mais refinados, mais luminosos, mas, de outra parte, os não-valores, escórias que tombam no vale. Esses elementos grosseiros, elaborados novamente pelo fogo, formam mundos inferiores. Ora, no mundo dos Espíritos uma elaboração semelhante se opera pela graça e pela liberdade. As almas que se aperfeiçoam por seguir Cristo sobem a regiões luminosas, do mesmo modo que as almas criminosas caem nas banhagens obscuras, os infernos formados no vale. Esses são “os reprovados”, quer dizer, as escórias espirituais que têm necessidade de passar novamente pelo crisol. Esse crisol se compõe de escórias materiais desagregadas, relaboradas pelo fogo.

A teologia vulgar permanece rígida sobre o nome “eterno”, sem imaginar que essa locução é empregada com freqüência nas Escrituras para significar uma longa jornada. Assim, o salmista nos diz de “montanhas eternas”. O Eclesiastes nos diz que a terra é erigida “para a eternidade”, tanto que Moisés afirma que “a misericórdia do Senhor reinará eternamente, e para além”. Parece-me, após tais exemplos, que se pode formular a seguinte conclusão: Jesus se utilizava de seus auditores ao falar do inferno, como o autor do livro dos Juízes se utilizava de seus contemporâneos, dizendo que Josué parou o sol.

Isso posto, como Deus “trabalha sem parar”, pode-se dizer que ele sempre terá almas sobre o caminho da provação, e que, entre essas almas, existirá sempre os que se obstinarão mais ou menos no mal. Pode-se então supor que, entre os mundos que povoam o espaço, sempre haverá mundos inferiores que servirão de crisol aos maus. Esses crisóis poderão ser eternos como o mal, mas Cristo não diz que suas vítimas ali estarão para sempre.

Confesse, senhora, que quando contemplamos a encantadora fisionomia de Jesus, quando meditamos as parábolas tão tocantes do bom pastor, do bom samaritano e do filho pródigo, torna-se difícil crer que, sozinho entre todos os legisladores sagrados, esse doce Saber tenha desejado promulgar um dogma tão revoltante.

No mais, o símbolo dos Apóstolos nos obriga a crer, não na morte eterna, mas na vida eterna.

Pretende-se que esse espantinho seja indispensável para opor uma barragem de paixões, mas é possível se enganar. O inferno da Idade Média pode atemorizar ainda algumas almas simples e cândidas, precisamente aqueles cujo mundo não apresenta nada a temer, mas ele não impede, sobre a via do crime, nenhum celerado. Os assassinos e os ladrões temiam os policiais muito mais que aos demônios, e o jovem homem é preservado pela lembrança de sua noiva muito mais que pelo receio do fogo. Um inferno racional pode ser um freio porque não se pode crer nele, mas um inferno que revolta a consciência não é um, porque não se crê nele. Os próprios bons cristãos não são mais persuadidos, e talvez seja isso que lhes permite ser tolerantes, pois “não é fácil viver em paz com as pessoas que se crê condenadas”.

Que não nos enganemos, uma legislação que não tem outro objetivo que não o de inspirar o pavor perde quase sempre o fim a que ela se propõe. As almas envergadas pelo terror logo acabam por amortecer. Nada servil como um receoso, nada estéril como um trêmulo. No mais, deve-se dizer a ele em honra a natureza humana, ele obedece melhor por amor que por medo, e não é tão fácil amedrontá-lo como se pensa.

As penalidades, no antigo regime, sobretudo na Idade Média, não eram somente injustas, arbitrarias, elas eram atrocidades. Espancava-se, desmembrava-se, queimava-se e os crimes se multiplicavam. Criava-se intimidar pelo refinamento dos suplícios, mas a experiência mostrou que não era assim. A multidão procurava nesses espetáculos hediondos emoções muito mais terríveis que o horror do crime tão cruelmente expiado, e queixava-se do culpado ao invés de tomar partido pela justiça.

Ora, Deus conhece melhor que nós o coração do homem: ele não pôde então contar com as labaredas eternas para prevenir ou domar suas rebeliões.

Quando o padre, menos curvado sob o jugo da cúria, parar de confundir os benefícios da fé esclarecida, ele consagrará seus esforços em elevar a alma do povo tomando-o por seu lado generoso; ele então pregará a justiça, a paciência, o perdão. Ele falará um pouco menos do papa e um pouco mais de Cristo; ele mostrará, sobretudo, o céu e se poupará de mostrar o inferno.

É em vão que se queria iludir fechando os olhos e seguir Roma que queria dominar o mundo pela compressão e pelo medo. O carrasco desapareceu, o fantasma se foi, e as próprias crianças não têm mais medo do diabo. A razão retoma seu império recalçando cada vez mais os tenebrosos, e como

proclamou o gênio inspirado de nossos pais: “Três coisas se reforçam cada vez mais, com uma tendência sobre elas cada vez maior: o amor, a ciência e a justiça; três coisas caem cada vez mais, com uma oposição entre elas cada vez maior: a ira, a injustiça e a ignorância”.

Os pensadores que se esforçam por difundir as idéias tão bem expressas acima têm apenas algum mérito nisso. Graças a Deus, senhora, a Inquisição não acende mais as fogueiras. Talvez não seja pela falta da vontade de algumas pessoas que lamentam não poder recomeçar a exercer as vinganças sangrentas de outrora.

Deve-se reconhecer, eu tive a felicidade de constatar muitas vezes, que os ministros de diversas religiões se tornaram e se tornam dia a dia mais tolerantes.

Ainda que forçados a se dobrarem às disciplinas rigorosas de suas Igrejas, eles tentam conciliar, de todas as formas possíveis, a razão com a fé imposta e ingênua de outrora. A liberdade de consciência é assim mais respeitada. Os intransigentes, os sectários da fé imposta se contentam em maquinar na sombra e nós só temos a suportar, com freqüência, suas hipocrisias, sua traição e suas zombarias.

Mas isso pouco importa aos pesquisadores honestos que não teriam ira, pois que eles querem somente o triunfo da verdade.

“Os cachorros latem e a caravana passa”, diz um provérbio árabe.

VIII - Os mundos felizes

Depois de ter lhe desolado por essa dissertação sobre o inferno inventado pelos homens ignorantes e maus, é útil, cara senhora, restabelecer sua alma mostrando-lhe as recompensas. Uma vez seu coração consolado, subirá um canto de amor e de alegria ao Deus de bondade que distribui essas maravilhas.

O sol está radiante e eu me sinto menos triste; quero dizer, senhora, que estou disposto a lhe abrir uma saída aos mundos felizes. Eu não falo, observe bem, da felicidade completa que será o fim e o coroamento de nossa ascensão. Tal felicidade é indescritível, pois “o coração do homem não poderia compreender isso que Deus reserva àqueles que ele ama”. Eu falo das alegrias relativas, humanas, mas supra terrestres, que serão nossa partilha, depois que tivermos percorrido corajosamente algumas etapas novas, mais ou menos fatigantes.

O telescópio nos mostra, no céu, sóis duplos, ou mesmo sóis triplos, coloridos diversamente. Esses sóis devem iluminar e fecundar, como o nosso, terras ou planetas. Ora, esse simples fato astronômico nos permite imaginar um paraíso terrestre e celeste ao mesmo tempo, cujos esplendores podem ultrapassar todos os nossos sonhos.

Essas terras benditas são constituídas de maneira a realçar a mais rica vegetação, cortada por montanhas, mares, rios, que multiplicam os lugares encantadores. Em virtude da rotação do planeta, e de evoluções e de sóis multicoloridos, os habitantes desse Éden vêem um sol branco subir na manhã. Algumas horas mais tarde, um belo sol azul vem dar seu tom azulado as montanhas e planícies; então, de repente, no momento onde o primeiro se inclina no horizonte, e onde o segundo se encontra no zênite, aparece no oriente um magnífico sol rosa! Que jogos de luz! Que espetáculos mágicos para os afortunados habitantes desse mundo!

Essa colônia humana chegou a tal grau de superioridade que seus membros mais deserdados são mais belos, mais esclarecidos, mais delicados que a fina flor da melhor sociedade. Nesse espaço, a atmosfera está em perfeita harmonia com a pele. Então, ninguém se abriga senão sob os berços em flores; ninguém se veste mais: ornamenta-se; e lá se fala como se cantasse ópera.

Ao invés de comer para viver, contenta-se em aspirar os eflúvios balsâmicos e nutritivos da atmosfera simbolizados pela ambrósia e pelo

néctar no qual se nutrem os deuses do Olimpo. Não se está mais ocupado em ganhar a vida, mas em gozá-la. O trabalho não é mais que um prazer, e as almas são bastante evoluídas de modo que o lazer não apresenta perigos. O corpo, longe de ser um tirano ou uma bala para o espírito, é seu amável e valente servidor. Esse servidor, composto de elementos mais refinados, não conhece enfermidades, nem a escravidão da gravidade. Ele tem o tato mais sutil que o cego, o olfato mais apurado que a águia. Que estou dizendo? É sob posse de novos sentidos que ele pode transmitir a alma percepções mais refinadas.

Tudo caminha, tudo se aperfeiçoa, mesmo a matéria que alimenta os organismos. Veja o que acontece no trabalho de nutrição do homem: o alimento mais grosseiro só é assimilado pelo corpo humano quando sofre as humilhações desse alambique que chamamos estômago. E o que a senhora me diz do cheiro das carnes, do perfume de frutas, do aroma dos grandes vinhos? Trata-se ainda da matéria, mas da matéria refinada, nobre, espiritualizada, que desdenha da força da barriga para ter direito ao cérebro do homem, a sede da alma, pelo odor.

E, bem, à medida que as almas se depuram, os corpos que lhe servem de envoltório se aperfeiçoam e sua alimentação, simbolizada pelo maná, concentra todos os saberes, sem impor a escravidão da digestão.

A Natureza, aqui, nos dá lições que guardam muitas esperanças.

Eis uma horrível lagarta que se transforma em crisálida para se preparar para enfim tornar-se borboleta. Nessa prodigiosa metamorfose, o enorme aparelho das mandíbulas desaparece com aqueles dos músculos que a fazem agitar. Garganta absorvente, estômago potente, entranhas ávidas, tudo isso é suprimido, dispensado como equipamento miserável de uma vida inferior. Sua vida nova, superior, sua vida de borboleta vai começar; de que ela precisa? Uma pequena tromba para sugar o suco das flores, e asas charmosas para servir a seus caprichos, assegurando suas conquistas. O inseto começa no escuro, na escravidão: agora está livre, certo de sua alimentação refinada, e melhor vestido que Salomão para amar em vitória!

Que revelação essa que sai dessa tumba que se chama casulo! Aquele que sabe ler o livro de Deus compreende que a morte é um impulso na direção de uma vida mais plena e melhor realizada. Feliz por sua visão, ele eleva a cabeça, observa o céu e exclama: O homem é a crisálida do anjo.

Aqui embaixo, a deformidade frequentemente obriga o amor a se calar, ou

a feiúra o desencoraja. Raramente, que pena, a bondade se casa com esse incomparável charme que chamamos beleza. É assim em quase toda a natureza. As flores mais bonitas não são as mais perfumadas, e os pássaros mais belos não são aqueles que cantam melhor. Mas, lá no alto, a bondade será bela e a beleza será boa. A camélia não mais invejará o perfume da violeta, e o rouxinol será mais ornamentado que o pavão.

Aqui embaixo nós choramos como a águia de Patmos diante do livro da verdade porque esse livro permanece “fechado a sete chaves”. Aspiramos ao grande dia e entrevemos apenas alguns raios pálidos, como um raio de luar que penetra numa caverna. Tudo é problema, tudo é mistério, e as inteligências que são curiosas ou indiscretas se expõem a inefáveis tormentos.

Lá em cima não é mais assim: as chaves se abrem, o livro se abre, e as almas exclamam num transporte jubiloso: “Ah, como éramos cegos lá embaixo, sobre a terra clássica dos bacharéis e doutores!”.

Eu lhe falei das alegrias do coração? Aqui embaixo, não sabemos amar nem a Deus nem aos homens. Que pobres seres que, menos felizes que o inseto, que a flor, atravessam a vida sem amar, sem ser amados! Quantos se oferecem, se doam, se sacrificam, e não colhem, em contrapartida, outra coisa que não as agonias inexprimíveis provocadas pelo desgosto, pelo desdém ou pela traição? “Oh!”, exclamava o jovem e charmoso sacerdote Perreyre, que dizia os inefáveis sofrimentos dos corações sobre a terra, e como é uma lamúria eterna a linguagem do amor! Escute todos os ecos elevados da alma humana: se o homem fala de amor é para chorar, é para se lamentar, para gemer. Quanto mais puro, mais lamenta; quanto maior, mais geme, quanto mais acima da costa terrestre, mais se queixa. Se, de tempos em tempos, um cântico de alegria se faz ouvir e interrompe por um momento essa grande monotonia, é para celebrar o júbilo de uma hora e recair na imensidade dos desejos”.

- Oh! Sim, os corações aqui embaixo são todos ao mesmo tempo famintos e muito difíceis. “Pouquíssimas almas encontram o endereço de suas almas”. E quando algumas têm essa rara felicidade, dir-se-ia que a morte lhe tem ciúme. Eu lhe vi chorar ao pensar em René.

Um escândalo parecido não poderia ser nem eterno nem universal. Entrevejo daqui o país afortunado onde não se repete mais esse terrível adágio: Amar é sofrer. Lá, as almas simpáticas se reconhecerão decerto e se agruparão, sem problemas. O casamento não será mais uma loteria ou

um mercado, mas a comunhão inefável e serena de duas almas cuja compenetração mútua não fará outra coisa que não argumentar a alegria. Alguém talvez possa chorar nesse mundo, mas as lágrimas serão belas, belas como as lágrimas da mãe que revê seu filho depois de longa ausência, e exclama chorosa: É ele! É ele! Ainda se morre, sem dúvida, porque não se chegou ao fim, mas a morte deixou de ser horrível porque ela se casa com o renascimento e o dia do transpasse é também um dia de festa.

A beleza divina mais conhecida não comanda mais o amor, ela o provoca.

Aqui embaixo, ela permanece velada, escondida: daí nossas preferências pelas criaturas que vemos, que tocamos, mas que são impotentes para satisfazer nossos desejos. Deus é o pólo porque ele é a perfeição absoluta. As almas suas filhas, vindas dele, destinadas a retornar a ele, parecem a agulha imantada que se inquieta, se agita como uma pobre atrapalhada enquanto não encontra o imã que a fixa no repouso. Ora, nos mundos que estão na idade da harmonia, a beleza divina destaca uma parte do véu que a esconde aqui embaixo. Ela se transfigura como Cristo no Tabor, e obriga os corações esmagados pelo encantamento a exclamarem como são Pedro: “É bom estar aqui”.

O amor, então, se traduz por um culto simples, espontâneo, e que de tão mais ardente é mais puro. Lá, não há mais dogmas incompreensíveis para torturar os Espíritos, cerimônias destinadas a fatigar os nervos, hipocrisias impostas pela necessidade de viver. A prece jorra dos lábios, não como um suspiro, como um apelo lamuriante, mas como um grito de alegria, como torrente de ações de graças. As almas livres, dilatadas, não repetem esse gemido do Salmista: “Do fundo do abismo eu gritei a ti, Senhor!”. Mas elas entoam o cântico de grata alegria: “Crianças, louvem ao Senhor. Que o nome do Senhor seja louvado, agora e em todos os séculos, pois sua glória brilha acima de todos os céus. Do alto de sua morada, ele se dignou a baixar seus olhos sobre nós. Ele nos levantou da Terra e do barro para nos colocar entre os príncipes de seu povo”.

Nós estamos longe desses mundos, mas eu os entrevejo, e eu sei que um dia eles se tornarão nossa morada. Isso me basta para que eu me regozije com o rei profeta: “Eu dormirei em paz, meu Deus, e eu gozarei de um descanso perfeito, porque o senhor me fortaleceu na esperança de uma maneira especial”.

Antes de chegar ao termo de sua peregrinação, chamada Orígenes, a alma

atravessa uma longa série de provas, segundo o que está escrito: “Eu te afligi e te alimentei no deserto com o maná que seus pais não conheceram; a fim de que isso que estava em seu coração fosse mostrado”. Segundo o mesmo pai, a viagem do povo judeu desde o Egito até a Jordânia é a imagem mística da grande viagem da alma da qual falam os Druidas. O Egito simboliza o mundo obscuro, que foi seu ponto de partida, e a Palestina é o símbolo do ponto de chegada, do paraíso final que é a “Terra prometida”.

Nós partimos, subimos, deixando para trás ruínas, ilusões, lágrimas, sangue; mas não esqueçamos de que vamos em direção à luz, em direção à felicidade que é definitivamente a grande realidade. Isso que reina aqui embaixo é “a luta pela vida”, isso que reina lá em cima é a paz na justiça e o júbilo no amor. O universo é uma lira mais bela que a lira de Homero, e o hino dos mundos é uma harmonia, apesar da nota ácida dos Espíritos rebeldes. A gota de orvalho, o perfume da rosa, a asa da borboleta conta, como o arco-íris, a glória do Deus maravilhoso. O Pai escuta a voz do grilo que canta na lareira do pobre, como ele escuta a voz dos serafins que formam sua coroa.

Ele escuta, sobretudo, a prece da alma pura que suspira, ensaiando suas asas bastante frágeis para arrebatá-lo ao país de seus sonhos. Eu conheço essa alma, e sei que Deus a ama, porque ele descobre, entre os diamantes que formam sua ornamentação, a beleza da bondade.

Talvez a senhora tenha percebido, minha cara, com que surpreendente facilidade os poetas sabem encantar seus leitores e dar maravilhosas descrições de seus sonhos de beleza.

É que o poeta da beleza e da bondade é sempre um ser evoluído cujo cérebro é fortemente servido por uma pré-ciência quase divina e pela ajuda dos Espíritos superiores que têm o poder de agir sobre os seres humanos aos quais eles magneticamente lançam seus versos.

Os poetas que cantam as maravilhas dos tempos celestiais não são suscetíveis, ao contrário, de descrever os infernos inventados pelas imaginações bárbaras e pelos cérebros delirantes.

No mais, poderiam eles descrever o Inferno real que nós vemos todos os dias sobre a Terra e que por vezes nos engolem tão completamente que nós não percebemos mais a verdadeira luz.

Eu peço desculpas por, depois de ter-lhe feito entrever o paraíso, ter lhe

falado do inferno, mas isso me parece preciso para lhe mostrar que nós não temos necessidade de acumular esses horrores, uma vez que o Inferno está em nós e que infelizmente nós o temos realizado muito frequentemente sobre a Terra onde estamos.

O Inferno, nós o temos tido em todo seu horror durante quatro anos sangrentos. Será que isso não foi suficiente para os homens? Eles não passaram bastantes horas de angústia e de cólera, horas de problemas, horas de ira, horas de agonia?

E eles gostariam, para a eternidade, ainda mais do trágico horror aliado a todos os horrores?

Mas quem, então, disse isso? Que terrível carrasco, o atormentador eterno se levanta dentre todos os monstros e vem diante da luz!

... Durante minha presença no Exército, eu me encontrei, por dois meses, em 1916, encarregado de um serviço insignificante, mas que necessitava de minha presença em uma casa solitária localizada na zona em que os canhões do inimigo devastavam terrivelmente quase todos os dias.

Sozinho, dia e noite, eu me esforçava para viver lá sem me assustar demais com a devastação que acontecia ao meu redor e com o perigo que eu poderia correr. Em certos momentos, quando a calma parecia renascer, eu provava com um pouco de acidez a tranqüilidade relativa que me era permitida, sonhando que muitos dos meus camaradas, em situação ainda mais perigosa, não teriam tido nenhum momento de descanso.

Ora, uma noite que o bombardeio era intenso, isso me fazia pensar, precisamente, no inferno imaginado por certas religiões, quando meus olhos caíram de repente sobre um humilde crucifixo de madeira, pequeno, mirrado, que ficou pendurado na parede em cima da chaminé, no cômodo onde eu estava. E o pobre Cristo parecia vivo e parecia me dizer: Você pensa no inferno, todo criado por homens de ira e de sangue. Você já não tem horrores suficientes sob os olhos no inferno em que você está com seus irmãos miseráveis; e você não vê que você continua a me crucificar todos os dias, apesar do meu esforço para te levar a verdadeira palavra de vida e de amor?

Quantos séculos serão necessários ainda para que vocês reconheçam e encontrem o caminho de amor e de bondade, da doçura e da caridade que lhes conduzirá na direção da minha luz e da minha sabedoria?...

... Sim, senhora, nós já estamos no inferno, uma vez que os homens o realizam sobre a Terra e que por um choque de retorno inelutável eles se tornam as primeiras vítimas.

Procurando, enfim, criar a justiça e o amor, nós seremos os primeiros beneficiários, mas para isso é preciso que o rico deixe de ser orgulhoso e que ele se torne mais igualitário, que o trabalhador seja menos violento, porém mais digno, menos aviltado, porém mais firme, a fim de poder realizar, em conjunto, a solidariedade efetiva uns aos outros.

IX - Os esclarecedores

É preciso que haja mestres para os alunos; é preciso trabalhar para aprender e se inspirar em bons exemplos para caminhar na via do bem.

Admire, cara senhora, a sabedoria da Providência que nos delega mensageiros, precursores. Compreenda seu papel benfazejo e a senhora sentirá verdadeiramente que nós devemos, apesar de tudo, caminhar em direção à luz.

Cristo, senhora, é o Redentor da Terra, mas ele não é o único messias de quem o mundo tenha visto as obras. Ele devia ter auxiliares, em sua missão libertadora, uma legião de Espíritos superiores encarnados entre nós. Da mesma forma, ele teve precursores nos profetas de Israel e nos grandes homens da antiguidade profana, e igualmente devia ter uma posterioridade gloriosa em seus apóstolos, nos homens de gênio e nos grandes homens de bem.

Associar-se, de perto ou de longe, à obra de Cristo é escolher a glória por sorte, mas também a dor. Antes da vinda do Messias os profetas eram levados à morte para que o Verbo divino fosse abafado de seus lábios ousados; Sócrates foi forçado a ingerir cicuta por ter blasfemado contra os deuses, proclamando a unidade de Deus. Aqueles que vieram depois de Cristo para trabalhar no avanço de nosso globo e de nossa raça foram, como o Salvador, incompreendidos, caluniados ou perseguidos. “Jesus necessitou realizar neles sua paixão.” Qual foi o gênio que a provação se esqueceu de coroar? Qual foi o herói para quem a vida foi feliz e longa? A coroa dos grandes homens, como aquela de Cristo, é uma coroa de espinhos.

Quão longa é a lista de mártires da ciência, do direito e da liberdade? Observe-a e repare que não há outra mais bela.

Esses homens, que são constantemente esquecidos, não estavam sós: eles amavam e eram amados. Quando eles sacudiam a esmagadora abobada de preconceitos de sua época, não se tratava simplesmente, para eles, de desafiar todas as torturas: eles deviam afligir, comprometer entes caros. Para se mostrarem fieis a suas convicções, eles deviam sufocar a voz do sangue, a voz do coração, e não escutar outra coisa senão a voz do alto que lhes dizia: “Fale apesar de seus amigos, suas irmãs que suplicam; abra as portas à verdade que está presa, apesar dos soluços de sua mãe, de sua esposa, de seus filhos que gritam: ‘Seja sábio, cale-se ou nos perderá!’”.

Surpreendamo-nos depois disso por algumas falhas da parte dos esclarecedores, de algumas hesitações e de algumas reticências.

“Quando houve uma grande festa no Coliseu de Roma, grande carnificina, diz Michelet, quando a areia bebeu sangue, os leões se deitaram saciados, cheios de carne humana, então, como divertimento do povo, era feito um joguete. Colocava-se um ovo na mão de um escravo miserável condenado às bestas e lançavam-no à arena. Se ele chegasse até o final, se por felicidade ele lograsse levar o ovo até o altar, ele era salvo. A distância não era longa, mas era assim que lhe parecia. Essas bestas mais que saciadas, dormindo ou já prestes a dormir, não deixavam de se levantar ao barulho de um passo leve, suas pálpebras insistentes, e pareciam se perguntar se deviam deixar seu repouso por aquela presa ridícula. Ele, meio morto de cansaço pela maratona, se fazia pequeno, curvado, inclinado sobre si mesmo como se fosse entrar na terra; ele teria dito se pudesse: Felizmente eu sou magro! Leões, senhores leões, deixem passar esse esqueleto; a refeição não é digna para vós. Nenhum palhaço, nenhum artista teve tamanho efeito sobre o povo: as contorções bizarras, as convulsões do medo levando todos os espectadores à convulsão do riso. As pessoas se retorciam nos bancos, era uma terrível tempestade de gozo, um rugido de satisfação.

E, bem, esse espetáculo se renovou no final da Idade Média, quando o velho princípio, furioso por se ver morrer, acreditou que ele ainda teria tempo de matar do pensamento humano. Vê-se novamente, como no Coliseu, escravos miseráveis levar através das bestas não alimentadas, não saciadas, e furiosas, atroz, ávidas, o pobre e pequeno depósito da verdade banida, o ovo frágil que poderia salvar o mundo se ele chegasse ao altar. Outros rirão, pior para eles! Eu jamais rirei perante esse espetáculo. Esse joguete, essas contorções para enganar os monstros rugidores, para divertir esse povo indigno, tudo isso me causa dor.

Esses escravos que eu vejo passar lá embaixo na arena sangrenta, eles são os reis do Espírito, os benfeitores do gênero humano. Oh, meus pais, oh, meus irmãos, amigos queridos ao meu pensamento, então seriam vocês que eu reconheço trêmulos, sôfregos, ridículos sob essa triste fantasia? Gênios sublimes encarregados de levar a mensagem de Deus, vocês então aceitaram por nós esse martírio disforme de serem os comediantes do medo?

Degradação! Oh! Não, jamais! Do meio do anfiteatro eles me diziam com

doçura: Que importa, amigo, que se riam de nós? Que importa que nós soframos a mordida das bestas selvagens, o ultraje de homens cruéis, desde que chegemos, desde que o caro tesouro, colocado em segurança no altar, seja tomado pelo gênero humano, que ele seja salvo mais cedo ou mais tarde? Tu sabes bem qual é esse tesouro? A liberdade, a justiça, a verdade, a razão.

Quando se imagina por quais degraus apareceu todo grande pensamento, pouco choca ver as humilhações, as baixezas onde pode descer, para salvar, aquele que já o fez uma vez. Quem nos permitirá seguir, da profundidade a superfície, a ascensão de um pensamento? Quem poderá dizer as formas confusas, os atropelos, os atrasos funestos que ele sofreu durante séculos? Quanto do instinto ao sonho, ao devaneio, e de lá ao claro obscuro poético, ele lentamente caminhou.

Como ele vagou tanto tempo entre as crianças e os humildes, entre os poetas e os ignorantes! Ele surge, enfim, luminoso em um gênio e se torna heróico: incendeia o devotamento do amor e do sacrifício. Ele o coloca sobre seu coração e vai em direção aos leões. Daí esse espetáculo estranho que eu via há pouco; daí esse joguete sublime e terrível. Veja como ele tem medo, como ele passa humilde e trêmulo! Como ele fecha, esconde, pressiona isso que ele leva! Ah! Não é por si que ele treme! Medo glorioso, medo heróico! Não vê que ele leva a salvação do gênero humano?”

Nossa época, senhora, acreditava ter enfim conquistado a liberdade da consciência e do pensamento, mas era uma ilusão. O espectro do passado reaparece e o homem da noite se vê armado de todas as formas para arrasar o homem do dia.

Ele o espiona para perseguir seus interesses, suas afeições, sua honra. Qualquer pessoa que se nega a abdicar, a tomar uma máscara, rompe com todas as esperanças e todas as seguranças da vida. Professor, ele perderá sua cadeira; médico, advogado, negociante, ele perderá sua clientela; político, ele será exilado; escritor, ele se verá condenado à prisão, a multa ou atropelado pelo sarcasmo⁵. Sim, depois de tantas lutas e de vitórias que se acreditava definitivas, a batalha recomeça sobre toda a linha, e as almas, para se manterem de pé, ainda têm necessidade de estarem intrépidas.

⁵ Isso aqui é, sobretudo, reservado aos humildes que são, muito frequentemente, o motivo de riso dos tolos e dos brutos que estão ao seu redor. No mundo trabalhador nós vemos isso todos os dias. No meio dos falsos irmãos, no meio dos inescrupulosos ferozes, odiosos, covardes e mentirosos, o homem de pensamento é como o escravo no meio das feras.

Se a comparação não corresse o risco de pecar pelo excesso de graça, eu compararia nossa humanidade terrestre a um laranjal, onde se vêem simultaneamente laranjas maduras, laranjas verdes e botões em flor.

As laranjas maduras representam os Espíritos mais avançados que abrem aos outros o caminho de todos os progressos. Esses aqui têm um problema: o de morrer muito rápido, ou de viver logo. Eles são normalmente incompreendidos e tratados como loucos. Assim foram tratados Cristóvão Colombo, Bernard Palissy, Jenner, Papin, Fulton e tantos outros. Pilatos, a senhora sabe, enviou Jesus a Herodes que lhe pediu para divertir sua corte com alguns milagres. Não tendo Jesus respondido a essas pretensões frívolas senão com um desprezo soberano, Herodes faz com que ele se vista com uma túnica branca, tratando-o por insensato. Ora, Jesus, assim tratado por um rei, representa o gênio tratado por louco, em todos os séculos, pela estupidez.

As laranjas verdes são o símbolo dos Espíritos médios que já galgaram algumas léguas, mas que se familiarizam facilmente com todos os abusos dos quais eles nada sofrem, e se associam por conveniência, para não ter de se comprometer. Esses aqui constituem o mundo como é, o mundo correto, calmo, razoavelmente egoísta e muito conservador. Esse mundo quer a ordem a todo preço, sem se preocupar muito com a liberdade, e tem algum desprezo pelos ideólogos. Ele não teria preso Cristo no jardim das Oliveiras, mas, se ele o tivesse visto entre policiais, ele teria murmurado baixinho: “Para que as autoridades o tratem assim, é preciso que esse homem tenha feito algo”⁶.

Quanto aos botões em flor, eles representam a massa ignorante, numerosa, infelizmente! São os que mudam ao sabor do vento e se colocam ao lado de seus opressores, para esmagar de seus pés pesados aqueles que querem libertá-los.

Um padre, o heróico Jean Huss, estava na fogueira cujas labaredas começavam a lambar seus pés. Ele viu chegar uma senhora, uma devota daquele tempo, que se dobrava sobre uma pilha de madeira seca. Ela queria, a cara alma, ganhar algum mérito contribuindo com o suplício do herege. O mártir teve por ela um olhar de compaixão e exclamou: “Oh, santa simplicidade!”.

⁶ Que descrição exata de nossa sociedade atual! A casta burguesa, aquela que possui os bens e as honras, que tem a mão sobre todas as forças capitalistas de um país, deseja a ordem a todo preço. Ela acredita ser a raça eleita, a única capaz, a única capaz de dirigir, comandar todos aqueles que caem sob seus golpes e que penhora sem piedade para seu maior proveito e sua única satisfação.

Por ser santa, senhora, essa simplicidade é frequentemente incorrigível e mais ainda mortífera. Se o fanatismo é terrível é porque ele mata os remorsos, uma vez que perverte a consciência. Ora, o fanatismo não é possível sem essa simplicidade que se chama ignorância. A mulher, de sua natureza, é mais sensível, e seu coração a dispõe a suportar facilmente, a senhora o sabe, o nobre tormento da piedade. Entretanto, em todas as épocas da história, a mulher se mostrou cruel aos iniciadores e nos nossos dias ela ainda é a perigosa cúmplice dos inimigos da liberdade. Acontece que a mulher é cega e acredita que a palavra de ordem dos príncipes e padres é a palavra de ordem de Deus.

Cristo sabe quanto custa fazer penetrar uma idéia um pouco mais elevada em certas almas “simples”; eis porque ele pronunciou essa palavra surpreendente e séria: “Não joguem pérolas aos porcos”. Ele teria desejado espalhar torrentes da luz da qual ele é a fonte, mas ele entendia que os ouvintes ficariam escandalizados com tal grandiosidade. Daí essas parábolas, essas reticências que revelam os maravilhosos cuidados de uma mãe pela inocência de seus filhos.

A revelação, o que quer que se diga sobre ela, é progressiva e se proporciona de acordo com o grau de avanço do Espírito que a recebe. Desde os tempos mais remotos, duas doutrinas tomam seu curso na humanidade: a doutrina científica e a doutrina simbólica; aquele dos “iniciados” para quem se levanta o véu, e aquela da multidão ingênua, a qual se lançam como alimento as lendas ou a mitologia. As tradições elevadas da Cabala se perpetuavam ao lado dos livros canônicos dos judeus; os brâmanes da Índia sabiam mais do que haviam entregado aos sudras; os sacerdotes do Egito riam entre eles do boi Ápis, e os sábios da Grécia não tinham mais que um respeito medíocre pelos deuses do Olimpo.

Do mesmo modo que pode-se ver no reino animal águias e moluscos, pode-se ver na humanidade grandes e pequenos Espíritos. Os primeiros reclamam a verdade pura e os grandes horizontes; os segundos querem o mediano, as formas sensíveis, a letra precisa e as prescrições minuciosas. Compreende-se daí que a mesma religião, ao menos na forma exterior, não pode convir a todas as almas que da mesma forma habitam todos os corpos. O próprio cristianismo, apesar da popularidade de seu ensinamento, não é compreendido por um fazendeiro da Baixa-Bretanha da mesma maneira que por Leibnitz, Bossuet ou Malebranche.

A verdade, ou a verdadeira filosofia, precisou ficar durante longos séculos como patrimônio de muitos poucos sobre nossa terra porque os Espíritos superiores não apareciam senão como raros extraviados. Assim se explica o destino daqueles que foram, entre nós, a mais bela encarnação do gênio. A maioria dos grandes homens tiveram de retomá-la para a posteridade, e confiar a esta a honra de reparar a ingratidão e a injustiça de seus contemporâneos.

Contudo, sua passagem não foi estéril, pois o mundo começa a colher aquilo que foi plantado com o custo de muito trabalho. A verdade, por tanto tempo aristocrática, se torna democrática; a luz, apesar de tantos entraves, penetra nas massas por todas as fissuras e o povo está mais difícil de ser enganado.

Tudo se move, tudo fermenta nesse imenso tanque que se chama Paris, o infernal e o divino. Não está errado dizer que ela é a capital do mundo, pois ela é ao mesmo tempo o esgoto e o sol. É nela que todas as vergonhas se escondem, mas é de lá também que partem todos os raios. Se o vício procura nela seu alimento, toda glória nela se consagra. E, fenômeno miraculoso, Paris é bastante grande para ser incompreensível. Podemos surpreendê-la numa noite sombria e inundá-la de pretorianos, mas jamais se vai calar nem o pensamento nem a palavra, não se sufocará jamais seu formidável riso. Ora, enquanto Paris fala, o mundo não pode dormir, e quando ele ousa rir, mata todas as tiranias.

“É preciso qualidades superiores para compreender o gênio e a virtude”, disse Chateaubriand. Nada é mais exato e esse aforismo explica por que os precursores não podem ser compreendidos, tão rapidamente, por seus contemporâneos.

Parece que o recuo dos anos é necessário para que as idéias sãs e a verdade cheguem a triunfar sobre a ignorância e a estupidez. Sem uma educação preambular, nenhum cérebro está apto a receber a verdade.

Reconheçamos, porém, que em todos os degraus da escala social encontram-se seres de boa vontade e ainda que seu número seja relativamente restrito, será suficiente quando seriamente se objetiva impor sem violência e com toda doçura desejável as idéias generosas e lógicas que darão um impulso vigoroso à Verdade.

Entre as qualidades superiores, a ternura é aquela sobre a qual podemos nos apoiar mais firmemente. É pela ternura que Cristo se impôs. É pela

ternura que seus primeiros discípulos, por sua vez, dominaram as massas e é porque, senhora, as mulheres são chamadas a realizar um importante papel, do dia em que elas terão definitivamente rejeitado as quimeras do passado e aberto suas inteligências à luz que a ciência e a razão fazem jorrar de todos os lados, porque as mulheres são e devem ser, em todas as circunstâncias, seres de ternura.

Até aqui foi preciso ter coragem de confessar, as mulheres foram, quase sempre, as mais fieis aliadas do obscurantismo; elas emprestaram um ouvido bastante atento às sugestões maldosas que os seguidores da mentira, em todos os tempos, murmuraram a suas orelhas tão confiantes. Pela mulher e por causa dela, frequentemente muitas convulsões sacudiram os povos e o espírito de mentira dominou o espírito de verdade, pois a mulher foi odiosamente enganada por aqueles que deveriam ter lhes mostrado os horizontes magníficos onde a Verdade faz brilhar sua luz eterna e poderosa.

O autor de “O Espírito Consolador” compreendeu perfeitamente o papel desempenhado pela mulher ao longo dos séculos, mas estou certo de que se pode feliz e utilmente modificar sua educação, a fim de prepará-las para o papel benfazejo no qual elas mostrarão excelência.

A lenda ingênua do paraíso terrestre onde a mulher se deixa tentar, e a lenda mais alta de Maria, mãe do Salvador, representam os dois extremos do papel atribuído à mulher. Que não haja mais enganamentos, são as mulheres que vão salvar o mundo e que, de uma vez por todas, como os Sabinos antigos, vão separar os homens sedentos de carne e armados uns contra os outros.

Mas, então, elas terão conquistado essas qualidades superiores das quais fala Chateaubriand e compreendendo o gênio e a virtude, elas não poderão ser outra coisa senão as servidoras devotadas da Verdade magnífica que elas inculcarão em seus filhos.

Nesse momento, senhora, uma paz benfazeja e segura reinará em nosso globo. Todos os povos unidos se ajudarão e se amarão. A verdade sem a obrigação e desprovida de todas as hipocrisias reinará por todos os lados da Terra, esta enfim livre da superstição, do erro, dos dogmas ridículos e ultrapassados nos apresentando uma divindade odiosa, sempre irada, pronta a se vingar e cuja ira parece encontrar uma força nova no silêncio tenebroso dos conventos onde constantemente acontecem ritos fúnebres e miseráveis de uma religião de sangue, para consolidar o poder do

obscurantismo que ainda cobre com seu horrível véu as massas abatidas pelo medo e o terror dos castigos eternos.

X - O mistério da dor

Que revelação na narrativa que a senhora me faz sobre as doenças que sobrecarregam sua venerável mãe! Essa mãe querida só é feliz quando lhe senta em sua cabeceira, e faz um bom semblante à fadiga, à insônia, à querida doente, deixando dormir os domésticos. Ah, seja bendita pela alegria que essa confiança me causa. Mas, a senhora vai mais longe: “Por um coração que canta aqui embaixo, diz a senhora, há mil que suspiram”, e sua alma piedosa retorna sempre a esse mistério: “Por que a dor?”.

Há muito tempo que dirijo a Deus essa questão que a senhora me coloca: “Oh, meu Deus, digo eu, o Senhor é mais que bom, o senhor é a bondade mesma, tendo feito o coração das mães. Por que então o senhor permite que seus filhos sejam assim torturados, e que os melhores sejam constantemente aqueles que mais sofrem?”. E escutei, no fundo de minha alma, uma voz respondendo: “porque eu amo vocês”.

A dor se explica, de fato, pelo princípio que afirma ao mesmo tempo a bondade de Deus e a grandeza do homem: nós somos todos feitos para a felicidade, e a felicidade, para ser perfeita, deve ser a recompensa de nossos esforços voluntários. A vida, em suas evoluções, é a manifestação cada vez mais completa do espírito. Quanto mais ele sobe, mais a vida se torna intensa, mais a sensibilidade se desenvolve e com ela o sofrimento. A dor é um parto. Suprimir a dor seria limitar a sensação e impedir o desabrochar da vida, o que é precisamente o objetivo dela. O mal, não sendo mais que uma “privação”, estimula o desejo, e o desejo estimula nossos esforços, nos faz avançar na direção da felicidade.

Conta-se que uma criança um dia carregou em seus ombros um belo cisne adormecido e se arrastava sob o peso do fardo. De repente, a bela ave abre seus olhos, estende as asas e leva a criança aos céus! Nós somos essa criança, esse belo cisne de asas brancas é o emblema encantador de nossas dores.

Oh! Sim, nós sofremos, em nosso corpo e na nossa alma, do contato dos homens e das coisas, mas nós somos quase sempre os primeiros artesãos das infelicidades das quais nos lamuriamos. Nós somos “insensatos” devido a estarmos enfileirados na hierarquia dos seres, e se a dor ousa nos poupar, nós a procuramos, nós a criamos. Cegos ou indiferentes quando se trata de nos abaixarmos para pisotear as parcelas de felicidade que a providência “semeou” em nosso caminho, nós somos engenhosos para

sondar pequenos lagos onde arriscamos encontrar uma pequena reviravolta. Ora reclamamos da vida que não basta ao nosso coração, ora reclamamos de nosso coração que não basta à vida.

Isso deve nos assustar? Não, essa loucura nos prova que somos, nesse baixo mundo, como viajantes difíceis que se encontram deitados em um leito muito estreito; e Deus permite que assim o seja a fim de que nós nos apressemos com o máximo ardor em direção às praças sagradas onde encontraremos o gozo no repouso.

Se nós sofremos por nossos desejos, sofremos mais ainda por nossas paixões. Cave até a raiz dos males que nos desolam e verá que a maioria provém de alguma lei violada, algum dever incompreendido. “O homem não morre, ele se mata”. A vida, por muito, é um banquete onde eles só sabem se juntar para ficarem doentes. Cúmulo da infelicidade é quando nossas paixões querem se saciar e encontram outras paixões que se tornam concorrentes e interditam o caminho. O orgulho se chova contra o orgulho, a luxúria contra a luxúria, o egoísmo contra o egoísmo. Daí os conflitos que cessam com sangue ou com lágrimas. E esses choques são tão mais freqüentes entre nós que a humanidade terrestre é menos adiantada na via que conduz a Sião.

Deus poderia, sem dúvida, prevenir todos esses males, mas para isso reverteria a grande harmonia de sua obra, deixando-nos atentos a nosso livre arbítrio que constitui nossa grandeza. Se eles nos poupa da luta, é para nos poupar a alegria de vencer e se ele permite que sofram a derrota, é para melhor nos fazer sentir a importância da vitória.

A morte, separando aqueles que se amam, a senhora o sabe melhor que eu, é a fonte mais fecunda de inconsoláveis dores. Chora-se muito mais aqueles que se vão quando eram mais amáveis, quer dizer, mais maduros para um mundo melhor. Quando o sol desaparece no horizonte para nos deixar a noite, nós não imaginamos que é para que ele vá iluminar e fecundar outro hemisfério. É assim também na morte que nos atinge um ente amado.

Nós não pensamos outra coisa senão que se rouba de nossa terra uma alma encantadora, ela prepara um alimento novo a outra atmosfera, e essa alma, livre de nossas enfermidades, teria direito de nos dizer: Se vocês me amam, por que se afligem com a minha felicidade?

A senhora também não foi chacoalhada por um fenômeno espantoso? À

medida que se desce a escala das almas, o riso aumenta com o gozo vulgar e a alegria banal. À medida que se sobe, ao contrário, encontra-se a alegria profunda, mas uma alegria pronta a chorar, uma bela melancolia como aquela do Salvador no momento em que contemplava, do alto da colina, sua ingrata Jerusalém; ou aquela dos corações generosos que assistiam as humilhações daqueles que eles amam.

A senhora chegou a contemplar a cadeia dos Alpes, os cumes do Jura? E, bem, essa cadeia esplêndida, essa grinalda de picos cobertos de neve que emergem sobre as planícies, lagos, colinas, representam, a meu ver, a grinalda mais bela das almas puras, heróicas, inspiradas, que enfeitaram, que ainda enfeitam a terra.

Esses picos brilhantes de brancura que se banham no azul e se avermelham no fogo adormecido, depois de ter sentido seus lados trabalhados pelos clarões do relâmpago, nos fazem imaginar com admiração os anjos terrestres cuja existência foi uma aspiração serena na direção da beleza, do melhor, entre o desencadeamento de todas as tempestades, bem acima da lama, das névoas e sons do vale. Em meio a esses picos, formando o nó central da cadeia, aparece como um gigante entre os gigantes, o estupendo Monte Branco! A grandeza dominando os grandes, a pureza reinando sobre os puros, Jesus Cristo o rei das virgens e dos mártires.

Quanto mais se sobe, mais se é feliz e mais se sofre, tanto é que as almas vulgares são fechadas as grandes alegrias como o são aos grandes sofrimentos. A natureza, para elas, não tem poesia e não as desperta nem entusiasmo nem tristeza. Pouco sensíveis a uma afronta, elas também têm pouco reconhecimento para um bom proceder. O próprio amor as encontra impróprias tanto para o êxtase quanto para o desespero⁷. As almas elevadas, por outro lado, estão suscetíveis a sentir as alegrias mais belas e as dores mais angustiantes. Um proceder delicado, uma palavra do coração lhe enche de júbilo, mas também uma falta de estima, um sorriso maldoso as ofende. Uma flor, um inseto lhes interessa, uma folha que cai as faz sonhar, o soar do sino as faz chorar. A natureza, com suas maravilhas, é o quadro reduzido de seus sentimentos, onde está o eco doce de suas impressões. Ao invés de receber sua impressão, elas parecem dar seus tons e suas cores. Assim, essa jovem mulher entenderá que arbustos cobertos de fino gelo são jubilosos, pois ela os contempla suspensos pelo braço do homem forte e bom que ela adora. Essa jovem viúva, ao contrário,

⁷ O retrato de nove décimos da sociedade atual está contido nessas poucas linhas.

entenderá que a natureza é triste, mesmo no mês de maio, porque ela está só, só com seus crepes, suas lágrimas e suas lembranças.

Para as almas delicadas e elevadas, amar é estar feliz ou desolado. É conhecer por experiência própria o céu ou o inferno, muitas vezes tanto um quanto outro, é estar inquieto no êxtase ou desfalecer em um soluço.

Se a senhora sobe um degrau para alcançar o ápice, a senhora encontrará os santos, os verdadeiros santos. Ah! Esses aqui sofrem, não de suas próprias dores, eles são suficientemente grandes para esquecê-las, mas das dores da humanidade, que eu diria, as dores de Deus. Eles têm fome e sede de justiça e vêm reinar a iniquidade. Eles sabem, eles sentem melhor que nós o quanto Deus merece ser amado e vêm que Ele é mal compreendido, porque Ele ainda é o grande “Desconhecido”. Eles sonham com a fusão dos corações pela caridade e escutam por todos os lados a ira que sopra a guerra. Eles querem ver o gênero humano subir ardentemente para os radiosos cumes que eles contemplam, mas eles vêm com estupor que o menor passo avante demanda séculos de esforços e custa muito sangue. Eles suportam dos nossos dias um outro martírio: o de ver aqueles que eles queriam chamar de guias veneráveis, observar sem cessar o passado, como alguns condenados de Dante, e lançar o anátema às almas que admiram a aurora ao invés de admirar o pôr do sol.

Aqueles lá não sabem rir; um profundíssimo abismo separa ainda o mundo que eles vêm do mundo que eles entrevêm. Se seus corações fossem menos tomados pela mansidão, eles tomariam horror a Terra e desgosto pela vida. Mas, não. Eles superam suas náuseas para realizarem sua missão caridosa. Eles elevam a voz para gritar a seus irmãos de baixo, a seus irmãos que se demoram nas orgias noturnas: “Procurem acima de tudo o reino de Deus e sua justiça, todo o resto vos será acrescentado”. E vendo que sua voz se perde no vazio ou no burburinho, eles se voltam ao Pai como Cristo na cruz. Eles oferecem à justiça eterna todas suas lágrimas, todas suas imolações voluntárias, para que ela consinta em apressar seu reino aqui embaixo. Eles dizem: Pai santo e infinitamente misericordioso, não atenda o que eles lhe pedem para que possam ser salvos. Se eles se obstinam na infelicidade optando por ficarem no mal é porque são cegos. “Perdoe-os, pois eles não sabem o que fazem”.

Oh! Sim, subir é sofrer, e essa lei resolve talvez o problema que preocupa largamente sua alma sensível, senhora: a questão do sofrimento dos animais. Entre eles, os que são mais lançados à prova são os mais

perfeitos, os que são mais ligados ao homem, tal como o boi, o elefante, o cavalo, e sobretudo esse incomparável companheiro que se chama “cachorro”.

Como a senhora, eu tenho por essas criaturas uma viva simpatia e uma piedade profunda. Mas, como explicar seus sofrimentos? Impossível invocar aqui o “pecado original”. De outro lado, eu receio lhe escandalizar invocando o sistema de Darwin para lhe mostrar nesses nobres animais os candidatos e/ou os aspirantes a humanidade. Eu me resigno então a supor que esses caros aliados do homem receberão um dia o salário de seus sofrimentos terrestres tornando-se, em uma esfera superior, os auxiliares mais inteligentes e felizes de uma humanidade mais avançada. Eles subirão como o menino da fazenda que termina por se tornar o camareiro e também o confidente do bom príncipe⁸.

Um dia, senhora, teremos a chave desse grande mistério, e, para nos atender, temos como encorajamento esse oráculo infalível do Salvador: “Bem-aventurados os que sofrem, pois serão consolados”.

Oh, dor! Se sou sua presa, sou também seu amante. Sem o mal, saberíamos o preço do bem? Sem a noite, poderíamos contemplar as estrelas? A alegria se compra pelo sacrifício e a privação por ela mesma dá ao gozo toda sua sabedoria. No mais, que importa o inverno quando se sabe que a primavera vai renascer?

Que importam as asperezas do caminho quando temos para nosso encanto os cânticos dessa maravilha que se chama Esperança! A Esperança que faz abrir todas as portas, mesmo aquela que leva a “cidade das lágrimas”! A Esperança que nos diz ao nos mostrar a abobada constelada: Eis o paraíso!

Não o paraíso fechado do qual são Pedro tem as chaves, mas o paraíso infinito, que fica aberto a todos os homens de boa vontade.

Por serem tão belas as linhas que precedem, eu devo confessar que sou obrigado a formular algumas reservas ao objeto da teoria posta pelo autor de “O Espírito Consolador”.

A exemplo de muitos teólogos da velha escola, ele afirma que nós sofremos porque Deus nos ama. Essa forma de pensar não estaria conforme a justiça de Deus e tal afirmação se deve a um erro de

⁸ Nós não vemos nenhum inconveniente nisso de que os animais, ditos superiores, sejam os candidatos a humanidade. Encontramos frequentemente mais coração e reconhecimento em um ser inferior como o cachorro que em alguns seres humanos, orgulhosos, egoístas, avarentos e maldosos.

interpretação. Nós sofremos não porque Deus nos ama, mas simplesmente porque nossos males provêm da dualidade do espírito e da matéria. Enquanto não chegarmos a fazer com que predomine o primeiro sobre o segundo, seremos obrigados a sofrer os choques contínuos que provêm dessa dualidade e Deus que assiste nossas lutas contínuas não pode fazer outra coisa senão nos enviar suas forças generosas e potentes para acelerar nossa subida até Ele e nosso triunfo definitivo sobre a matéria.

A dor não pode, então, existir senão temporariamente conforme nosso estado de inferioridade. Paremos de dizer que Deus multiplica nossas provas porque ele nos ama, mas digamos que Deus nos ama por nossos esforços em subir para sua Luz.

Dobrando as etapas, devemos atentar para o fato de que se dobram as dificuldades sobre as quais devemos triunfar.

Assim que formos suficientemente evoluídos, a dor desaparecerá como desaparece a noite diante da pura luz da aurora radiante e ensolarada.

XI - Os corações sensíveis

A alegria não é somente a recompensa da virtude, ela é também a fonte. Ela não falta a muitos corações, por serem bons, e muitas pessoas são más porque são amargas. Ora, o Espírito consolador, possuindo uma alma, direciona-lhe tamanho bálsamo que não há mais lugar para a amargura. Ele nos mostra de uma dada perspectiva Deus e o homem, a morte e a vida, o presente e o futuro, de modo a nos tornar mais sensíveis. Quando se está bem pleno de sua luminosidade, experimenta-se por seus irmãos encarnados uma simpatia tal que ninguém consegue desencorajar, e a caridade deixa de ser uma virtude para se tornar um treino.

Maine de Biran disse assim: “Isso que nos faz triste não é bom, e o que não é bom não poderia ser verdadeiro”. Se é assim, temos todas as razões para concluir que estamos em verdade, pois pela alegria nossa fé nos dispõe a bondade.

Ela nos mostra, melhor que qualquer coisa, a solidariedade universal que une os seres; ela nos faz sentir que somos todos irmãos, peregrinos, lutadores, tomados pelo mesmo objetivo sob a solicitude imparcial do mesmo Pai. Ela mina desde a base o espírito de casta e o orgulho de nascença⁹.

Ela nos ensina a estimar a honra segundo seu valor pessoal, ao invés de apreciar segundo o lugar que se ocupa no mundo. A humanidade, para nós, não é mais dividida em duas partes: aquela dos “predestinados” e aquela dos “reprovados”. Não somos mais tentados a odiar os maus nesse mundo para ser menos tentados a lamentá-los no outro, pois os maus, para nós, são apenas espíritos atrasados.

O que divide os homens é o interesse próprio, pois um inimigo frequentemente não é mais que um rival. Cada um teme não ter o bastante para si: daí o egoísmo que nos torna tão agudos para o ganho e fecha o coração ao ponto de torná-lo duro, muitas vezes cruel. Mas o discípulo do Espírito consolador, sabendo que a Terra é uma prisão transitória, prova um desdenho criterioso por aquilo que se chama ouro. Ele é conciliador, generoso porque prefere suas esperanças a todos os prazeres. Ele está mais feliz com uma boa ação que por um feliz ganho na bolsa. Ele se alimenta, enfim, desse pensamento tão justo quanto profundo: “Só levaremos desse

⁹ O espírito de casta ainda domina terrivelmente nossa época. O orgulho pelo nascimento é a causa primeira das discussões e querelas entre os homens. O rico entende, muito frequentemente, que o trabalhador é talhável e estúpido e pretende dominar o mundo por sua fortuna. Eles são os que tudo esqueceram e nada aprenderam. E esses pobres estão em legião, é possível esbarrar com eles todos os dias.

mundo aquilo que tivermos sabido dar”.

O Espírito consolador nos ensina que por vezes uma situação inferior ou penosa é o resultado de uma livre escolha da parte do espírito encarnado. Daí, como poderíamos desprezar ou maltratar nosso irmão, sob pretexto de que ele é nosso “inferior”? Nós sabemos que os Espíritos generosos escolhem frequentemente a obscuridade, a fim de expiar mais rapidamente; enquanto a fortuna, as honras são não raramente a partilha de perversidades hábeis ou mediocridades bem protegidas.

Daí, entendemos ser natural que se pisoteiem alguns preconceitos, algumas repugnâncias, para que nos mostremos abertos a todos e, sobretudo, aos pequenos.

Quantas mulheres que se acreditam cristãs, mesmo piedosas, mas, no fundo, em seu íntimo, talvez, são algo pagãs. Elas se crêem de uma outra raça que “sua gente”, e lhes demandam serviços que são verdadeiras humilhações inspirada pelo orgulho. Algumas jovens senhoras sobretudo são, talvez, a encarnação mais brilhante da exigência. Elas têm o ar de dizer: Adore-nos, adule-nos, pois somos criadas e postas no mundo para sermos adoradas e aduladas! Elas podem ter o sentido da beleza, mas não têm o da justiça. E, bem, nós vemos nessas criaturas charmosas espíritos frágeis, um pouco egoístas, que têm necessidade de amadurecer pela dor. Nós nos apiedamos delas, também as respeitando.

Em outros tempos, eu tinha pouco amor às crianças: eu via neles seres egoístas que cansavam, incomodavam e sempre recebiam sem se importar em dar. Hoje, ver uma criança me emociona e me alegra. Vejo neles um espírito que entra em sua prisão corporal para cumprir esse estágio que chamamos vida e me sinto tocado de compaixão ao imaginar o caminho que ele deve seguir. Como dizia um grande poeta: “O que o pássaro canta, a criança murmura. É o mesmo canto, mas a criança, mais que o pássaro, tem o triste destino humano em perspectiva. Ela ainda não sabe, mas aqueles que a vêem sabem: daí a emotividade dos homens que escutam, mesclada à alegria do pequeno que canta”.

Esse sussurro confuso de um pensamento que ainda não passa de um instinto é como um apelo inconsciente à justiça eterna, pode ser um protesto sobre o início da existência antes de entrar. Essa ignorância, sorridente a um vir a ser que pode ser muito sombrio, emociona qualquer um e faz refletir: por isso tem-se a imensa piedade e a surpreendente fraqueza do velho pela criança.

Do nosso ponto de vista, o nascimento de uma criança é o mais tocante e mais poético. Quando é chegada a hora do espírito reencarnar, para empreender a viagem de uma nova existência corporal, seus amigos do céu ou do espaço o acompanham como nós acompanhamos uma embarcação, um pai, ou um amigo que se vai.

Um de seus amigos, talvez o mais amado, vai com ele, para inspirá-lo, para protegê-lo, como fez Rafael pelo jovem Tobias. Esse espírito protetor se chamava, para os antigos, de gênio familiar; e se chama para nós anjo da guarda ou guia. Se a viagem é bem sucedida, se a vida foi pura e fecunda, o espírito encarnado encontra seus amigos atenciosos a acolhê-lo e a felicitá-lo, já na saída da embarcação que chamamos morte!

Quem ousaria, então, se mostrar bruto ou mesmo muito severo a esse pequeno viajante? Ele só quer se divertir na despreocupação do futuro, e essa despreocupação, mesclada com um pouco de egoísmo, é para ele um favor do céu. Ele teria muito medo da vida se ele pudesse se inteirar dela em um só olhar; mas essa ignorância que o ajuda a viver o desespera quando alguém o maltrata. Nós sabemos que tudo muda e que ele jamais deve se desesperar, mas o pobrezinho ignora, e crê, se é miserável, que o tormento será sem fim. Sua mãe é seu Deus: maltratada por ela, ele se crê abandonado em um vazio infinito! Ah! Não estraguemos esses pequenos, mas inquietemo-nos ainda mais por não desesperá-los.

Eis um belo senhor, apoiado sobre sua bengala, a procurar um pouco de sol. Oh! Ele me parece venerável! Ele não é mais, a meus olhos, um homem que conhece muito da vida e estar dela desiludido; uma ruína incômoda da qual a morte se apronta para livrar sua família. Oh! Não, é um espírito sempre jovem que reclama outros órgãos e do qual a prisão se quebra para libertá-lo.

É um trabalhador que terminou sua jornada e vai ter algum repouso para se renovar para uma nova tarefa. É um companheiro de caminhada que se adianta para nos esperar na etapa seguinte. É um irmão que morre pelos sinais da velhice, na esterilidade, na opressão, para renascer para o vigor, a força e a liberdade.

O pobre, o verdadeiro pobre vergonhoso, modesto e orgulhoso, o que é a nossos olhos senão um rico destituído que expia, talvez pela miséria, o abuso que fez outrora quando na opulência? Daí, esqueço tudo, mesmo seus erros, para não pensar outra coisa que não em sua tocante miséria.

Quanto à mulher, o Espírito consolador, eu tenho esperança, realizará sua redenção iniciada por Cristo. Ele nos ensina, de fato, que se a missão dessa criatura charmosa difere da nossa, tal como suas atitudes, ela tem a mesma natureza e os mesmos destinos. A mulher é um espírito encarnado, igual e muitas vezes superior ao homem. O sexo é apenas um modo transitório que lhe permite dispor de certas faculdades, certas virtudes mais íntimas e mais requintadas enquanto outras são postas temporariamente de lado. Quando um espírito avançado aparece nesse mundo, revestido de uma beleza feminina digna de si, pode-se dizer verdadeiramente que se trata de um anjo! Um anjo que sabe sorrir como as estrelas, amar como os serafins.

Eis porque a terra apresenta encantos e alegrias, ainda, apesar dos males que a desolam. Veem-se nela flores, crianças e anjos. Não se esqueça de que a vida é sempre boa, sempre preciosa, tanto que ela nos permite glorificar a Deus e nos devotarmos a alguém. Que esse pensamento nos preserve dessa forte melancolia que torna os dias estéreis. A melancolia, eu sei, é o mal das almas muito presas ao ideal e produz abatimentos que diminuem a coragem de viver, sem dar o consolo de morrer. Aí temos alguns desgostos que nos aproximam da amargura e nos predisõem à impaciência.

Eis o perigo que se deve evitar. Saibamos compreender que crer no céu é já entrevê-lo, quase gozá-lo, e que a vida presente nos é dada para que se a conquiste. Então, seremos valentes e bons por sermos alegres e sem esquecer os mortos queridos que nos esperam, nós saberemos dar um pouco de felicidade aos vivos que nos rodeiam.

Dar um pouco de felicidade aos vivos que nos rodeiam. A senhora entende bem, minha cara, que esse é o dever, embora muitas pessoas se perguntem inquietas onde elas poderiam, enfim, encontrar o remédio para as calamidades que desolam nossa humanidade.

Seria preciso a todos a Fé verdadeira, esclarecida, e não a Fé ingênua que nos parece cansada por lhe faltar a força do Verbo, a força do espírito, a beleza da luz.

Nós estamos em crise. Seria necessário, para que fôssemos poupados, um vivo e vigoroso laço da Fé que tornaria corajosas as almas, livres os Espíritos, retas as consciências, e os corações abertos à afeição. Ora, a senhora sabe que essa fé existe realmente, que ela se apóia na ciência, uma ciência que nos demonstra vitoriosamente a sobrevivência certa para além do túmulo. Muitas vezes falamos juntos, e somos forçados a reconhecer

que por ela e graças a ela, a morte vencida não é mais que um acidente passageiro e necessário à evolução de todos os seres humanos.

E não acha a senhora que é fácil emocionar os corações quando se está seguro de tal fato, não acha que é fácil guiar seus semelhantes quando se possui uma parcela dessa fé esclarecida que amplia a Esperança à qual vem se aliar uma terceira graça incomparável, a Caridade que faz emanar e resplandecer as outras duas: É como uma estrela no triplo cintilamento que deve nos conduzir em direção ao nosso ideal.

Graças a ela, a senhora pode, um dia, a exemplo dos Reis Magos diante de Jesus, oferecer seus tesouros que serão compostos de seus bons pensamentos e de suas belas ações. A senhora oferecerá também seus sacrifícios e suas lágrimas e todas as suas dores valentemente suportadas.

Empenhe-se, não tema nem sua pena nem seu cansaço. O fardo que a senhora levará se converterá em felicidades eternas. Siga a estrela esplêndida que lhe guia. Jamais a perca de vista. Através de todas as dificuldades e trincheiras de sua longa rota, ela lhe indicará o objetivo e lhe dará forças renovadas para perseguir, sem parar, suas etapas sobre as ladeiras da Imortalidade.

XII - As asas

“Um pouco de ciência afasta-nos de Deus; muita ciência aproxima-nos dEle”. Esse aforismo é verdadeiro e dele se pode dizer que aquele que sabe deve alcançar a felicidade mais rapidamente que o ignorante, que deverá se instruir para se elevar.

Que fique claro, cara senhora, eu não falo aqui da pretensa ciência que alguns orgulhosos crêem possuir. Não é suficiente ter empalidecido sobre tratados científicos e ter armazenado uma certa soma de saber. Essa pessoa não passaria de um ignorante que se contenta em ser vitoriosamente aprovado em alguns exames difíceis e de se crer, por isso mesmo, superior a seus contemporâneos. O verdadeiro sábio não deve desdenhar de nada, e sua maior alegria deve ser a de explorar, tanto quanto possível, todos os domínios.

“Felizes aqueles que puderam penetrar as causas secretas das coisas.” Eis uma verdade que deve ter a nossos olhos o valor de um axioma. As linhas que seguem vão, cara senhora, prová-lo. A senhora quer subir, subir bem rapidamente, bem alto, e então se pergunta quais são as asas suficientemente potentes que poderão levá-la ao doce país de seus sonhos. A resposta é fácil: sobe-se a escala da felicidade ao subir a escala da perfeição. Ora, a perfeição consiste em alcançar a verdade pela ciência e o bem pela virtude.

Nós somos inteligência, porque somos Espíritos. Daí, buscar a luz pela instrução é para nós uma necessidade. O sábio é aquele que sabe, e se o bom Deus abre aos nossos olhares o esplêndido panorama da criação, não é para nos obrigar a fechar os olhos. Ao se revelar dessa forma em suas obras, ele nos convida a contemplá-las, a estudar as maravilhosas leis, para que nos disponhamos a amá-lo cada vez mais porque aprendemos a conhecê-lo.

A ignorância é o grande flagelo de nosso mundo, aquele onde melhor se constata a inferioridade. Uma pessoa má normalmente é uma pessoa cega, mas os cegos podem ser mais perigosos que alguns criminosos, porque eles são mais numerosos e também mais incorrigíveis. Os povos não serão livres senão no dia em que se tornarem sábios, e não serão sábios senão no dia em que se entenderem bastante esclarecidos para que ninguém os possa enganar.

É triste dizer que dos duzentos milhões de homens que povoam nosso

planeta talvez ainda não se encontrem, depois de tantos séculos, vinte milhões de Espíritos verdadeiramente cultos. A mulher, sobretudo, mesmo aquela que tem uma intensa vida social não recebe mais que uma instrução deplorável e mostra uma repugnância muito “edificante” por todo livro que seja um pouco sério¹⁰. Resulta que ela está muito disposta a olhar para trás com aquele que a “dirige” ao invés de caminhar para frente com aquele que ela deve amar. Com isso, tem-se os deploráveis mal entendidos que dividem os lares e separam em duas metades hostis o gênero humano.

Zoroastro disse: “Aquele que planta uma árvore, constrói uma casa e cria uma criança faz três boas ações”. E eu acrescento que existe uma quarta, e a melhor de todas, que seria fundar uma boa escola. Não tema de modo algum, como tantas outras mulheres do mundo melhor, abrir os olhos à luz. Seja “curiosa”, muito curiosa de tudo isso que pode alargar seu horizonte e elevar seu espírito.

Mas eu me apresso em crescer: Seja boa, seja o exemplo vivo e encantador dessa alta piedade que nada poderia amargurar ou desencorajar, porque ela se alimenta sem cessar dessas admiráveis máximas do Salvador: “Felizes os mansos, pois possuirão a Terra. Felizes os que choram, pois serão consolados. Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. Felizes os misericordiosos, pois obterão misericórdia. Felizes os que amam a paz, pois serão chamados as crianças de Deus. Felizes os que sofrem perseguição pela justiça, porque deles é o reino dos céus”.

Essas são as belas e grandes asas que Cristo nos oferece para nos ajudar a segui-lo. Essas palavras de vida foram, para nosso baixo mundo, a carta de sua libertação. Toda alma que sabe compreendê-las e responder a elas sai das margens do lamaçal para crescer para as alturas. Ora, esses preceitos divinos são tomados por guias, o que nos autoriza à pretensão de sermos os verdadeiros cristãos. Nossa fé nos libertou, sem dúvida, desses entraves que chamamos os “falsos deveres”; eu me refiro às prescrições minuciosas e frequentemente pueris que constituem a devoção contemporânea, mas é porque tanto concentramos nossa energia e atenção aos deveres essenciais que então temos de cumprir para Deus, para nós mesmos e para nossos semelhantes.

¹⁰ Os bons livros raramente atingem uma grande tiragem. Uma pornografia escrita por um autor algo em evidência e recomendado por um Acadêmico tem uma tiragem de centenas de milhares de exemplares. Estamos numa época em que os literários tomam suas idéias dos baixos escalões sociais. Daí, o relaxamento dos costumes que hoje observamos.

Um ancião dizia que o sábio, para se manter na virtude, devia habitar uma casa de vidro. E, bem, nossa fé nos construiu essa casa transparente. Elas nos mostra, seja noite ou dia, as testemunhas para as quais nenhuma parede impediria o olhar. Essas testemunhas são nossos amigos do céu, talvez o espírito de um pai, uma mãe, um esposo de quem choramos a partida. Eles vêem nossas obras, eles lêem em nossa alma nossos pensamentos mais secretos. Então, como se permite, na presença de tais testemunhas, ações que não ousaríamos nos permitir na presença de uma criança? Bom encorajamento provém desses colóquio íntimo: “Ele me vê! Minha conduta pode lhe entristecer ou alegrar!”. Que belas plumas impulsionam nossas asas para nos ajudarem a nos reunirmos aos nossos bem-amados!

Para mim, senhora, confesso em toda simplicidade, esse pensamento me consola e encoraja. No momento em que lhe escrevo essas linhas, penso eu, sinto-me rodeado por seres invisíveis dos quais venero o pensamento. Eu me reprovava amargamente o menor pensamento que eles desaprovassem e se eu estiver feliz depois de uma boa ação, é porque entendo que os agrada.

Oh, como é doce ser bom, quando se pode dizer a si mesmo: Eu me alegro ao mesmo tempo dos meus irmãos encarnados que eu consolo e dos meus irmãos do céu que me aplaudem! Então, paramos de afirmar impraticável esse preceito de Cristo: “Amem seus inimigos; façam o bem àqueles que lhes perseguem”. Assim, encontra-se um encanto divino nesses conselhos dos antigos Vedas: “Sejam, para seus inimigos, como a terra que recompensa com as colheitas o trabalho que a destroça o seio. Sejam, para aqueles que te afligem, como a madeira de sândalo, que espalha seu perfume no machado do lenhador que a corta”.

Aqui em baixo, o essencial não consiste em bem viver, mas em viver bem. Temos todo interesse não somente em ser sábios, como em nos mostrarmos generosos até o ponto de heroísmo. O segundo, o bem viver, vive para o corpo e se desenvolve de maneira a colher de todos os lados a emoção sensual que constitui o prazer. Ele tortura a matéria em todos os sentidos para lhe extrair maior volúpia. E depois? Depois, ele se voltará ao ponto de partida, frente a uma nova prova, recomeçando em condições tais que, se ele pudesse conhecê-las, elas envenenariam todas as alegrias insanas. O primeiro, ao contrário, viveu para o espírito: pensou, sofreu e amou até o sacrifício; ele esqueceu seus interesses momentâneos para ser fiel à verdade, à justiça e ao dever. Ah! Este é o verdadeiro sábio. Ele

conquistou o direito de sorrir para a morte. Ele encontrará no alto o capital reservado na poupança da eternidade. Ele tomou a via plena, enriquecida pelas palhetas de ouro envolvidas na torrente algo turbulenta de sua vida presente. Ele sabe, ele sente, e sua fé lhe proporciona uma serenidade capaz de se apiedar daqueles que o consideram um insensato ou um infeliz¹¹.

A senhora quer que eu lhe diga por quais sinais se pode reconhecer as almas que se preparam, como as andorinhas, para uma próxima migração. Esses sinais somente Deus pode bem conhecê-los, porque somente Ele penetra os corações. Entretanto, eu vou tentar lhe indicar os mais visíveis.

Aquele que se dispõe a migrar para os mundos superiores é esclarecido, ou ao menos tem idéias grandes que o fazem desgostar das mentiras autorizadas que alimentam o fanatismo. Ele sofre por se sentir impotente para dissipar todas as questões que ainda se opõem ao progresso material e moral da humanidade terrestre. Ele leva consigo um ideal que o atormenta, o isola, o faz ser tomado por uma pessoa perdida em nosso baixo mundo, mas que ele não trocaria pelas alegrias vulgares. Pode-se dizer que ele veio ao mundo muito cedo para ser compreendido. Ele prova, pelo Deus verdadeiro que ele conhece, um amor forte e terno, que se manifesta por uma adoração interior a todos os instantes, por preces fervorosas que são gritos do coração, por um renascimento que muitas vezes o leva às lágrimas, e por uma resignação perfeita em meio as provas mais cruéis. Comparando suas imperfeições aos ideais que ele persegue, longe de se sentir disposto ao orgulho, ele se sente muito insatisfeito consigo mesmo.

Indignado pelos entraves que querem paralisar seu elo, ele se projeta, se angeliza pela altura dos pensamentos, pela nobreza dos sentimentos, pelo desgosto ou desprezo às alegrias da carne. O belo o rejubila em tudo e por todos os lados, mas o feio o aterroriza. Enfim, ele ama seus irmãos sem medida, se devota sem cálculo e perdoa sem esforço. Verdadeira disciplina do Cristo, ele compreende que a santidade não é outra coisa que não seja amor; o amor que se compadece e se sacrifica. Severo consigo, ele se emociona pelos indulgentes. Ele gostaria de poder fazer cessar todas as lágrimas, suprimir todos os males. Seu coração, como o de Jesus, sofre todas as dores que atingem os homens; e ele perdoa mais facilmente a injustiça da qual ele é vítima que aquela da qual ele é testemunha.

¹¹ Não se perdoa de forma alguma, em nossa época, os Espíritos de elite que têm opiniões diferentes das já reconhecidas e oficialmente aceitas pela vulgaridade. Vulgar tanto nas altas como nas baixas camadas da escala social.

Sem dúvida, cara senhora, ao ler essas linhas, compreende que o mal sobre a Terra provém, sobretudo, da ignorância.

Ah! A ignorância é a grande praga social para a qual frequentemente não se encontra nenhum remédio! Ela encontra homens para lhes entreter a fim de melhor subjugar as almas e as consciências.

Abram os cérebros, abram as inteligências à luz. É bem preciso que os homens das trevas cheguem a se render diante daqueles que terão buscado o porquê das coisas. Não há mais fogueiras para queimar os pensadores livres e todos aqueles que se permitem crer em outra coisa que não as seitas rotineiras, prisioneiras dos dogmas estreitos, mas há sempre a ignorância, a ignorância que é a pior das conselheiras.

As reviravoltas sociais nos mostram a miséria da inteligência, a pobreza dos Espíritos amedrontados e o pouco de fraternidade que existe entre todos os seres humanos. Instruam sem parar aqueles que querem chegar a compreender as coisas escondidas e que são quase sempre mal interpretadas pelos que muito frequentemente têm interesse em mantê-las escondidas, e vocês verão que em pouco tempo tudo vai melhorar. Quando a adversidade os atinge, eles aparecem desarmados e na impossibilidade de ressurgir no meio dessa massa ignorante cuja folia sempre recai sobre as costas infelizes onde a lógica e a Verdade não podem jamais residir.

XIII - O corpo etéreo

Existem no universo somente duas substâncias: a matéria e o espírito. A matéria primitiva não é outra coisa que o fluido cósmico universal cujas inúmeras modificações constituem a imensa variedade de corpos da natureza. Condensada a um certo grau, ele pode formar os metais mais duros como a platina. Dilatado em proporções extremas, ele se chama éter, e o éter é tão leve que uma coluna desse fluido, grande como a Terra e extenso como daqui ao sol, não faria equilíbrio a um centímetro cúbico de ar respirável. Contudo, esses dois extremos são separados por uma grande série de graus intermediários.

Do mesmo modo que é difícil determinar o limite preciso que separa os vegetais dos minerais ou os animais dos vegetais, é também difícil traçar a fronteira que separa a substância material da substância espiritual. O que dizer, por exemplo, do fluido elétrico? Ele não é espírito porque não pensa; mal se ousa chamá-lo matéria, pois ele é ao mesmo tempo imprevisível e indivisível. Que mortal ousaria dizer que conhece o número, as propriedades e as leis de todos os fluidos encontrados na natureza? Quem ousaria determinar até que ponto o espírito pode exercer seu império sobre esses fluidos? Entretanto, sem esse conhecimento, nenhum homem está autorizado a declarar “impossíveis” certos fenômenos, sob pretexto de que eles têm o problema de parecerem incompreensíveis ou inexplicáveis.

O homem é um ser muito complexo, que se encontra possuidor de dois corpos, o carnal e o etéreo. Este último como primeira vestimenta da alma e que lhe serve de intermediário ou mensageiro das relações com o corpo carnal. O apóstolo São Paulo, escrevendo aos Coríntios, afirma claramente a existência desse corpo duplo: “Existe um corpo animal, diz ele, e existe um corpo espiritual; mas o espiritual não é o primeiro, o primeiro é esse que é animal, e o que é espiritual vem depois. Eis um mistério que vos digo: Nós não somos todos mortos, mas seremos todos mudados”.

Esse corpo fluído ou espiritual nos explica a influência que a atmosfera exerce sobre certos temperamentos nervosos. Ele nos mostra alternativas de abatimento e de entusiasmo que se observam nas naturezas de elite, das quais frequentemente escarnecemos, ao invés de compreendê-las. É a ele que as mulheres se encontram devedoras dessas impressões vagas que Leibnitz chamava “pequenas percepções”, e pelas quais entra-se em relação com as forças ocultas do universo. É graças a ele que elas possuem essa finesse, essa intuição que sente, que adivinha aquilo que o homem

mal suspeita e faz com que nos perguntemos se elas não seriam todas um pouco “feiticeiras”!

Esse corpo etéreo se desloca do corpo carnal durante esta crise que chamamos “agonia” e o Espírito o leva consigo no espaço depois da morte.

Ora, quem dará provas de que esse invólucro fluídico invisível ao estado normal, para os olhos da carne, não possa ser condensado, em certos casos, de maneira a se tornar “visível”? A história é repleta de “aparições” desse gênero, e se há o direito de sermos severos quando se trata de constatar sua autenticidade, haveria também grande erro ao declará-los impossíveis.

Existem dois tipos de luz: a luz material cujos sóis são a fonte, e a luz espiritual que tem sua origem por todos os lados. Envolvida de seu corpo etéreo, a alma leva em si seu princípio luminoso. Quanto mais ela se afasta do corpo carnal, mais ela irradia, mais ela vê com clareza. É assim que alguns sonâmbulos fazem os mais delicados bordados na mais profunda escuridão, ou contam, com perfeita exatidão, os fatos que se passam à grande distância. No entanto, somente os Espíritos puros possuem essa faculdade em toda sua plenitude, enquanto os Espíritos inferiores a possuem em um grau muito baixo. Seus corpos fluídicos, ainda muito grosseiros, se interpõem como névoa entre a alma e o objeto de sua visão.

Quanto mais elevado é o espírito, mais translúcido é seu corpo fluídico, o que nos explica a surpreendente perspicácia dos santos que “sentem as almas”. Cristo possuía a segunda vista em um nível supremo em virtude de sua incomparável pureza. Ele lia o íntimo das almas, como em um livro aberto, seus pensamentos mais secretos. Foi por essa intuição prodigiosa que ele conheceu seus apóstolos antes de convidá-los a segui-lo, e os maravilhou de admiração com a pesca milagrosa. Cristo não produziu espontaneamente os peixes onde eles não existiam, mas ele sabia por sua dupla visão onde eles poderiam ser encontrados, o que lhe permitiu dizer a Pedro, com perfeita segurança: “Jogue ali suas redes”.

O corpo etéreo permite que o espírito produza torrentes magnéticas mais ou menos fortes. Essa ação magnética pode ser produzida pela vontade de um encarnado sobre outro: é o magnetismo humano que já não mais se contesta. Ele pode se produzir pelo fluido do qual os espíritos invisíveis inundam diretamente um encarnado: é o magnetismo espiritual. Pode acontecer também do magnetizador apenas transmitir ao magnetizado o fluido que ele próprio recebe de um ser superior: é o magnetismo misto, à ajuda do qual alguns personagens puderam operar curas surpreendentes.

Os apóstolos, por exemplo, operavam curas pela simples “imposição de mãos” graças ao fluido muito puro e potente que Cristo os impregnou. Esses simples dados, como a senhora vê, podem lançar um dia único sobre os escritos evangélicos, sobre a história maravilhosa da Igreja primitiva, e sobre a maior parte das lendas que compõem a vida dos santos.

Jesus possuía um corpo etéreo de uma pureza incomparável, cujas emanções eram suficientes para operarem os prodígios. Uma pobre mulher toca suas vestes: ele se volta para ela e diz: “Quem me tocou? Eu sinto que uma virtude saiu de mim”.

Essas palavras explicam admiravelmente a ação fluídica pela qual foi operada a cura. O fluxo etéreo saiu de Jesus para ir curar a mulher doente, e todos os dois sentiram a ação que se produziu pela irradiação. O Salvador acrescenta: “Mulher, tua fé, isto é, tua confiança, te salvou”. É que essa fé tão recomendada por Jesus fazia o papel de uma “bomba aspiradora”, enquanto que sua vontade própria fazia o papel de uma “bomba ejetora”. Eis porque de dois enfermos um pôde ser curado e outro não: um tinha a fé que o outro não tinha.

O “pensamento” é por si próprio uma “força” que pode agir de uma maneira muito eficaz, mesmo à distância, sobre nosso corpo etéreo, enquanto que este reage, por sua vez, sobre o organismo corpóreo. O que é uma assembléia? É um centro ou uma irradiação de pensamentos diversos. Ela resulta em uma multidão de correntes fluídicas, em que cada um recebe a impressão pelo “influxo nervoso”, assim como em um concerto cada um percebe as notas pela sensação do ouvido.

Porém, da mesma forma que há corais harmoniosos e corais desarmoniosos, existem assembléias onde os pensamentos diversos são harmoniosos ou discordantes.

No primeiro caso, a impressão é agradável ao ponto de provocar até um bem-estar físico; no segundo caso, a impressão pode ser penosa ao ponto de adoecer.

Uma alma hostil, em uma assembléia amável, é como uma corrente de ar frio em um ambiente morno. Assim se explica o suplício do orador que fala diante de pessoas hostis ou ressabiadas e a alegria que o embriaga quando ele pode neutralizar os fluidos contrários ao prender a atenção de seu auditório. É pelas mesmas correntes que nós nos damos conta das alegrias produzidas por um belo discurso ou o desconforto que as pessoas

delicadas provam ao sofrer uma crítica má.

Tudo é milagre na criação porque tudo é admiravelmente ordenado pela sabedoria infinita, e nada é milagre porque nada escapa à lei divina. Isso que chamamos prodígio frequentemente não passa de um fenômeno produzido por uma força da qual não conhecemos o segredo, em virtude de uma lei que ainda nos é desconhecida.

Tudo era considerado prodígio ou mistério pelos povos simples da Idade Média, enquanto que a ciência permite aos Espíritos esclarecidos de nossos dias serem menos crédulos. Uma das grandes alegrias do mundo espiritual consiste precisamente em trazer à luz todo o mecanismo maravilhoso das leis naturais que podemos apenas entrever.

As leis que regem os fluidos podem, por elas mesmas, nos explicar o fenômenos de algumas “antipatias invisíveis”. Pode-se vencer a ira pelo perdão, mas é infinitamente mais difícil superar certas repulsões instintivas das quais não se pode dar conta sozinho. Isso pode ser dito tanto da “simpatia”, e sobretudo do “amor” que frequentemente se ilumina sob um simples olhar, para fazer a felicidade ou o tormento de toda uma existência. Dois seres que se amam são dois amantes que se atraem por se confundirem. Se a força dos acontecimentos os separa, suas almas se deslocam de seus corpos para se reunirem, apesar da distância. Eles pensam, eles sentem a união. Se um experimenta uma grande tristeza, o outro é logo advertido por esse misterioso mensageiro que denominamos “pressentimento”. Nenhum profeta há mais seguro que o pressentimento de uma mulher que ama e que se sente adorada, ou de uma mãe que não vive senão por seu filho. A história séria é repleta de fatos irrecusáveis que provam as relações permanentes entre as almas que partiram e os sobreviventes que choram por elas. A ferida sangrenta causada pela morte finaliza a assimilação começada pela vida. Eles se enviam mensagens misteriosas que lhes emociona e que lhes afirma que eles estão protegidos dessa solidão suprema que se chama esquecimento.

Talvez acontecerá com a senhora, como aconteceu comigo, cara madame, de não ser compreendida, uma vez que a senhora tentará iniciar algumas pessoas nas leis que regem o corpo humano, criado, se assim se puder dizer, em um duplo exemplar, corpo etéreo e corpo material.

A senhora não deve se espantar por ver sorrirem aqueles aos quais chamamos, um pouco ironicamente, “os Espíritos fortes” ou alguns ingênuos que preferem crer nas coisas mais inverossímeis contidas nos

dogmas mais obscuros.

Infelizmente, é comum ver pessoas pobres incapazes de raciocinar logicamente, porque, no mais das vezes, foram privadas, desde a mais tenra idade, de se instruírem, de raciocinarem, de compararem.

Desconfiemos do dogmatismo e dos dogmáticos, e façamos isso em todos os domínios, religiosos ou científicos. Desconfiemos das pessoas que querem impor um dogma e impor ao mesmo tempo sua maneira de ver e de fazer.

Se uma pessoa não pode ou não quer lhe compreender, tenha bastante cuidado para não mostrar hostilidade e, sobretudo, refreie qualquer vontade de fazer sermões ou instruí-la contra sua vontade. Deixe-a, porém sem abandoná-la completamente. Ofereça a ela todos os serviços que pode oferecer sem jamais exigir nada em troca. Chegará um dia em que a bondade de seu coração abrirá os olhos e a inteligência dela, mais que vinte conferências ou dissertações.

XIV - Os mensageiros celestiais

A senhora jamais imaginou o que poderia ser, para um ser humano, a solidão perpétua. Deixado a si mesmo, sem guia, sem nenhuma sustentação, que poderia ele fazer?

E quando falo em solidão, entendo nisso que se pode estar só em meio ao mundo inteiro, só em meio a sua família. Lamentavelmente, a senhora sabe que os caracteres não simpatizam sempre e a senhora sabe o quanto é bom encontrar em seu caminho um ser fraterno, um conselheiro confiável, um espírito sábio que lhe dê sem jamais se incomodar pela ajuda benfazeja da qual cada um de nós, em muitas circunstâncias, tem tanta necessidade.

E, bem, cara senhora, nenhum de nós está só. Em todos os tempos, mensageiros celestiais nos guiaram, e é uma grande alegria saber que Deus não nos abandona se fazemos somente um pequeno esforço para nos tornarmos melhores.

A senhora está feliz porque lhe parece que falo a verdade. Entretanto, a senhora fica inquieta, e deixa escapar um suspiro: “Por que não posso saudar o mensageiro celestial que virá me dizer que o senhor tem razão, e acrescentar à graça da certeza a serenidade que advém da prova!”.

Eu compreendo seu desejo, mas não posso crer que a senhora possa conservar a menor inquietação. Nossa filosofia, de fato, abstração feita de toda prova experimental, é tão lógica, tão consoladora, ela concorda tanto com o Evangelho e a ciência, ela tanto nos permite contar uma série de fenômenos inexplicáveis, que ela deveria bastar, ao que me parece, para lhe fornecer essa paz serena que a senhora deseja. Estude, compare, e a senhora verá que, para uma alma espiritualista como a sua, nenhuma religião, nenhuma filosofia apresenta um encadeamento tão simples, tão grandioso, e não lança um dia igual sobre os grandes problemas que pareciam insolúveis. Aqueles que beberam nessa taça compreendem essa bela e ardente palavra de um doutor da Idade Média: “A verdadeira religião é a verdadeira filosofia, e a verdadeira filosofia é a verdadeira religião”.

Eu ousou acrescentar apenas que nossa crença pode invocar em seu favor o testemunho “positivo” de alguns mensageiros misteriosos.

Decerto a senhora já ouvir falar do burburinho que se faz nos dois mundos, a propósito de algumas revelações mediúnicas. Eu me apresso em dizer que muitos médiuns se enganam ao se crerem em relação com Espíritos

superiores, uma vez que suas comunicações supostamente reais são por vezes mentiras, e sempre medíocres. Mas, feitas essas reservas, creio-me obrigado a convir que certos fenômenos, que parecem irrecusáveis, podem ser, para alguns Espíritos, uma prova que os subjuga.

Em nossa sociedade francesa, eu sei, as pessoas se glorificam por obedecer à moda, mais que à convicção. Alguns homens que são colocados como positivistas criam estar desonrados se aceitassem como possíveis certos fatos, sob pretexto de que eles têm uma cor maravilhosa. Outros acham que é de bom tom crer de olhos fechados no milagre de La Salette e beber a água de Lourdes para se livrar de toda doença incurável, mas que é sumamente ridículo ou ímpio crer no magnetismo ou nos “Espíritos”.

Para mim, arriscando passar por insensato, observo e não me permito sorrir, com um tão soberbo desdém, quando eu vejo os milhões de Espíritos esclarecidos se preocuparem, nos dois hemisférios, com as comunicações do além-túmulo¹².

O ser humano verdadeiramente inteligente, depois de ter preambularmente se despido de todo orgulho, deve se esforçar em se instruir para ser útil a seus semelhantes, mas ele não deverá em nenhuma hipótese se colocar como mestre intolerante e ditar suas vontades sob pretexto de que não se realizam grandes coisas senão com o apoio material da riqueza. É um formidável obstáculo a evitar, pois a Fé e a Verdade não são de modo algum uma questão de dinheiro. Ora, essas comunicações se colocam uma de acordo com a outra por afirmar as verdades que tanto lhe regozijam. A doutrina do Espírito Consolador se encontraria, então, confirmada de uma maneira sensível, impressionante, pelos mensageiros celestiais dos quais a senhora deseja o testemunho.

O clérigo católico não se enganou: longe de negar a realidade desses fenômenos, ele os admite indubitáveis em seu conjunto, mas ele os condena como manifestações diabólicas. Ele se recusa a aceitar, assim, a intervenção sensível de bons Espíritos por admitir somente a intervenção dos maus. Teria ele razão? Permite-se duvidar. O espírito de Samuel, se não me engano, de modo algum era um espírito infernal, entretanto, a Bíblia conta que ele se dava à evocação da Pitonisa de Endor para responder as questões de Saul¹³.

¹² Não seria demais chamar atenção sobre essa maneira de fazer.

¹³ É significativo que os crentes católicos não se apercebem jamais de fatos semelhantes. A preguiça de seus espíritos ou o medo do qual todo seu ser está saturado lhes impede todo raciocínio lógico. Não se deve criticar, mas ter compaixão e buscar levá-los, sem violência, a concepções mais inteligentes. Para eles, como para os outros, eles

“Os anjos das trevas, diz-se, se transformam em anjos de luz, para melhor enganar os homens e afastá-los da verdadeira fé”. Mas qual interesse poderiam eles ter em enganar ateus que são sua presa segura, para torná-los espiritualistas, que se dispõem a escapar deles? E então, não seria insultar a bondade divina supor que ela permita aos demônios uma intervenção sensível que é recusada aos bons anjos? Mas o quê! Quando o homem prova já tantas dificuldades para vencer suas paixões e tudo conspira a desorientação de suas crenças, Deus permitiria que ele fosse ainda enganado pelas forças infernais que lhe apresentarão o erro sob a aparência da verdade, o mal aparentando ser o bem! Não, não é possível que sejamos, da parte do Pai, o objeto de tal absurdo.

Nós lemos, nos Atos dos apóstolos, essas palavras que deveriam trazer à reflexão aqueles que lhe dão uma autoridade divina: “Eis aqui o que acontecerá nos últimos tempos, diz o Senhor: Eu entornarei meu Espírito sobre toda carne; vossos filhos e filhas profetizarão; vossos jovens terão visões, e vossos idosos terão revelações em sonhos”. As lendas de santos são repletas de “revelações sobrenaturais”, aparições de Espíritos celestiais; e sabe-se com qual pressa a Igreja aceita, em nossos dias, o relato de algumas crianças visionárias.

Para a senhora não há nem anjos e nem demônios no sentido vulgar da palavra: existem apenas bons ou maus Espíritos, superiores ou inferiores. Que a ação dos Espíritos que povoam o mundo invisível se exerce, em uma certa medida sobre os Espíritos encarnados que povoam a Terra, isso me parece racional e indubitável. Que os “Espíritos de malícia espalhados pelo ar”, como diz o apóstolo são Paulo, comunicam em maior número que os Espíritos superiores, com os Espíritos maus ou frívolos de nosso baixo mundo, é provável, em virtude desse provérbio: “Quem se parece se junta”, mas que nossa terra, apesar de seus progressos, seja ainda uma arena exclusivamente reservada à ação das forças infernais, é isso que a razão não poderia admitir, pois se os demônios apelam aos demônios, os anjos apelam aos anjos.

É por não terem compreendido que os doutores da Idade Média afirmaram tamanha importância ao “diabo” ou a seus seguidores, e é também por isso que se fizeram, em todo o cristianismo, durante séculos, impressionantes hecatombes de “feiticeiros” ou de “feiticeiras”¹⁴.

honrarão a Deus ao desenvolver sua inteligência.

¹⁴ Quando pensamos nas fogueiras acesas durante todo o período da Idade Média, não se pode evitar um sentimento de horror e perguntamo-nos como a Roma sangrenta do papado ainda ousa defender seus pretensos direitos e se

“Os antigos, diz o P. Lacordaire, acreditavam-se rodeados de gênios que remontavam, de grau em grau, até a fonte suprema da inteligência e mesmo, por efeito sem dúvida de uma tradição intransigente, distinguiam esses gênios em duas classes, os bons e os maus. Toda sua história é repleta dessa crença, e os maiores homens não se defendiam da impressão de que eles estavam acompanhados, em seus sucessos, da influência ativa e sobre-humana que eles chamavam “bom gênio”; como também, logo que as dificuldades ameaçavam sua sorte, eles se ressentiam de uma vizinhança obscura e terrível que eles chamavam “mau gênio”, e da qual eles criam algumas vezes, como Brutus diante da batalha de Philippe, entrever uma aparição real”.

Do mesmo modo que os corpos se atraem, os Espíritos se procuram, exercendo uns sobre os outros uma influência recíproca. Essa influência pode ser boa ou ruim, segundo a natureza do espírito que frequentemente o exerce sem nosso conhecimento, mas o quanto mais se é puro, mais atrai sobre si espíritos puros. Nós vivemos sem sabê-lo, em meio a uma multidão invisível que nos rodeia, muitas vezes nos obsedia e muitas vezes nos inspira. Isso a que chamamos um bom pensamento, uma “graça atual” que nos dita uma resolução generosa, provavelmente é uma inspiração súbita de nosso anjo bom. Restando os arbítrios de nossos destinos, nós sofremos influências misteriosas que entram ou favorecem nossa ascensão. As vozes de baixo nos gritam: “Nada é real senão a matéria e o prazer!”. As vozes do alto nos dizem: “Sobe-se ao céu pelo calvário!”.

Eu creio na grande visão de Jacó adormecido sobre a pedra de Betel. “Ele viu em sonho, diz a Escritura, uma escada cujo pé estava apoiado sobre a terra, e cujo topo tocava o céu. E os anjos de Deus subiam e desciam”. Que símbolo magnífico! Esses anjos de Deus que sobem são as almas que alcançam, aperfeiçoando-se, os diversos degraus da perfeição e aspiram a glória dos serafins. Esses anjos que descem são os mensageiros celestiais que levam aos mortais as inspirações do céu e os encorajam a se libertarem da servidão da carne para subir às regiões da luz eterna.

Que são os Espíritos socorristas? Talvez sublimes “emergentes” que, como nós, conheceram a provação e a luta.

É possível que esses Espíritos celestiais reapareçam entre nós para acelerar nosso progresso? Como explicar, fora essa hipótese, o aparecimento dos grandes homens e grandes santos, como Orfeu e Moisés, Homero e Isaías,

Dante e Joana D'Arc, Galileu e são Vicente de Paula? Pobres Espíritos terrestres, nós vemos, nós esbarramos talvez com os “Espíritos solares” que descem entre nós para se aterem a essa carruagem tão pesada que se chama gênero humano. Ah! Saudemos, veneremos esses apóstolos do ideal, pois eles são para nossa terra os legados do céu. Oh! Sim, essas almas elevadas viram outra coisa além do nosso mundo tenebroso. Daí, suas intuições profundas e seus sonhos sublimes, daí seus estupores misteriosos, suas palavras fulgurantes e seus problemas estranhos; daí suas vidas de tormentos e suas mortes precoces ou terríveis. Tudo se torna espinhoso para esses Espíritos sublimes em nosso vale sombrio, e todos podem reafirmar a palavra melancólica de Ezequiel: “Eu moro entre os roseirais!”.

A senhora me perguntará o porquê dessas revelações incompletas, essas pálidas luzes mescladas de sombras, quando custaria tão pouco a Deus nos desvelar o mundo invisível em toda sua claridade. Seria perguntar por que a noite não é o dia, por que a Terra não é o céu. Suponha que todos os véus se rasguem, que os mensageiros celestiais apareçam em seu esplendor para nos revelarem em uma luz sem sombra nossos destinos magníficos; nós passaríamos, pelo próprio fato, do estado de homens ao estado de anjos; nós seríamos alegres em um êxtase que nos retiraria todo movimento com toda liberdade; nós gozaríamos, em nosso mundo expiatório, belezas reservadas aos mundos felizes.

Contentemo-nos, então, com a aurora, esperando o nascer do Sol que ela anuncia. Aproveitemos sobretudo os dias que nos restam sobre nosso mundo obscuro para preparar a veste nupcial que nos permitirá tomar parte no banquete dos mundos mais afortunados. Sonhemos que cada dor, cada sacrifício, cada boa ação é uma pluma que cresce em nossas asas, uma força a mais que nos ajuda a sorrir diante dessa grande caluniada que é a morte.

“Felizes aqueles que têm fome e sede da verdade, pois eles serão saciados”. Sim, cara senhora, procure a verdade por amor à verdade.

É preciso que nenhum obstáculo interrompa o desenvolvimento de sua fé, beba da fonte da vida, pois somente quando sua alma for saciada ela terá conquistado forças suficientes para poder proclamar o reino do Espírito de Amor que se indigna das guerras e chora de alegria diante dos esforços visíveis que a Humanidade faz para melhorar e libertar as dores daqueles que sofrem sobre a Terra.

Aconselhe aqueles que têm fome e sede da verdade, a serem curiosos por tudo que pode ampliar seus horizontes e lhes fazer descobrir as belezas ignoradas desse reino do universo que é o domínio de tudo que vive, de tudo que é criado!

Seja destemida e forte, e lembre-se sempre que para chegar à Verdade é preciso dar a essa conquista um espírito ávido por conhecê-la e aceitá-la sob não importa qual forma do momento onde está “a Verdade”, pois ela se transforma continuamente no curso de sua longa ascensão na direção do Altíssimo.

XV - A morte transfigurada

Assiste-se frequentemente o comovente testemunho da dor daqueles que estão em nosso entorno quando a morte leva, muitas vezes bruscamente, os que lhes eram caros.

A senhora mesmo, apesar de sua fé, sua coragem, a senhora deixou rolar abundantes lágrimas quando seu esposo e seu filho, num pequeno intervalo de um para outro, partiram para a defesa da pátria. Entretanto, a senhora ainda guarda a esperança de vê-los voltarem vivos. Infelizmente, essa esperança não se realiza e a senhora conheceu uma dor ainda mais apavorante. Hoje, a senhora deve se obrigar a refletir mais calmamente. O autor de “O Espírito Consolador” parece ter adivinhado essas dores. Ele nos traz mais que uma esperança, uma certeza real que suavizará a separação momentânea.

Para os sonhadores, assim como para os desesperançosos, senhora, a estação das folhas mortas é uma estação triste. Isso significa que compartilho de sua melancolia e que admiro a sabedoria da Igreja que soube fixar nessa época a “Comemoração dos mortos”. Entretanto, para aqueles que compartilham nossas crenças, parece-me que esse dia deve ser um dia de festa ao invés de ser um dia de tristeza, pois o Espírito consolador transfigura a morte ao ponto de torná-la desejável.

A Idade Média é um longo luto, um tipo de enterro noturno. Não se ama Deus, mas teme-se bastante a Satanás. A vida é penosa, atroz para o infeliz servo lançado à gleba; no entanto, ele prova um pavor extremo pela morte. Ah! Sua pobre imaginação é repleta de lendas terríveis. O túmulo é uma pequena janela pela qual ele entrevê o julgamento, o inferno, a eternidade com a quase certeza de estar entre os condenados!

Mais tarde, dois séculos depois do Renascimento, Pascal renuncia ao casamento, se torna monge e morre apavorado. La Fontaine se resigna usar um cilício. Racine se põe a rimar hinos e a construir pequenas capelas. Conde, o vencedor de Rocroi, se curva e treme a seus últimos momentos. Turenne se torna devoto ao ponto de edificar a senhora de Sévigné. A morte do Águia de Meaux aperta o coração e a do Cisne de Cambrai o estraçalha. Assim, esses grandes homens de bem morrem

corretamente, bem confessos, bem administrados, mas muito tristes e muito apavorados¹⁵.

Nossa fé, senhora, nos poupa dessas tristezas e desses apavoramentos do último momento.

Para nós, a morte não é mais aquele terrível esqueleto que vem ceifar de um golpe nossas alegrias, nossos sonhos e nossas afeições. Não é mais esse comissário sem vísceras que vem nos dizer: Eis a hora de comparecer no tribunal! Oh! Não, ela é muito mais um anjo libertador que vem desfazer, um após o outro, os laços que nos fazem cativos há tantos anos. Essa operação mais ou menos lenta, mais ou menos dolorosa, se chama agonia. A alma, então, sobretudo quando ela é pura, se encontra como nas fronteiras de dois mundos: o mundo visível onde ela não tem mais que um pé e o mundo invisível que ela começa a entrever. Daí esses fenômenos tão freqüentes que podem ser vistos no leito dos que fazem sua passagem; esses olhares que parecem observar algumas maravilhas invisíveis e se perder em um outro horizonte; essas palavras supremas que parecem tão claras para aqueles que as escutam; esses sorrisos que parecem um sorriso de uma criança que dorme sob os olhos úmidos da mãe e que fazem supor visões encantadoras.

O último suspiro é, para o espírito que desencarna, um momento difícil. Se ele é bom, se é puro, se conheceu durante sua vida corpórea os ensinamentos do Espírito consolador, essa dificuldade dura pouco e não tem nada de penosa. O espírito se assemelha a um homem que desperta, sem ter clara consciência de seu estado, sem saber precisamente se está acordado ou se dorme. Muito depois ele retorna a si mesmo e se dá conta da situação. Aí, é uma alegria tal como a do pássaro que escapa da sua gaiola estreita e retoma os ares ou, sob as folhagens, os seus companheiros livres.

¹⁵ Nós já tivemos a oportunidade de ver em algumas notas de falecimento a menção: “Faleceu piedosamente sob os sacramentos da Igreja”. A liberdade de consciência é algo sagrado e nós evitamos tomá-la atentamente, nós queremos apenas ressaltar que muitas dessas pessoas, durante sua existência, combateram todas as religiões. A todas, sem exceção, e conseqüentemente de uma preguiça de espírito e de uma falha lógica, faltou-lhes jamais ter refletido e jamais ter estudado a história exata dessas religiões. Rígidas em uma intransigência ridícula, elas se tornaram presas fáceis no momento da morte, ainda encontrando-se sua vontade obcecada pelo sofrimento e pelo terror. Quão mais fortes e mais valentes elas teriam sido se tivessem a Fé racional, a única fé digna delas mesmas e também a única digna de Deus!

Um bom escritor não está, talvez, longe da verdade, quando faz com que uma jovem virgem diga em seu leito de morte: “As palavras humanas não podem dar a sensação de uma alma que, liberta de sua prisão corporal, passa dessa vida a outra, do tempo à eternidade, do finito ao infinito. Meu corpo imóvel e já tomado pela palidez, vestido da morte, jazia sobre a concha fúnebre, rodeado de religiosos em oração e eu estava tão distanciada quanto a borboleta do casulo, casca vazia, cobertura informe que ela abandona para abrir suas asas jovens à luz desconhecida e subitamente revelada. A uma intermitência de sobras profundas acontecia algo esplêndido, um aumento de horizontes, um desaparecimento de todo limite e de todo obstáculo que embriagava de uma alegria indizível.

Explosões de sentidos novos me faziam compreender os mistérios impenetráveis ao pensamento e aos órgãos terrestres. Libertada dessa argila submissa às leis da gravidade que me pesavam há muito tempo, eu me lançava numa velocidade louca no insondável éter. As distâncias não existiam mais para mim e meu simples desejo me fazia presente onde eu quisesse estar¹⁶. Eu traçava grandes círculos de um vôo mais rápido que a luz, através do vago azul dos espaços como para tomar posse da imensidão, cruzando enxames de almas e Espíritos”.

Assim é, senhora, para as almas que trazem o verdadeiro amanhã da morte. Ultrapassando o túnel sombrio, elas não encontram nada do abismo infernal que lhe pintaram, ou a cidade construída de pedras preciosas que deve ser sua eterna prisão. Elas não falam dessa terra misteriosa, desconhecida, da qual nenhuma pessoa jamais voltou. Não, elas falam de costas pressentidas, conhecidas, talvez já exploradas. Elas se encontram nelas, em seu verdadeiro elemento, felizes por se sentirem em um mundo tão frequentemente visitado durante os sonhos de sua longa prisão. Elas compreendem então que a vida corporal é um sonho e que a vida espiritual, a vida livre, é a vida normal dos Espíritos.

¹⁶ Um pouco de reflexão pode nos fazer entender que tal coisa é possível. O espírito prisioneiro da carne conserva a memória das imagens e nós podemos todos representar, mais ou menos fielmente, os seres que temos conhecido e os países que temos visitado no curso de nossa existência passada. O espírito desprovido da matéria conserva essa maravilhosa faculdade, mas acrescenta-lhe uma ainda mais maravilhosa, a da presença real. Não estando mais embaraçado pela matéria, ele pode conforme seu desejo, seguindo seu grau de evolução, estar presente onde ele quiser, e mesmo, sempre segundo esse mesmo grau de evolução, em vários lugares ao mesmo tempo. Ele tem o dom da ubiqüidade.

Para os maus, os criminosos, a agonia é dolorosa e a dificuldade que lhes passa é terrível, de modo que se imagina que seus tormentos sejam eternos, pois que não conseguem ver nenhuma saída. Mas, pouco a pouco, a luz penetra nessas almas tomadas pelas trevas, para fazer germinar o arrependimento e o amor, pois a bondade divina, menos inexorável que o gênio de Dante, não escreveu em nenhum pórtico essa desoladora inscrição: “Ó, vocês que entram, abandonem todas as esperanças!”.

É assim que arrancamos da grande caluniada sua repugnante máscara para dar a ela sua verdadeira face. Então, não se teme mais olhar seu rosto, e longe de renegá-la, sente-se tentado a ir a seu encontro. Essa talvez seja a mais enganosa objeção que se pode opor a nossa doutrina, acusando-a de favorecer o suicídio.

Sim, eu a confesso sem pena, o medo da morte pode ser um freio salutar para impedir as almas grosseiras de se livrarem de uma vida da qual são encarregadas. Eis porque, sem dúvida, a doutrina da imortalidade, tão antiga e evidente, foi por muito tempo escondida ao vulgar. Moisés não fala nada aos Hebreus e entre os Gêntis, apenas raros iniciados tinham o segredo. Hegésias, tendo dado a Cirene uma lição sobre a vida futura, observa que seus discípulos se matam para gozá-la mais rápido. A contaminação se tornou tão forte que Ptolomeu Filadelfo ordena que as escolas onde essa doutrina era ensinada fossem fechadas, pelo medo de que seus estados fossem despovoados.

Enquanto um mundo for bastante obscuro para ser um purgatório rude, essas palavras de Lucain conterão uma grande verdade: “A fim de que aqueles que ainda têm de viver suportem a existência, a divindade lhes esconde que é bom morrer”. - “Aqueles que morrem jovens são amados dos deuses”, diziam os Anciãos.

Isso implicava que a vida além-túmulo era mais bela, mais nobre e que as divindades compadecidas chamavam mais rapidamente em sua direção aqueles que elas tinham escolhido para compartilhar suas felicidades.

É sobretudo no que concerne nossos destinos que a revelação teve de ser progressiva. Também, quando Cristo popularizou o grande dogma da vida futura, ele teve o cuidado de temperar a promessa de um reino de Deus

pela ameaça do fogo eterno. A Igreja foi mais longe e fez do suicídio um crime. A seus olhos, aquele que se dava voluntariamente a morte era condenado e seu corpo não repousava de modo algum em terra santa. Essa severidade revelava uma sabedoria profunda. Imagine o que devia ser a existência, durante os longos séculos da Idade Média, para a multidão de cristãos! Se esses miseráveis oprimidos não fossem atados à vida pelo medo da morte e do inferno, eles abandonariam seus instrumentos de trabalho para se precipitarem no fundo dos lagos ou se dependurarem nas árvores das florestas.

Em nossos dias, a humanidade deu alguns passos adiante e a terra subiu um degrau. Os Espíritos são mais esclarecidos. A hora é então chegada onde se pode, sem perigo, desvelar em todo seu esplendor o mistério de nossos destinos. Além disso, nossa doutrina não é nada acolhida e compreendida senão pelas almas avançadas que são incapazes de abusar dela. Se ela transfigura a morte ao ponto de torná-la desejável, ela nos mostra ao mesmo tempo a vida de uma forma que a torna preciosa. Ela nos ensina que a existência é uma prova transitória, mas necessária a nossa evolução. Ela nos adverte que o suicídio é um crime e que aquele que deserda seu posto no grande combate da vida, se condena a recomeçar em condições mais penosas.

O que seria mais racional, mais consolador, mais moral? Que aqueles que a combatem em nome da teologia ou do materialismo dão mais e melhor que ela; que eles curam mais seguramente todas as feridas da alma, que eles engrandecem o coração pelas esperanças mais legítimas e as maiores certezas; que eles nos abrem, enfim, os horizontes mais belos e nós acreditaremos neles.

Mas nós desdenhamos sem amargura seus sorrisos ou seus anátemas, de modo que eles não terão outra coisa a nos oferecer que não sejam afirmações contraditórias pela ciência e não nos abrirão outras perspectivas para além do inferno ou do nada¹⁷.

¹⁷ A fé ingênua não pode, infelizmente, engendrar senão o egoísmo e o medo. Pior para aqueles que fecham os olhos diante da Verdade. Trêmulos, apavorados, eles só podem semear na alma de seus filhos o receio dos castigos eternos. Provedores incansáveis de todas as seitas onde a vida normal é desdenhada, eles não suspeitam o mal atroz que eles criam com seu misticismo retrógrado que é uma ofensa a Divindade.

Ainda mais alguns anos e a humanidade, livre de seu longo pesadelo, transformará até seus funerais. Saber-se-á afastar do leito dos mortos esse material lúgubre tão próprio a perturbar aquele que se vai e a horrorizar aqueles que ficam.

Suprimir-se-ão esses lençóis negros banhados de lágrimas e essas velas ornamentadas de crânios serão substituídos por tapeçarias mais alegres semeadas de flores e por potes onde se queimarão perfumes. Os cantos lamentáveis da liturgia da Idade Média serão substituídos pelos hinos alegres que traduzirão as alegrias da alma liberta.

Filhos generosos de todas as pátrias terrestres, chorados por tantas mães, irmãs, noivas, eu orei sobre a terra que recobre seus restos e disse: Não, eles não estão mortos de modo algum; não, eles não estão de modo algum condenados! Mais vivos que aqueles que os lamentam, eles vêm sem tristeza as margaridas florescerem na relva verdejante sobre os despojos mortais e nos remetem dos estepes estrelados esse belo grito do poeta:

O que é, então, morrer? Soprar esse nó infame, Esse hímen adúltero da terra com a alma, De um peso vil ao túmulo, enfim se descarregar! Morrer não é morrer, meus amigos, é mudar!

É preciso, cara senhora, que nenhum obstáculo pare o avanço de sua fé confiante, é vindo o tempo em que os mortos não devem mais ficar no nada. Eles podem provocar seus amigos terrestres e lhes dar a certeza da sobrevivência.

Procure, pergunte, instrua-se, saia de sua noite e se alguém lhe disser que a senhora vai muito longe, responda com toda segurança que nada está limitado na vida universal. Quando o esforço cerebral experimentar uma resistência maior, a sabedoria, que é nosso melhor guia, estará pronta a cessar nosso esforço.

XVI - Os novos tempos

Eis aqui, cara senhora, o capítulo profético dessa pequena obra. Certamente não chegamos ao estágio benfazejo que o autor nos faz entrever, mas pense que isso foi escrito há meio século e que cinquenta anos são curtos para o desenvolvimento do progresso. Entretanto, a senhora admitirá o verdadeiro caráter profético das linhas que seguem.

Eu me transporto pelo pensamento a alguns séculos adiante e vejo se desenvolver diante dos meus olhos um quadro que me alegra. Escuto esses viajantes que se apressam para a “estação do Oriente”. Uns pedem um bilhete para Samarkand, outros para Pequim com conexão para Yedo. Embarcado com eles, deixo-os a partir de Viena para atravessar a república federativa dos Bálcãs e chego à cidade livre que se observa no Bósforo. Deixo em Damasco a grande linha de Calcutá pela Babilônia e Délhi, para descer o Jordão. Logo contorno o lago santificado do Tiberíades saudando à direita o cume do Tabor e depois de algumas horas de piedoso recolhimento, escuto uma voz que exclama: “Jerusalém!”.

Eu subo ao Santo Sepulcro e vejo com estupefata alegria que os monges gregos não digladiam com os monges latinos. É, então, porque não há mais hereges, sectários, excomungados. Não se vê mais que cristãos e esses cristãos, repudiando aquilo que divide para se associarem àquilo que une, traçaram em letras de ouro, sobre gloriosos túmulos, a grande palavra do Redentor: “Ame a Deus de todo coração e a seu próximo que a ti mesmo: eis a lei e os profetas”.

A América mudou bastante, sobretudo a América meridional. Há muito tempo se atravessa o istmo do Panamá e a locomotiva atravessa de sua pluma branca os dois lados das Cordilheiras até o estreito de Magalhães. Cidades surpreendentes se observam no rio Amazonas e os patagônios estão orgulhosos de sua magnífica Academia. As ilhas do oceano Pacífico deixaram de ser prisões para se tornarem repúblicas floridas e se ainda se briga, já não se come mais. Quanto a África, está irreconhecível. As águas do Mediterrâneo, graças ao canal de Tunis, cobrem as areias do Saara; e os negros do Congo levam, de barco a vapor, ao porto de Biskra seu pó de ouro com seus dentes de elefantes. A via férrea de Alexandria acompanha

o Nilo até o lago Vitória por Kartoum e Kondokoro, com prolongamento até o cabo da Boa Esperança pelo lago Tanganika. Uma nova Paris se eleva sobre os rios encantadores do Nyansa e um parlamento soberano discute os interesses da grande República equatorial em uma magnífica casa branca.

Os Estados Unidos do velho continente depois de muito tempo se tornaram uma realidade magnífica. A república francesa aparece para seus filhos como uma grande mãe, feliz e venerada, ao invés de matar milhares de soldados em guerras fratricidas, os povos livres acabaram por compreender que teriam tudo a ganhar regrado seus litígios pelo arbítrio.

Daí, quanto mais exércitos permanentes, mais serviço obrigatório, mais orçamento da guerra. O imposto do sangue suprimido, a produção que aumenta pelo trabalho e as poupanças da pátria não sendo mais necessárias à sua defesa, são empregadas em sua vestimenta¹⁸.

O livre comércio preparou a fraternidade dos povos e essa fraternidade multiplicou o mercado ao multiplicar a produção. Ainda há pobres, mas não se vê mais miseráveis. A paz e a justiça coadunadas produziram a abundância. A máquina, ao diminuir o trabalho do homem, aumentou seu lazer. O próprio trabalhador do campo é sensível às grandes poesias da natureza porque seu espírito é ainda mais cultivado que sua propriedade.

Mais alguns séculos adiante e o fanatismo não será mais possível. Um concílio verdadeiramente ecumênico terá expandido Deus e sua Igreja, refazendo a Gênese com o catecismo. Esse concílio, composto por todos os autorizados intérpretes da revelação e da ciência, assinará o definitivo acordo entre a autoridade e a liberdade, entre a fé e a razão. Então os padres, se ainda existirem, não terão outra missão que não a de consolar e bendizer. As festas sagradas do templo serão mais alegres ainda que as festas civis do fórum. O domingo se tornará, na verdade, o dia de Deus e o dia do homem, dia bendito onde jorrará do coração de todos esse grito de ação de graças e de amor: “Deus é grande, Deus é santo! Deus é bom!

¹⁸ E para assegurar a existência e a felicidade àqueles que chegam a idade do repouso. Nossas miseráveis sociedades atuais, horrivelmente egoístas, porque capitalistas, não são de modo algum capazes ainda de organizar algo estável nesse sentido.

Ele é Pai, e nós somos seus filhos. Que ele seja bendito por todos os lábios e glorificado em todos os mundos!”.

Nossos sábios terão encontrado o segredo de argumentar ainda a empreitada do homem sobre a natureza. Nossos pintores saberão nos apresentar as formas etéreas das almas livres pela morte e nos mostrar visões radiantes de esperança.

Nossos poetas, abandonando as ficções infantis da mitologia, poderão cantar a grande epopéia de nossa raça caída do céu para subir a ele. Eles nos contarão, ao sopro de uma inspiração celestial, os dramas que se atam num mundo para desatar num outro, e os amores que sobrevivem a todos os transpasses. Eles tornarão a declarar o encantador idílio das almas que se unem sobre a Terra, se reconhecem em Jupiter, para encontrar o êxtase em outras constelações. Ou, mais ainda, se encontrará algum Dante reencarnado para cantar o Redentor e nos descrever a trilha fulgurante onde ele terá arado as nebulosas, desde o cume do Empíreo até o último cruzamento dos limbos.

Oh! Sim, a Terra será bela porque ela será a estada embelezada das almas belas. Ela será tão encantadora que os grandes Espíritos, que a terão atravessado como a tantos meteoros, desejarão voltar. Sócrates não mais correrá o risco de beber cicuta por ter ensinado que existe apenas um Deus, Joana D'Arc não mais será queimada por ter acreditado nas visões do céu, e Galileu não terá mais que renegar à ciência em nome do dogma. Todos os inventores, todos os precursores glorificarão a Eterna Sabedoria contemplando o resultado de seus efeitos; eles estarão felizes por terem sofrido pela justiça, pela verdade, ao ver a humanidade colher na alegria o alimento que eles prepararam na incerteza e na dor.

“Glória a Deus no mais alto dos céus!”, esse é o hino da ação de graças que ressoará um dia sobre todos os pontos de nossa terra transformada, para cantar a vitória definitiva da luz sobre as trevas, do bem sobre o mal, pela chegada do Espírito consolador.

Nós temos dito frequentemente, senhora, sobre o antagonismo que existe entre a teocracia e a democracia, ou melhor dizendo entre as Igrejas e a própria sociedade. O mundo não pode mais se submeter às trevas da Idade

Média e será preciso que as Igrejas consintam em purificar seus dogmas.

Algumas delas fazem muitos esforços de grande mérito para isso. Outras, ao contrário, não hesitam em agravar o conflito e gostariam de levar o mundo para trás.

Ora, é uma grande infelicidade para a humanidade estar ainda sob a férula de padres a renovar a Inquisição, e sempre esperando ocupados em fazer sombra nos cérebros e nos corações. E o que é pior, mais lamentável pode-se dizer, é que entre eles que são os servos devotados dessas Igrejas encontram-se almas cheias de candura, mas que o medo de pretensos castigos eternos tornou crédulas ao ponto da estupidez e da debilidade intelectual.

Eu sei que a senhora, minha cara, é extremamente caridosa e boa e muitas vezes, por uma bondade pura d'alma, aceitou fechar os olhos para os procedimentos de alguns padres, inimigos jurados do progresso.

Eu não lhe aconselho de forma alguma armar uma guerra impiedosa. Eu lhe peço simplesmente apresentar placidamente sua fé, não deixar que suas crenças sejam ignoradas e também não permitir que nada se faça contra elas. Uma bondade demasiada d'alma chama a fragilidade e torna necessário, em muitas circunstâncias, uma grande força de caráter para não se retratar e não renegar nada.

Cada vez que a senhora tiver oportunidade, proclame sua fé racional a todos, respeitando cada um. Entre aqueles que seguem estreitamente os dogmas do catolicismo romano encontram-se muitos infelizes. Não se deve de modo algum maltratá-los, deixe-os voltar seus olhares inquietos para os novos tempos. Mais dia menos dia, suas opiniões se modificarão e talvez eles virão até a senhora mais cedo que a senhora possa supor. Quando as preocupações, quando a aflição, quando as tristezas entram na casa de um devoto, quando a miséria e todas as penas vêm escurecer a alma de uma rigorosa devota, todas essas pessoas ficam frágeis e desarmadas porque elas sentem que sua religião ingênua não pode trazer o consolo verdadeiro.

Eu vi na Grande Guerra muitas mulheres que sofriam a perda dos seus e

posso lhe dizer que sempre tenho constatado uma confusão maior nos crentes ingênuos do que nos crentes esclarecidos.

A senhora sabe, e por isso estou feliz, que as longas preces murmuradas nas igrejas frias não são as melhores e mais sinceras, a senhora sabe que o aparato das cerimônias religiosas esconde, infelizmente, o vazio assustador dos dogmas impostos.

À doce e amável filha, que é agora sua alegria e cuja presença adoça o vazio cavado pela morte de seu marido e de seu filho, continue a inculcar os princípios de direito que evitam todas as hipocrisias e que elevam os corações e as almas na direção da Verdade.

Estou certo, cara senhora, que por toda sua existência ela bendirá sua terna mãe por tê-la salvaguardado das religiões de ódio e que, feliz, ela aceitará continuar sua tarefa na Terra. Ela lembrará de seu dever, seu único dever, de ser uma esposa amorosa e devotada, uma mãe doce e inteligente para continuar a dar a vida que ela recebeu da senhora e transmitir a seus filhos queridos a chama eterna da Verdade, na qual a senhora a fez aprender a balbuciar as primeiras palavras.

Sem nenhuma ira, tendo extinto de seu espírito o medo ridículo que faz as almas covardes e hipócritas, ela terminará sua existência sobre a Terra, e então ela irá lhe encontrar nas esferas luminosas onde se conhece o preço de uma existência e onde a vida é respeitada, porque aqueles que habitam essas esferas souberam fazer jorrar de si todas as virtudes que os embelezam. Tendo sempre feito seu dever aqui embaixo, ela terá seu lugar marcado entre aqueles que compreenderam a beleza desse dever e que participarão, por isso, das verdadeiras felicidades.

XVII - A livre evolução

Alguém lhe disse que “suas idéias se distanciam bastante das puras doutrinas romanas” que lhe importam, contanto que sejam cristãs. A esses que tentam lhe perturbar, a senhora pode redizer essas belas palavras de um santo bispo: “Eu não sou nem ¹⁹ultramonte, nem baixomonte, mas sou, pela graça de Deus, “supramonte””. Habitar as altas esferas é encontrar-se em comunhão com Cristo.

Admiro, sem poder imitar, o doce inspirador que lhe “impede de raciocinar” e lhe suplica colocar-se em guarda contra a ciência. A razão e a ciência, penso eu, são muito incômodas para alguns textos e para alguns homens. A estes é preciso almas flexíveis, quer dizer, cegas, e sempre dispostas a crer sobre palavras, o que nos explica sua antipatia pela luz e sua raiva mal dissimulada pela instrução livre que a propaga. É um proceder cômodo, mas seria bem conformado aos olhos de Deus e ao profundo respeito que se deve às almas? Pois! A Razão eterna nos teria dado a razão para nos impedir de raciocinar? A esse Espírito, essa centelha divina que vive da verdade como o corpo vive do pão, deseja-se recusar o alimento e ordenar-lhe uma dieta para comprazer ao Espírito puro que é a luz e que quer caminhemos pela luz! Não, o “Deus das ciências” não pode tornar um crime o amor à ciência. A verdadeira ciência, de fato, não passa da revelação das leis da natureza, que são também as “leis divinas”. Ora, Deus não poderia se contradizer, e se uma Igreja qualquer teme a difusão da ciência, pode-se afirmar que ela não se sente nada invulnerável. Existem precauções que supõem o medo e o medo autoriza a crença de que não é muito seguro ter razão.

Sim, durante quarenta anos, aquele que escreveu essas linhas gozou uma certa tranqüilidade, por ser cândido ou cego, mas sua felicidade era aparente. Dúvidas terríveis, seguidamente renascentes por conta de grandes problemas da natureza, não lhe davam descanso. Atormentando, inquieto, ele folheava velhos livros, interrogando os doutores, implorando por todos os lados esse copo de água viva que se chama verdade. Mas os

¹⁹ Os termos ultramonte e baixomonte fazem referência às palavras *ultramontain* e *citramontain*, termos então aplicados em relação à localidade de Roma e Itália. Assim, *ultramontain* pode ser considerado estrangeiro, enquanto *citramontain* pode ser considerado romano ou dentro dos domínios romanos.

livros, os doutores, deixaram sua pobre alma se contorcer em sua sede, como Agar em seu deserto. Então, o anjo, tocando-lhe com a ponta de sua asa, diz: Olhe! Ele olhou e estremeceu como o artista obscuro que, depois de ter limpado a poeira de um velho quadro perdido em algum sótão, via se desenvolver diante de seus olhos felizes a Transfiguração de Rafael! Ele viu correr milhões nos abismos sem fim do tempo. Ele viu as nebulosas do espaço se condensarem ou tornarem-se rarefeitas pouco a pouco, sob o sopro do Todo-Poderoso, para dar a vida ou espalhar os sóis. Ele viu, como Israel, os anjos de Deus descerem e as humanidades subirem pela grande escada misteriosa. Então, ele sentiu a alegria do prisioneiro que sai de sua cela estreita e sombria. O infinito dos tempos, o infinito do espaço, foram para ele os sinais sensíveis do infinito divino, e ele compreendeu que a criação, longe de ser um gesto de ira, é um grande ato de amor.

Não, ele não é em nada um “revoltado”, mas uma pobre pequena andorinha que anuncia a primavera dos céus.

Suas idéias são “novidades”, dizem-nos, e devem portanto ser alvo de suspeitas. Porém, essas ideias são mais velhas que todas as bíblias, e quando elas forem jovens, não será essa uma razão para desconfiança. É preciso começar sendo jovem para se tornar velho. Tudo que se torna banal começou como algo diferente; tudo que terminou vencendo começou sendo vencido. Sem as coisas que foram detestadas e perseguidas em seus autores, nós não teríamos hoje nem liberdade, nem ciência, nem religião, nem filosofia. Não se é o homem do futuro senão à condição de renunciar ao homem do presente. Não se forma opinião senão ultrapassando-a, e ultrapassá-la é contradizê-la. Cristo, a senhora sabe, foi crucificado como “inovador” pelos “conservadores” da Sinagoga²⁰.

Ainda que pobre, isolado, sofrendo, eu me vejo feliz quando me comparo aos homens generosos que nos desbravaram o caminho através de tantos espinhos. Meu coração, instintivamente, tem sempre estado ao lado dos mártires, dos exilados, dos vencidos.

²⁰ Está aí um fato que muitos homens esqueceram. Seu espírito, totalmente dominado pelo lucro, não se ocupa dessas coisas, e cada um deles se crê um grande homem por saber ganhar muito dinheiro.

Não se produzem riquezas em tal companhia²¹, mas sente-se que ela é adequada e isso deve ser suficiente. Além disso, tenho confiança, os vencidos de hoje serão os vencedores de amanhã. Uma grande batalha acontece entre as coisas que morrem e as que nascem: eu me coloco do lado do berço e não do túmulo; com aqueles que esperam e não com aqueles que lamentam. Os pássaros cantam à aurora, enquanto os morcegos se dirigem ao crepúsculo: eu me misturo aos pássaros para aplaudir suas canções que são ao mesmo tempo preces e profecias.

“Todas as mulheres sábias são um pouco austeras” e é para justificar esse provérbio, sem dúvida, que a senhora me reprovou certa vez “meu excesso de franqueza”. Eu concordo com a senhora com relação a esse defeito que me valeu alguns reparos, mas eu não posso conceber suplício que se compare àquele do homem cuja palavra, cujos atos estão perpetuamente divorciados de seu pensamento. Ora, esses tristes mártires são bastante numerosos, e o que mais falta a nossa época é, talvez, a sinceridade. Consultamos nossos interesses muito mais que consultamos nossas convicções, e por menos perturbadores que sejam os princípios, colocamo-nos a abdicar deles. Essa habilidade, eu confesso, não desperta nem meu desejo nem minha admiração, enquanto sou tocado por essas fortes palavras que permaneceram em minha lembrança: “A verdade é ousada, e todos que a conhecerem serão ousados como ela”.

A prudência é uma bela virtude que ajuda particularmente um homem a fazer seu caminho nesse baixo mundo, mas, para minha infelicidade, quanto menos ela me seduz, mais ela me é necessária. Ser prudente é calcular, desconfiar, frequentemente se calar, por vezes rastejar; é imitar a serpente para melhor se defender entre as serpentes. Ora, a exemplo de são François de Sales, “eu daria de bom grado vinte serpentes por um pombo”. Eis porque eu aspiro outras esferas onde se possa ser imprudente sem correr riscos e onde os pombos não mais precisem temer as víboras.

Quando se compara a serenidade do céu e a da terra às tempestades que conturbam as almas de nossa época, emociona-se com uma imensa

²¹ Não apenas não se produzem riquezas, mas rasga-se sua vestimenta nos arbustos espinhosos do caminho, faz-se até inimigos, inimigos tão temíveis quanto inferiores pelo espírito.

piedade. A religião é feita para unir os homens a Deus e unirem-se também entre eles; para alegrá-los favorecendo sua constante aspiração pelo ideal.

Entretanto, é em seu nome que as crianças de Deus se dividem, se irritam e se perseguem. É em seu nome que a mesa da família se entristece em discussões irritantes, que a afeição se congela entre o marido e a mulher, entre o irmão e a irmã; é graças a ela que um profundo mal estar atormenta as nobres nações latinas. Ah! Seria bom viver se cada um tivesse o respeito a essa coisa sagrada que se chama convicção ou ao menos se cada um compreendesse que o proselitismo não é legítimo, fecundo, senão quando se supõe o amor desinteressado e se impede a amargura ou a violência.

Nós chegamos, senhora, à época da vida onde se faz um retorno para lançar um olhar melancólico sobre o caminho percorrido. Para a senhora, esse olhar deve ser a fonte de muitas alegrias puras, pois seus dias foram plenos diante do Senhor. A senhora teve a rara felicidade de amar sacrificando-se, de sofrer sem se lamentar, e de fazer muitos felizes sem se vangloriar.

Para mim, apesar de uma vida conturbada, observo que meus dias foram muito vazios e não ousou contar minhas falhas.

Meu corpo sucumbe sob o peso de minha alma e minha alma sucumbe sob o fardo de seus pensamentos.

Todavia, eu seria um ingrato se me atrevesse a reclamar. Menino mimado do céu, tive a incomparável felicidade de reencontrar um amigo! E que amigo? Um homem bastante nobre para honrar a santa causa da liberdade da qual ele se fez soldado, e cuja estima é um escudo contra a injúria; um homem cujo grande coração soube me dizer: “Seja sincero e mantenha-se de pé! Eu estarei lá para lhe impedir de morrer na miséria, ou de lhe apagar no esquecimento!”. E com esse amigo encontrei o anjo de asas brancas cujas mãos benfazejas me colocaram nos lábios a taça de Joaquim de Flore. Graças ao vinho generoso que sorvi, provei uma inefável alegria pelo pensamento de logo deixar esse mundo onde não passo de uma ovelha desgarrada. Daqui eu vejo minha Jerusalém cujo sorriso magnético

parece provocar minha evolução desde muitos anos, e na qual minhas dores, na ausência de minhas obras, talvez me permitirão aproximar-me dos banquetes. É aí que a bondade piedosa do Pai poupa uma doce vingança aos Espíritos incompreendidos dos quais se trata os sonhos de loucura, e aos corações machucados que souberam se manter fora da amargura. Ali não se vêem nem os povos que se degolavam, nem os padres que amaldiçoavam, nem os corações mal combinados que suspiram, mas por todos os lados veem-se almas livres e corações ensolarados que o amor faz cantar...

Ó Terra onde tanto sofri e que logo vou deixar, não sinto por ti senão uma viva gratidão mesclada a um pouco de piedade. Amo-te porque fostes para meu corpo um calvário e para minha alma um purgatório. Amo-te porque pude caminhar em teus caminhos irregulares, com nobres Espíritos e grandes corações.

Oh! que Deus consinta que se realize a prece de um espírito que se prepara para partir e logo tu verás se elevarem belos dias. Os mensageiros celestiais levarão por todos os lados o machado à floresta permeada por mentiras seculares e os corações, como os horizontes, se sentirão expandidos. A vida, então, não será mais uma batalha entregue à sombra, mas uma festa fraterna dada em pleno sol; e as esferas, vendo toda essa alegria, contarão às esferas a ascensão de sua pequena irmã entre seus irmãos mais velhos.

Conclusão

“Habent sua fata libelli”. Os livros têm seu destino.

Ao repetir esse aforismo do poeta da antiguidade, nós lhe pedimos, cara senhora, que faça com que todos seus amigos leiam essa pequena obra, crentes ou descrentes. Tanto os primeiros quanto os segundos poderão, talvez, sorver ensinamentos úteis; aos descrentes, lhes farão reencontrar uma fé que perderam e que acreditam estar desaparecida para sempre, e aos crentes, para fortalecer sua fé vacilante.

Disseram que o autor das belas páginas que a senhora leu retomou, em seus últimos anos de vida, a caneta para renegar e desmentir o que ele tinha escrito.

A fraqueza é algo grande entre os seres humanos. A História nos ensina que os gênios não ficaram salvaguardados dela. Mas é preciso levar em conta as circunstâncias que cercaram tais negações.

Vimos Galileu forçado a abjurar diante da Inquisição a verdade tão penosamente descoberta por ele. A posteridade mais esclarecida e também mais imparcial lhe perdoou a fraqueza, como perdoou algumas abjurações de outras grandes inteligências.

A indulgência de uns pelos outros deve se afirmar em todas as circunstâncias, é porque a pretensa retificação do autor de “O Espírito Consolador” não poderia perturbar nossa serenidade.

Ao escritor que preferiu o espírito que vivifica à letra que mata dirigimos nossa homenagem respeitosa e estamos felizes por nos inspirarmos em seu trabalho para o esclarecimento da humanidade.

Todos os seres humanos têm as mesmas fraquezas, mas também os mesmos impulsos entusiastas.

Nenhuma alma poderia ficar eternamente fechada à verdade. Nenhum coração humano poderia ser saciado pela mentira e pela impostura.

É um dever, para aqueles que sabem, mostrar a luz à alma assustada, é um dever levar ao coração desolado e ferido a esperança, essa flor divina, e

também a fé da qual ela é companheira inseparável; a fé pura, a fé que faz da razão uso e fundamento, a única capaz de elevar o ser humano e torná-lo digno de seu Criador.

Entretanto, cara senhora, lembre-se do que está escrito no Evangelho de São Mateus (VII, 6): “Não jogue pérolas aos porcos”.

Isso quer dizer que se a senhora encontra, em seu caminho, pessoas muito ignorantes para compreender algumas verdades, é preciso poupar o desejo de instruí-las contra sua vontade.

Então, jamais insista na presença de tolos e perversos porque eles são incapazes de pensar, de raciocinar e, conseqüentemente, de se instruírem.

Para nós, nosso objetivo foi retomar algumas verdades em poucas palavras. Não duvidamos que a senhora se esforçará para fazer o mesmo. A senhora tem a doçura persuasiva e procura, em todas as circunstâncias, ser útil a seus semelhantes.

Ao se esforçar por fazer o bem e ensiná-lo, a senhora conhece a alegria que eleva a alma e a prepara, assim, para a maravilhosa ascensão aos topos luminosos de onde, feliz e vibrante, abrirá suas asas translúcidas para subir, sempre mais alto, na direção do Deus supremo que lhe espera, com amor, em sua glória e majestade triunfantes.